



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DO PANTANAL**

OSVALDO GONÇALVES JÚNIOR

**O MOVIMENTO MIGRATÓRIO SAZONAL DOS ATLETAS DE FUTEBOL
PROFISSIONAL NA REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL-BOLÍVIA**

CORUMBÁ-MS

2024

OSVALDO GONÇALVES JÚNIOR

**O MOVIMENTO MIGRATÓRIO SAZONAL DOS ATLETAS DE FUTEBOL
PROFISSIONAL NA REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL-BOLÍVIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, como requisito final para obtenção de título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saúde, Educação e Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Carlo Henrique Golin

CORUMBÁ-MS

2024

OSVALDO GONÇALVES JÚNIOR

**O MOVIMENTO MIGRATÓRIO SAZONAL DOS ATLETAS DE FUTEBOL
PROFISSIONAL NA REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL-BOLÍVIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Estudos Fronteiriços da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, como requisito final para obtenção de título de Mestre.

Aprovado em 23 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Carlo Henrique Golin
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/PPGEF – CPAN)

Prof. Dr. Edgar Aparecido da Costa
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/PPGEF – CPAN)
Membro Interno

Prof. Dr. Alcides José Scaglia
(Universidade Estadual de Campinas/FCA)
Membro Externo

Dedico esta obra aos meus pais, Oswaldo Gonçalves e Maria Elisa, cujo amor e apoio inabaláveis moldaram cada passo deste caminho. À minha esposa, Silvia Regina, fonte constante de paciência e incentivo, e ao meu filho, Guilherme de Melo, cuja curiosidade incessante pela vida me inspira. Saibam que este estudo é mais do que uma realização pessoal; é uma celebração do amor e apoio extraordinários que recebi de vocês. Que esta conquista seja o prelúdio de muitos capítulos compartilhados em nossa jornada contínua de crescimento e aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientação divina, que me guiou durante este período de estudos, preservando minha saúde e possibilitando que eu alcançasse o meu objetivo final;

Quero expressar minha profunda gratidão à minha esposa Silvia Regina e ao meu filho Guilherme de Melo, pelo amor constante, apoio incondicional, compreensão e paciência demonstradas ao longo de toda a jornada de pesquisa;

À minha família, deixo meu agradecimento pelo suporte constante que sempre me foi oferecido ao longo da minha vida;

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Carlo Henrique Golin, manifesto meu reconhecimento pelo estímulo e pela dedicação de seu tempo ao longo dessa trajetória acadêmica;

Aos membros da banca de qualificação e defesa, Prof. Dr. Edgar Aparecido da Costa e Prof. Dr. Alcides José Scaglia, expresso meu sincero agradecimento pela valiosa participação e contribuição neste trabalho;

A todos os meus professores do curso de Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, expresso minha admiração pela excelência técnica de cada um;

À diretoria do Corumbaense Futebol Clube (CFC) pela autorização da nossa pesquisa, permitindo o acesso a documentos oficiais e visitas às dependências do Clube;

Aos colegas de mestrado, agradeço pelas enriquecedoras trocas de ideias e pela ajuda mútua ao longo do percurso acadêmico;

Aos amigos, com destaque para Gilson Pacola, meu sincero agradecimento pelo apoio constante e pela parceria inestimável durante toda a pesquisa.

GONÇALVES JÚNIOR, Osvaldo. **O movimento migratório sazonal dos atletas de futebol profissional na região fronteira Brasil-Bolívia**. 160f. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – Câmpus do Pantanal. Corumbá-MS, 2024.

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo compreender a dinâmica do movimento migratório sazonal dos atletas de futebol profissional na região fronteira Brasil-Bolívia, em Corumbá, cidade brasileira localizada no estado de Mato Grosso do Sul. Assim, o trabalho aborda as características diversas e peculiares que ocorrem na região do estudo, especialmente o fluxo migratório e os impactos sobre os atletas de futebol profissional do Corumbaense Futebol Clube (CFC). Fizeram parte da amostra os futebolistas brasileiros, maiores de 18 anos, que moram no Brasil e que já atuaram na cidade de Corumbá-MS (Brasil) durante o período de 2010 a 2021, considerando aqueles que precisaram buscar alternativas de trabalho em equipes amadoras na Bolívia. Deste modo, a sazonalidade futebolística fronteira, os desafios e as oportunidades desse contexto foram os tópicos centrais articulados para averiguação na presente pesquisa. Para tal propósito, adotou-se uma metodologia descritiva. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa empírica, utilizando um roteiro de entrevista semiestruturado, que foi registrado por meio da gravação de áudios. O esquema de entrevista foi dividido em três blocos de perguntas distintos, abordando: 1) o perfil do futebolista profissional; 2) o envolvimento do atleta de futebol profissional no ambiente fronteiro; e 3) a carreira do atleta profissional e o contexto fronteiro. A avaliação final engloba a análise das informações obtidas durante o trabalho de campo, visando a enriquecer reflexões e debates, ao integrar conceitos teóricos com dados empíricos encontrados, promovendo uma abordagem holística e fundamentada na produção científica sobre o tema até o momento. Diante disso, por meio dos resultados encontrados na pesquisa, identificaram-se alguns percalços relacionados à sazonalidade dos atletas do CFC na Bolívia, sendo que, entre esses desafios, destacam-se o estado ruim dos gramados nos campos de jogo, a possibilidade de lesões e a falta de vínculo trabalhista. Entretanto, essa sazonalidade apresentou oportunidades consideráveis para esses atletas, tais como: complemento do calendário anual futebolístico, ganhos monetários importantes, manutenção da condição física e técnica buscando um eventual retorno ao futebol profissional, além da chance de aproximação e vivência em uma nova cultura na Bolívia. Em conclusão, os resultados indicam caminhos promissores e descortinam alguns horizontes para uma melhor compreensão da temática na localidade estudada, bem como sugerem a necessidade de estudos mais profundos sobre a migração sazonal na região. O estudo, em parte, também evidencia a necessidade de implementação de alguma política pública e/ou articulação via iniciativa privada para assegurar a permanência dos atletas do CFC em atividades remuneradas na conjuntura futebolística ao longo de suas carreiras profissionais, haja vista que o contexto fronteiro Brasil-Bolívia, apesar de sua complexidade, revela-se um gerador de oportunidades significativas.

Palavras-chave: Futebol. Fronteira. Atleta. Sazonalidade. CFC.

GONÇALVES JÚNIOR, Osvaldo. **The seasonal migratory movement of professional football athletes in the Brazil-Bolivia border region.** 160p. Masters dissertation (Postgraduate Programme in Border Studies) – Federal University of Mato Grosso do Sul – UFMS – Pantanal Campus. Corumbá-MS, 2024.

ABSTRACT

The main objective of this study was to understand the dynamics of the seasonal migratory movement of professional football players in the Brazil-Bolivia borderregion in Corumbá, a Brazilian city located in the state of Mato Grosso do Sul. Thus, the work addresses the diverse and peculiar characteristics that occur in the study region, especially the migratory flow and the impactson professional football athletes of Corumbaense Futebol Clube (CFC). The sample included Brazilian footballers over 18 years old who live in Brazil and have played in the city of Corumbá-MS (Brazil) between 2010 and 2021, considering those Who had to look for alternative work in amateur teams in Bolivia. Therefore, the seasonality of border football along with the challenges and opportunities of this context, were the central topics articulated for investigation in this research. For this purpose, a descriptive methodology was adopted. Data was collected through empirical research, using a semi-structured interview script, which was recorded by audio recording. The interview scheme was divided into three different blocks of questions, covering: 1) the profile of the professional footballer; 2) the involvement of the professional footballer in the border environment; and 3) the career of the professional footballer and the border context. The final evaluation includes an analysis of the information obtained during the fieldwork, aiming to enrich reflections and debates by integrating theoretical concepts with empirical data, promoting a holistic approach and based on scientific production on the subject to date. Based on the results of the research, some challenges related to the seasonality of CFC athletes in Bolivia were identified. Among these challenges were the poor state of the lawns on the playingfields, the possibility of injuries, and the lack of employment contracts. However, this seasonality has presented considerable opportunities for these athletes, such as complementing the annual football calendar, significant financial gains, maintaining physical and technical condition with a view to an eventual return to professional football, as well as the chance to get closer to and experience a new culture in Bolivia. In conclusion, the results indicate promising paths and reveal some horizons for a better understanding of the issue in the locality studied, as well as suggesting the need for more in-depth studies on seasonal migration in the region. The study also highlights the need to implement public policies and/or private sector initiatives to ensure that CFC athletes remain engaged in paid activities throughout their professional careers. This is especially relevant considering that the Brazil-Bolivia border context, despite its complexity, presents significant opportunities.

Keywords: Football. Border. Athlete. Seasonality. CFC.

GONÇALVES JÚNIOR, Osvaldo. **El movimiento migratorio estacional de deportistas de fútbol profesional en la región fronteriza Brasil-Bolivia**. 160f. Tesis de Maestría (Postgrado Maestría em Estudos Fronterizos) – Universidad Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – Campus do Pantanal. Corumbá-MS, 2024.

RESUMEN

El principal objetivo de este estudio fue comprender la dinámica del movimiento migratorio estacional de deportistas de fútbol profesional en la región fronteriza Brasil-Bolivia, en Corumbá, ciudad brasileña ubicada en el estado de Mato Grosso do Sul. Así, el trabajo aborda las características diversas y peculiares que ocurren en la región del estudio, especialmente el flujo migratorio y los impactos en los deportistas profesionales del club Corumbaense Futebol Clube (CFC). La muestra incluyó futbolistas brasileños, mayores de 18 años, que viven en Brasil y que ya jugaron en la ciudad de Corumbá-MS (Brasil) durante el período de 2010 a 2021, considerando aquellos que necesitaban buscar alternativas laborales en equipos amateurs en Bolivia. De esta forma, la estacionalidad del fútbol fronterizo, los desafíos y oportunidades de este contexto fueron los temas centrales articulados para la investigación en la presente pesquisa. Para lograr este fin, se adoptó una metodología descriptiva. La recolección de datos se realizó mediante investigación empírica, utilizando un guion de entrevista semiestructurada, la cual fue grabada mediante grabación de audio. El esquema de entrevista se dividió en tres bloques distintos de preguntas, abordando: 1) el perfil del futbolista profesional; 2) la implicación del deportista de fútbol profesional en el entorno fronterizo; y 3) la carrera del deportista profesional y el contexto fronterizo. La evaluación final comprende el análisis de la información obtenida durante el trabajo de campo, buscando enriquecer reflexiones y debates integrando conceptos teóricos con datos empíricos encontrados, promoviendo un enfoque holístico basado en la producción científica sobre el tema hasta el momento. Por lo tanto, a través de los resultados encontrados en la investigación, se identificaron algunos problemas relacionados con la estacionalidad de los deportistas del CFC en Bolivia, y entre estos desafíos el mal estado del césped de las canchas de juego, la posibilidad de lesiones y la falta de relación laboral. Sin embargo, esta estacionalidad presentó oportunidades considerables para estos deportistas, tales como: complementar el calendario futbolístico anual, importantes ganancias monetarias, mantener la condición física y técnica con miras a un eventual regreso al fútbol profesional, además de la posibilidad de acercarse y vivir una nueva cultura en Bolivia. Em conclusión, los resultados indican caminos prometedores y revelan algunos horizontes para una mejor comprensión del tema en la localidad estudiada, además de sugerir la necesidad de estudios más profundos sobre la migración estacional en la región. El estudio, en parte, también destaca la necesidad de implementar alguna política pública y/o articulación vía iniciativa privada para asegurar la permanencia de los deportistas de la CFC en actividades remuneradas en el contexto futbolístico a lo largo de su Carrera profesional, dado que el contexto fronterizo Brasil-Bolivia, más allá de su complejidad, se revela como un generador de importantes oportunidades.

Palabras clave: Fútbol. Frontera. Deportista. Estacionalidad. CFC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Federações continentais afiliadas à Fifa	24
Figura 2	– Gerenciamento do futebol: da escala global à nacional	25
Figura 3	– Charles Miller com a equipe do <i>São Paulo Athletic Club</i> (1895)	27
Figura 4	– Campo de várzea onde em 1895 seria realizada a primeira partida de futebol no Brasil	28
Figura 5	– Primeira partida após a implantação da profissionalização do futebol no Brasil em 1933	33
Figura 6	– Primeiro título da Seleção Brasileira de Futebol – Copa América 1919	35
Figura 7	– Último título da Seleção Brasileira de Futebol – Copa América 2019	36
Figura 8	– Termo de Abertura do CFC, Ata de Fundação (1914) e capa do Estatuto Social (1982)	43
Figura 9	– Sede administrativa do CFC – Corumbá-MS	43
Figura 10	– Localização da cidade de Corumbá-MS na fronteira Brasil-Bolívia	44
Figura 11	– Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Campeão (1914–1915)	45
Figura 12	– Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Campeão da Cidade de Corumbá (1920–1922–1923)	46
Figura 13	– Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Campeão do Torneio Governador Dr. José Fragelli – Primeiro título no profissionalismo (1973)	48
Figura 14	– Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Disposição dos jogadores em campo na final do Torneio Governador Dr. José Fragelli (1973)	48
Figura 15	– Estádio Arthur Marinho – CFC – Campeão estadual de futebol profissional Série A de MS	50
Figura 16	– Atletas, comissão técnica e diretoria do CFC – Bicampeão sul-mato-grossense de futebol profissional – Série A (2017)	52
Figura 17	– Atletas e comissão técnica do CFC – Campeão sul-mato-grossense de futebol Sub-19 (2017)	52
Figura 18	– Fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá-MS	66
Figura 19	– Oruro Royal – Clube pioneiro na Bolívia (1896)	71
Figura 20	– Déficits e perdas de receitas dos principais clubes futebolistas no Brasil em 2020	76
Figura 21	– Integrante da Torcida Jovem Corumbá (TJC) em ação social durante a pandemia da Covid-19 em 2020	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Equipes das Séries A, B, C, D do Brasileirão em 2023, por região	41
Gráfico 2 – Percentual de quanto ganha um jogador de futebol no Brasil em 2023 a cada faixa salarial	42
Gráfico 3 – Nações com maior número de futebolistas expatriados	62
Gráfico 4 – Futebolistas brasileiros expatriados de 2017 a 2023	62
Gráfico 5 – Principais destinos dos futebolistas brasileiros pelo mundo	63
Gráfico 6 – Futebolistas brasileiros atuando na Série A em outros países da América do Sul em 2023	64
Gráfico 7 – Número de atletas de futebol profissional sob contrato com o CFC entre 2010 e 2024	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Amostra preliminar dos possíveis sujeitos da pesquisa	86
Quadro 2 – O envolvimento dos jogadores profissionais de futebol do CFC na região Fronteira Brasil-Bolívia	135
Quadro 3 – O desempenho dos futebolistas do CFC na região fronteira Brasil-Bolívia	140
Quadro 4 – O complemento de renda dos futebolistas do CFC na fronteira Brasil-Bolívia	144
Quadro 5 – A carreira dos futebolistas do CFC e a sazonalidade na fronteira Brasil-Bolívia	149
Quadro 6 – A pandemia da Covid-19 e os desafios do atleta profissional do CFC no contexto fronteiriço	156

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA	Associação de Futebol Argentino
AFC	Confederação Asiática de Futebol
AMB	Associação Médica Brasileira
BAFC	Buenos Aires Futebol Clube
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAF	Confederação Africana de Futebol
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFC	Corumbaense Futebol Clube
CFM	Conselho Federal de Medicina
Concacaf	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
Conmebol	Confederação Sul-Americana de Futebol
Covid-19	<i>Corona Virus Disease</i> (ano 2019)
FA	Federação Inglesa de Futebol
FBS	Federação Brasileira de Sports
FFMS	Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul
Fifa	Federação de Futebol Internacional Associado
FIGC	Federação Italiana de Futebol
FSM	Federação Sportiva Matto-Grossense
Funec	Fundação de Esportes de Corumbá
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ifab	International Football Association Board
LEC	Liga de Esportes de Corumbá
Lema	Liga Esportiva Municipal de Amadores
Lemc	Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense
LFPB	Liga de Futebol Profissional Boliviano
MLS	<i>Major League Soccer</i>
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
OFC	Confederação de Futebol da Oceania
OMS	Organização Mundial de Saúde

Reme	Rede Pública Municipal de Ensino
RFEF	Federação Espanhola de Futebol
RNF	Ranking Nacional de Federações
SAF	Sociedade Anônima do Futebol
Semed	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TJC	Torcida Jovem Corumbá
Uefa	União das Associações Europeias de Futebol
UFMS/CPAN	Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A HISTORICIDADE DO FUTEBOL: DO GLOBAL PARA O LOCAL – CORUMBÁ-MS	20
2.1	Contexto histórico do futebol moderno no mundo	20
2.2	O futebol avista o Brasil: origem e formação do futebolista	25
2.3	Componentes históricos do Corumbaense Futebol Clube e sua representatividade no futebol de Mato Grosso do Sul	42
3	O ATLETA DE FUTEBOL PROFISSIONAL NO AMBIENTE FRONTEIRIÇO	56
3.1	O futebol e os imigrantes da bola	56
3.2	A migração sazonal do atleta de futebol profissional na fronteira de MS: desafios e oportunidades	65
3.3	Os percalços da pandemia para os futebolistas profissionais na região Fronteiriça Brasil-Bolívia	73
4	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA DE CAMPO	81
4.1	Caracterização da pesquisa	81
4.2	Materiais e métodos	82
4.3	Etapas da pesquisa	84
4.4	Levantamento de dados preliminares	85
4.5	Pesquisa de campo	87
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	89
5.1	O perfil dos atletas de futebol profissional que atuaram no CFC e realizaram o fluxo sazonal na Bolívia	89
5.2	O envolvimento do futebolista profissional e sua atuação na fronteira em MS	91
5.2.1	Grau de envolvimento dos atletas de futebol profissional do CFC na fronteira de MS	91
5.2.2	Desempenho das ações futebolísticas do atleta de futebol profissional do CFC na região fronteiriça de MS	93
5.3	A carreira do atleta profissional e o contexto fronteiriço em MS	96
5.3.1	A complementação de renda dos atletas do CFC na Bolívia	97
5.3.2	A carreira futebolística e a sazonalidade dos atletas do CFC na fronteira de MS	98
5.3.3	O momento pandêmico na vida dos atletas do CFC na região fronteiriça Brasil-Bolívia	102
6	PROPOSTA DE AÇÃO	105
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106

REFERÊNCIAS	111
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO	128
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	132
APÊNDICE C – QUADROS DE TRANSCRIÇÕES	135
ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	158
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DO CFC	159
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	160

1 INTRODUÇÃO

O interesse e envolvimento com o futebol se estabeleceram quando éramos muito jovens, ao ingressarmos e permanecermos como atleta amador por quatro anos nas categorias de base do Londrina Esporte Clube, equipe sediada na cidade de Londrina, na região norte do estado do Paraná. Apesar de não conseguirmos transitar para o futebol profissional como jogador, permanecemos conectados ao contexto futebolístico. Nesse sentido, adentramos no meio acadêmico como uma estratégia para alcançar tal objetivo, algo que foi concretizado com a formação em Educação Física – Bacharelado e Licenciatura –, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), intensificado ao realizar especialização – Pós-Graduação *Lato Sensu* – em Motricidade Humana e Recreação, pelo Instituto Cuiabano de Educação (ICE), ambas formações realizadas em Cuiabá-MT.

Após a conclusão do curso de graduação em 1998, sempre atuando profissionalmente no contexto futebolístico, tivemos a oportunidade de vivenciar diversos segmentos da área técnica no referido setor, desde escolinhas de iniciação, categorias de base e até no futebol profissional. Por isso, o tema central desta dissertação desponta, em parte, no ano de 2011, ao chegar a Corumbá em Mato Grosso do Sul (MS), cidade fronteira entre Brasil e Bolívia, para sermos o treinador da equipe profissional do Corumbaense Futebol Clube (CFC). A temática acabou sendo maturada e fortalecida entre os anos de 2016-2018, sobretudo quando retornamos ao clube pela segunda vez, exercendo as funções de auxiliar técnico e, posteriormente, como treinador interino da equipe profissional durante esse período.

Apesar de termos conhecido a cidade de Corumbá em 2011, nesta breve passagem pelo CFC, visto termos dirigido o clube por apenas dois meses durante o campeonato estadual de futebol profissional daquele ano, essa realidade fronteira (Brasil-Bolívia) só nos foi sentida mais efetivamente retornando à cidade em 2014, tomando posse no concurso público municipal. Portanto, passamos a integrar o quadro efetivo dos professores de Educação Física da Rede Pública Municipal de Ensino (Reme) em Corumbá-MS. Lembrando que esse contexto fronteiro é abordado no pensamento de Machado (1998), em que ela nos leva a considerar que a fronteira é um cenário de vivências, experiências, conflitos e interações. Segundo a autora, o termo “fronteira” emergiu como um fenômeno da vida social nas áreas limítrofes das regiões habitadas, transformando-se em espaços de comunicação e, conseqüentemente, adquirindo um caráter político. Machado (1998) destaca que as fronteiras são objetos de preocupação contínua por parte dos estados e países, no que tange ao controle e à ligação entre eles.

Na sequência, iniciamos os trabalhos nas unidades escolares Almirante Tamandaré e Cássio Leite de Barros. Contudo, por apenas dois anos, visto que, no fim de 2015, surgiu o convite para fazermos parte do quadro funcional da Fundação de Esportes de Corumbá (Funec), com o cargo de supervisor, coordenando um programa denominado Geração Olímpica, especialmente na modalidade de futebol de campo, permanecendo até os dias atuais. Entretanto, no início de 2016, por meio de uma parceira da Funec com o CFC, passamos a integrar a comissão técnica da equipe profissional do Clube até meados de 2018. Esses vários anos no CFC deram-nos grandiosas vivências e interações com diversos atletas locais, de outros estados e até de outros países, pois participamos de diversas competições de futebol profissional, tais como: três campeonatos estaduais de MS, duas Copas do Brasil e uma Copa Verde.

Essa convivência com os atletas de futebol do CFC exacerbou-nos a inquietação quanto à realidade profissional desses sujeitos aqui em Corumbá-MS, na região fronteira Brasil-Bolívia. Isso ocorreu devido a um calendário futebolístico deficitário e às dificuldades enfrentadas pelo Clube, agravadas pela pandemia da Covid-19 no início de 2020. As alternativas de renda, ou mesmo sua complementação, tornaram-se, até certo ponto, escassas para a maioria dos atletas profissionais locais que dependiam do clube. Portanto, em 2020, o CFC encontrava-se licenciado¹ junto à Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (FFMS); em 2024, disputou a primeira divisão, ficando entre as quatro melhores equipes, e, em 2023, obteve o acesso à Série A quando conquistou o vice-campeonato da Série B em MS.

Nessa conjuntura, diversos jogadores brasileiros, popularmente conhecidos pela sua qualidade técnica superior na região, são frequentemente requisitados por representantes de equipes ou clubes esportivos da Bolívia, embora esses atletas saibam que muitas dessas equipes não disputam competições profissionais, participando apenas de campeonatos amadores. Sobre este tema, por exemplo, Leme (2011) descreve que o futebol amador torna-se uma referência para os jogadores que se encontram sem afiliação com clubes profissionais, visto que esses atletas participam ativamente ao praticar o esporte amador como uma maneira de manter a sua forma física, ganharem algum dinheiro, além de objetivarem o preparo para futuras oportunidades profissionais no campo esportivo futebolístico. Por isso, de forma mais peculiar, é possível afirmar que o futebol amador desempenha um papel crucial na vida do atleta sem um clube profissional, sendo que, de um lado, representa a chance de retorno ao

¹ O termo “licenciado” refere-se a um clube esportivo que está devidamente afiliado, de acordo com as normas legais, à sua respectiva federação de origem e decide não participar de competições futebolísticas por um período de tempo determinado.

cenário do futebol profissional e, do outro, surgem incertezas desses profissionais sobre as perspectivas de sua vida fora dos campos futebolísticos.

Quando destacamos essas particularidades de interação, impacto social e econômico nos atletas de futebol profissional na região fronteira em estudo, precisamos evidenciar os inúmeros desafios, anseios e as demais particularidades que permeiam o movimento migratório intitulado de sazonal por parte desses atletas. Inclusive, essa migração sazonal é definida pela sua temporalidade, sendo um movimento constante que ocorre anualmente em alguns períodos, no formato de zigue-zague, sempre com períodos de regresso, nunca de forma definitiva. Portanto, a sazonalidade está conexas a uma forma de deslocamento temporário que ocorre devido a diferentes motivações; após certo período, o migrante retorna ao seu local de origem (Araújo, 2017).

Isso justifica esta proposta de estudo, uma vez que, segundo Albuquerque (2006), as fronteiras são caracterizadas por fluxos, obstáculos e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Além disso, elas representam espaços para diferentes oportunidades, inclusive distintas formas de integração cultural, social e econômica. Dessa maneira, o presente estudo objetivou, de forma geral, compreender a dinâmica dos movimentos migratórios sazonais entre os atletas profissionais de futebol do CFC na região fronteira Brasil-Bolívia, exclusivamente considerando os jogadores profissionais que atuaram no clube entre os anos de 2010 e 2021. Além disso, o trabalho foi direcionado, particularmente, para atletas brasileiros que moram no Brasil, maiores de 18 anos e que atuam nas equipes amadoras na Bolívia.

Para esse propósito, a pesquisa buscou investigar, de modo específico, os fatores que levam os atletas de futebol profissional do CFC, que atuaram na cidade de Corumbá-MS (Brasil), a procurarem alternativas de trabalho na Bolívia, sobretudo como uma complementação de renda e preenchimento do calendário anual em atividades futebolísticas.

Diante disso, na próxima seção, buscamos demonstrar o cenário histórico do futebol no mundo, oferecendo uma visão que parte do global até o local, concentradamente em Corumbá-MS. Apresentamos o contexto histórico do futebol moderno no mundo, seu surgimento como modalidade esportiva no continente europeu, sua relevância na cultura e popularidade mundial. Também destacamos a chegada do esporte na América do Sul, ainda no século XIX, mais precisamente à Argentina, ao Uruguai e, concomitantemente, ao Brasil, bem como a origem e formação dos futebolistas no País. Além disso, descrevemos como decorreu a disseminação do futebol por todo o território nacional brasileiro, com ênfase nos componentes históricos do CFC e na sua representatividade do futebol de MS.

Na terceira seção desta pesquisa, abordamos o universo do atleta de futebol profissional no ambiente fronteiriço, refletindo sobre como ocorre a migração por meio do futebol. Destacamos os desafios e oportunidades decorrentes da migração sazonal para esses futebolistas profissionais na fronteira Brasil-Bolívia em MS. Realizamos ainda uma análise dos percalços enfrentados devido à pandemia da Covid-19 por esses sujeitos, considerando especialmente a fronteira Brasil-Bolívia neste contexto.

Na quarta seção, demonstramos um possível caminho da metodologia que será empregada na pesquisa de campo, incluindo o delineamento geral do estudo com base em autores como Bardin (1977), Silva e Menezes (2001), Vargas e Maldonado (2001), May (2004), Gil (2008) e Creswell (2014). Abordamos também os objetivos da pesquisa, os materiais utilizados e o procedimento para o levantamento de dados preliminares. Destacamos que os formulários utilizados em português compreendem uma espécie de roteiro de entrevista (APÊNDICE B).

Na sequência, apresentamos os resultados deste estudo, que descrevem a relevância e as lacunas que afetam o atleta de futebol profissional que vive em uma região de fronteira, mais especificamente na região fronteiriça Brasil-Bolívia, em Corumbá-MS. Dessa forma, analisamos essa temática para fornecer subsídios e informações significativos aos atletas profissionais que frequentam o clube local em Corumbá-MS. Quanto à parte empírica, essa foi uma oportunidade interessante para ouvir os envolvidos, ou seja, os atletas profissionais que vivem na fronteira, garantindo assim que suas vozes sejam devidamente reverberadas e consideradas.

2 A HISTORICIDADE DO FUTEBOL: DO GLOBAL PARA O LOCAL – CORUMBÁ-MS

O futebol é um dos esportes de maior relevância na cultura mundial e mais popular do planeta, inclusive, hoje, é altamente padronizado, tendo sua prática difundida de forma extraordinária ao redor do mundo (Scaglia, 1999). Corroborando com tal afirmação, Teoldo, Garganta e Guilherme (2015) afirmam que o futebol ocupa um lugar de destaque no cotidiano de muitas pessoas, o que pode ser constatado até nos mais desconhecidos lugares do mundo. Leal (2000) também concorda e ratifica, nos apontando que

[...] o futebol é o mais popular esporte da Terra, graças ao seu fascínio, à facilidade de poder ser praticado em pequenos espaços e ao baixo custo de material, pois uma simples bola feita de meia velha, recheada de papel, jogada por pés descalços, exercita, diverte e socializa uma coletividade (Leal, 2000, p. 25).

2.1 Contexto histórico do futebol moderno no mundo

Historicamente, conforme esclarece Leal (2000), o berço do futebol moderno foi a Inglaterra, mais precisamente no século XIX, sendo que, a partir de 1823, ele foi estabelecido dentro dos padrões atuais e que, posteriormente, foi levado para outros países europeus, como Dinamarca e Itália. Trevisan (2019) concorda com tal pensamento, atribuindo todos os méritos aos ingleses quanto à modernização do futebol. Pois, segundo o mesmo autor, em 1863, foi criada a Federação Inglesa de Futebol (*English Football Association*), entidade mais antiga do mundo e responsável pela regulamentação do futebol no país. Trevisan (2019) comenta que o inglês Ebenezer Cobb Morley, além de um dos fundadores, foi o grande responsável em escrever e formalizar as 13 regras iniciais desse esporte, precedendo, assim, as 17 regras que regulamentam o futebol atualmente no mundo.

Segundo Magalhães (2016), essa colaboração europeia para a modernização e regulamentação do futebol estabelece-se no ano de 1886 com a fundação da *International de Football Association Board (Ifab)*, composta pelas quatro Federações Inglesas – Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda –, com a finalidade de padronizar e preservar as regras do futebol. Para qualquer solicitação de mudança em algumas das 17 regras atuais, há a necessidade de aceitação de 3/4 dos membros da Ifab, atuando assim como protetora das regras do futebol internacional. Hoje, além dos quatro representantes dos países fundadores, um delegado da Fifa também participa de eventual votação.

Tonini e Giglio (2019) evidenciam esse engrandecimento da modalidade, já que o futebol vislumbra os primeiros passos rumo à profissionalização, destacando a fundação da Fifa em 1904, sendo mais um importante marco na história da modernização desse esporte. Dizem literalmente os autores:

A Federação Internacional de Futebol Associação (Fifa) foi criada em 21 de maio de 1904², em Paris, com a presença de sete membros europeus. Estiveram presentes nessa reunião: Robert Guérin e A. Espir (França), Mühlhngaus e Max Kahn (Bélgica), Hirschman (Holanda), A. Espir (Espanha) e Sylow (Dinamarca e Suécia). Não há uma explicação no documento da fundação da Fifa para o fato de um mesmo representante ser de dois países. E ainda há uma informação que aumentaria o número de membros, pois a Alemanha havia aderido, a princípio, por telegrama. Em seu estatuto, os 10 artigos que compunham a constituição da Fifa ressaltavam o papel da entidade de regular e desenvolver o futebol internacional (Tonini; Giglio, 2019, p. 2).

Ao retratamos o futebol, a Fifa passa a ser a maior entidade, a grande responsável pela regulamentação dessa modalidade mundialmente. Por consequência, ela passa a ter a incumbência de organizar a Copa do Mundo de quatro em quatro anos, sendo a primeira edição masculina do evento realizada em 1930, na cidade de Montevidéu, capital do Uruguai, composta apenas por 13 seleções, tendo o país anfitrião como campeão, derrotando a Argentina na final (Fifa, s.d.).

Atualmente, o Campeonato Mundial de futebol masculino³ é composto por 32 seleções, sendo que a sua última edição foi em 2022, pela primeira vez, no Oriente Médio, mais precisamente no Catar. Em termos de resultados, tivemos a seleção Argentina como campeã, a França vice-campeã e o Brasil ficando em sétimo lugar, atrás de seleções menos tradicionais no cenário futebolístico mundial, como Marrocos e Croácia. De acordo com Fernández (2023), repórter de um *site* da cidade do Rio de Janeiro, a próxima edição da Copa do Mundo, em 2026, terá como países-sede o Canadá, os Estados Unidos e o México, situados na América do Norte. Esse formato estabelece uma gestão compartilhada do evento e contará com um número recorde histórico de participantes: 48 seleções, divididas em 12 grupos de quatro equipes. Classificar-se-ão para a fase eliminatória os dois melhores colocados de cada grupo e os oito melhores terceiros colocados, que irão para a fase eliminatória “mata-mata” até a grande final. Com essa iminente alteração no formato do

² A Inglaterra não aceitou participar da reunião de criação da Fifa, pois já tinha a sua própria associação de futebol, a *Football Association*, desde 1863, e que regulava as provas deste desporto em terras inglesas.

³ Devido ao CFC não possuir equipe feminina no futebol profissional, considerando o período entre 2010 a 2021, o presente estudo realça apenas os atletas profissionais do futebol masculino.

próximo Mundial, as equipes que conquistarem o direito de ir às semifinais realizarão oito partidas, não mais as históricas sete. O mesmo repórter nos expõe que essa normativa foi definida pelo Conselho da Fifa – autoridade mais importante da instituição –, organizado em Kigali, capital de Ruanda, na África, no mês de março de 2023. Essa mesma nação recebeu o Congresso da Fifa, sendo que o então Presidente, Gianni Infantino, foi reeleito para um novo ciclo até 2027.

Retratando a história do futebol no continente sul-americano, Scaglia (1999) evidencia que o futebol tenha chegado aqui primeiramente em solo argentino, aproximadamente na segunda metade do século XIX, trazido pelos ingleses. Fernando (2008) ratifica esse entendimento, atribuindo à Argentina o pioneirismo na prática da modalidade na América do Sul, mais precisamente na cidade de Buenos Aires. Segundo o autor, foi o momento que o capitão inglês Thomas Hogg, no dia 20 de junho de 1867, realizou a fundação do primeiro clube futebolístico, o *Buenos Aires Football Club* (BAFC), portanto sendo o BAFC o palco da primeira partida oficial da modalidade no país. Contudo, de acordo com Rossi e Mendes Júnior (2014), a divulgação e o crescimento do futebol em solo argentino se caracterizam pela chegada do escocês e professor de letras chamado Alejandro Watson Hutton, no ano de 1882. Assim, ao adentrar no país com equipamentos, como chuteiras, bolas, camisetas e, principalmente, com um livro de regras do referido esporte, resolve, por iniciativa própria, organizar efetivamente as primeiras partidas de futebol.

Importa ressaltar que as divergências nas datas sobre a chegada do futebol ao continente sul-americano decorrem da perspectiva dos autores supracitados anteriormente em relação ao fenômeno futebolístico. Assim, foi delineado um contexto histórico inicial desde os primórdios da descoberta e do aprendizado da modalidade na Argentina no século XIX. Num segundo momento, no mesmo século, destacam-se as questões relacionadas à prática propriamente dita: exposição, desenvolvimento e organização futebolística no país argentino e, por conseguinte, nas demais nações sul-americanas.

Todo esse momento histórico, desde a chegada até a difusão do futebol na América do Sul, é retratado de forma significativa pela *Coleção Placar História do Futebol* (1998). Nesse material, é descrito que o futebol foi trazido por marinheiros e imigrantes ingleses que ancoraram em Buenos Aires por volta de 1860, tendo seu início por meio de uma reunião informal entre colegas. As equipes eram basicamente estabelecidas por ingleses, diplomatas e empregados das empresas de gás da capital argentina.

Para Zat e Triches (2019), a ascendência inglesa no futebol argentino está diretamente ligada ao fato de que, na época em questão, o país inglês tinha um relevante intercâmbio

econômico, cultural e político com nações sul-americanas, executando significativas aplicações financeiras, além de estimular as tradições e práticas de atividades esportivas.

Foi desta forma que o futebol acaba por ser introduzido no país através de ingleses que possuíam relações com as classes altas argentinas através das empresas de origem britânica, bem como a classe média e baixa acabou por aprender a prática futebolística com os marinheiros e, principalmente, os empregados das estradas de ferro, que nesse momento estavam se expandindo pelo território nacional argentino (Zat; Triches, 2019, p. 589).

Para Scaglia (1999), o período que compreende o fim do século XIX e início do século XX, houve essa disseminação considerável do futebol para outros países sul-americanos. Para o autor, além da Argentina, logo foi inserido no Uruguai, chegando quase que concomitantemente ao Brasil. Entretanto, Cayo (2013) indica que várias associações nacionais surgiram em algumas nações sul-americanas antes do início do século XX, desempenhando um papel significativo na expansão e disseminação do futebol. Entre as federações estabelecidas na América do Sul, merecem destaque a da Argentina (1893), a chilena (1895) e a uruguaia (1900). Essas entidades, além de colaborarem para o desenvolvimento e a popularização do esporte, foram instrumentos que precederam a fundação da Confederação de Futebol no continente sul-americano.

Na América do Sul, a entidade que na atualidade regulamenta o futebol é a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), instituição criada em 9 de julho de 1916, em Buenos Aires, capital da Argentina. Ela é composta por dez países de federações nacionais: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, tendo como sede a cidade de Luque no Paraguai, sendo seu representante maior o presidente de nacionalidade paraguaia, o senhor Alejandro Domínguez (Brinkmann, 2021).

Brinkmann (2021) descreve que o campeonato de maior relevância promovido pela Conmebol, a Copa Libertadores da América, vem sendo disputada desde 1960, neste caso pelos clubes melhores ranqueados dentro das confederações dos seus respectivos países. Lembrando que a equipe campeã da Copa Libertadores da América representa a América do Sul no Campeonato Mundial de Clubes, anualmente organizado pela Fifa com a participação de todas as federações continentais. Destacamos que, além da Confederação Sul-Americana de Futebol – Conmebol (América do Sul) – criada em 1916; a União das Associações Europeias de Futebol – Uefa (Europa) – foi fundada em 1954; a Confederação Asiática de Futebol – AFC (Ásia e Austrália) – foi fundada em 1954; a Confederação Africana de Futebol – CAF (África) – foi fundada em 1957; a Confederação de Futebol da América do Norte,

Central e Caribe – Concacaf (América do Norte, Central e Caribe) – foi fundada em 1961; e a Confederação de Futebol da Oceania – OFC (Oceania) – foi fundada em 1966. Essas federações continentais estão reproduzidas na Figura 1:

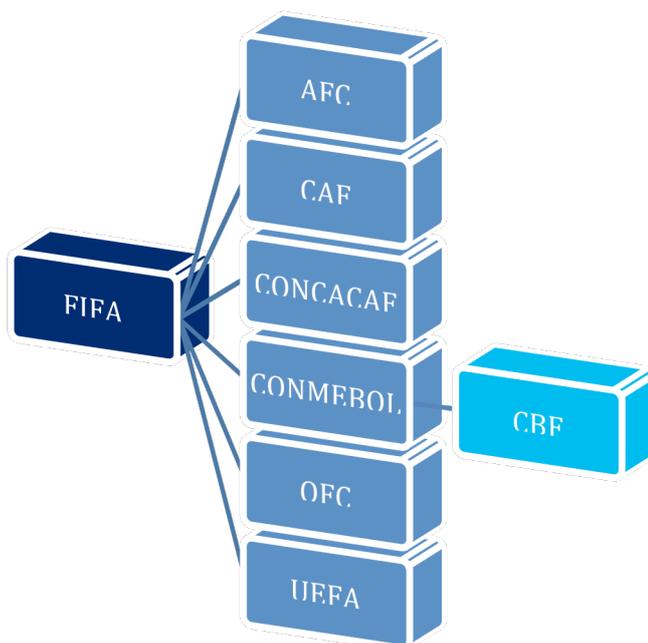
Figura 1 – Federações continentais afiliadas à Fifa



Fonte: Tofani (2019)

Tofani (2019) ressalta que essas Federações Continentais respondem pela administração futebolística em seus respectivos continentes, promovendo competições de clubes e seleções em suas regiões de gerenciamento, já que devido à cobertura da Fifa ocorrer de maneira global, é fundamental essa fragmentação do modelo organizacional por meio dessas instituições. A mesma autora nos relata que essas entidades continentais não são, exatamente, integrantes da Fifa, apesar de que as considere, tendo como instituições subordinadas as federações nacionais, como exemplos: Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no Brasil, Associação de Futebol (FA) na Inglaterra, Associação de Futebol Argentino (AFA) na Argentina, dentre outras. Ressaltamos que cabem às confederações e/ou federações a organização e estruturação das competições no âmbito nacional, desenvolvendo o campeonato no seu país e, ao menos, uma Copa. Em várias nações, as federações nacionais ainda fomentam e elaboram as competições das categorias de formação. Já Cayo (2013) mostra-nos uma “estrutura organizacional” do futebol mundial, o que pode ser melhor visto na Figura 2, destacando a CBF, entidade incumbida pela gerência do futebol no Brasil:

Figura 2 – Gerenciamento do futebol: da escala global à nacional



Fonte: Cayo (2013, p. 222)

Sobre, ainda, o gerenciamento do futebol mundial, Aidar (2000) lembra-nos que, tanto nas federações nacionais quanto nas internacionais, os respectivos modelos organizacionais e políticas de atuação são individuais, variando conforme as culturas presentes nas nações onde operam.

Contudo, podemos dizer resumidamente que a Fifa está no nível mais elevado da hierarquia futebolística, escoltada pelas federações continentais e pelas federações nacionais, cada uma com responsabilidades peculiares para agenciar e fortalecer o futebol em todos os níveis.

2.2 O futebol avista o Brasil: origem e formação do futebolista

O futebol, desde a sua chegada ao Brasil, no fim do século XIX, encontrou um lugar ideal para crescer, transformando-se no esporte brasileiro mais expressivo entre os séculos XX e XXI; além de elemento marcante no País, é visto como um vestígio de compatibilidade local (Mascarenhas, 2014). Corroborando essa afirmação, Souza (2020) descreve que o futebol reúne aproximadamente 40 milhões de pessoas no Brasil, sendo um esporte de grande relevância e de maior tradição no País, verdadeiramente uma preferência nacional.

Segundo Santos (2014), o futebol é um elemento cultural que possui forte relacionamento com o Brasil, de histórico a uma intensa ligação, essa relação é retratada de

diversas formas: numa resenha de boteco, no momento de entretenimento ou diversão, na aquisição de uma chuteira do nosso melhor atleta dessa modalidade, na compra do bilhete para assistir a uma partida ou, simplesmente, numa humilde “pelada”⁴. A indagação maior é que essa modalidade esportiva tem uma representatividade comportamental, de discursos, de relevância ou, ainda, de predileções a inúmeras pessoas, sem ter em conta sua faixa etária ou classe social (Santos, 2014).

Entretanto, Santos (2014) prossegue afirmando que a existência efetiva do futebol no dia a dia do brasileiro é notória, por conseguinte somos conhecidos como o “país do futebol”. Segundo o mesmo autor, essa condição atribuída aos brasileiros fica caracterizada quando se caminha em meio às grandes, médias ou pequenas cidades em nosso País, observando espaços públicos ou privados adaptados para a prática do futebol, vias ou avenidas transformadas com o intuito de atender às demandas futebolísticas. Damatta (1982) complementa, discorrendo que o futebol é amplamente popular no Brasil devido à sua capacidade de abordar uma série de questões, misturando pensamentos profundos com sentimentos e emoções genuinamente experimentados e vivenciados pelas pessoas.

No Brasil, o futebol também sofreu significativa influência europeia nos primórdios, sendo introduzido também no século XIX, por Charles Miller, paulistano do bairro do Brás, nascido no ano de 1874, brasileiro com ascendência inglesa, filho de um engenheiro ferroviário escocês John Miller e de Carlota Alexandrina Cox. Dados históricos demonstram que ele foi educado em Southampton na Inglaterra, local que lhe deu a oportunidade de conhecer o chamado *foot-ball*, encantando-se com a modalidade enquanto praticante. Retornando ao Brasil, em 1894, trouxe na bagagem duas bolas, permitindo assim difundir o futebol no País, sendo que organizou o primeiro jogo num clube originalmente de ingleses chamado *São Paulo Athletic Club* (Leal, 2000).

Simbolizando essa personagem marcante na história do futebol brasileiro, a Figura 3 mostra-nos Charles Miller “com a bola” em ação como atleta pela equipe do *São Paulo Athletic Club*:

⁴ “Pelada” é uma expressão empregada no Brasil para uma partida informal de futebol, ou seja, com diretrizes livres e sem preocupação com os tamanhos (comprimento ou largura) do campo de jogo, estado das vestimentas e calçados ou duração do jogo, onde tudo fica pré-elaborado de forma consensual pelos próprios jogadores.

Figura 3 – Charles Miller com a equipe do *São Paulo Athletic Club* (1895)



Fonte: Mills (1905)

Todavia, relata Nogueira (1995) que, assim como em outros lugares do planeta, o Brasil antes mesmo de ser descoberto já havia vivenciado formas primitivas e similares de se jogar futebol, tendo como praticantes os povos indígenas, por exemplo. Ainda nesse cenário, Zat e Triches (2019) apontam que anteriormente ao desembarque de Miller em solo brasileiro, o futebol já era vivenciado de alguma maneira, mesmo que de forma elementar, ou seja, por meio de alguns colégios ou de empregados ingleses radicados no Brasil, que laboravam em empreendimentos da sua nação de procedência.

Melo (2000) nos profere que essas ações de organizar e difundir o futebol por Charles Miller, como extremamente importante para a divulgação do futebol no Brasil, fez com que a modalidade passasse à esfera esportiva, como um fenômeno esportivo da época, sendo que, a partir das iniciativas dele, começaram a ser constituídos campeonatos, competições, agremiações, clubes e instituições que representassem o futebol como esporte, proporcionando assim uma organização futebolística aparente.

Rossi e Mendes Júnior (2014) salientam que os ingleses deram ao futebol brasileiro o primeiro jogador e contribuíram efetivamente com o primeiro diretor esportivo, já que Miller passa a exercer ambas as funções; além de atleta, inicia um processo de transmissão de ideias e conhecimentos futebolísticos aos praticantes da recém-criada modalidade esportiva no Brasil.

Aos fins de semana, Miller convidava, agregando um grupo de pessoas mais próximas, os colegas e companheiros de trabalho para ensinar as técnicas elementares – fundamentos –

para a prática do futebol, dentre eles: passes, chutes, dribles, condução, domínio e marcação. Aqueles que se destacassem seriam selecionados e fariam parte da equipe da *São Paulo Railway* – ferrovia –, enquanto aqueles praticantes menos habilidosos, ou seja, com menor aptidão para o esporte, permaneciam na “escolinha de futebol” até melhorarem seu nível técnico ou, por consequência, desistirem, reconhecendo que o futebol efetivamente não era um esporte para eles praticarem. Inclusive, dados históricos reportam que, no dia 14 de abril de 1895, as equipes do *São Paulo Railway* – ferrovia – e *Gas Works Team* – companhia de gás – enfrentaram-se no primeiro jogo de futebol “oficial” no Brasil. Foi um princípio “protocolar”, porém não pontualmente o primeiro confronto futebolístico no Brasil (Rossi; Mendes Júnior, 2014).

Entretanto, Dienstmann e Denardin (1998) destacam que esta primeira partida foi realizada em meio a um campo coberto de capim na várzea do bairro do Carmo, no estado de São Paulo, sendo que, em algum momento, houve a necessidade de espantar algumas cabeças de gado que ali pastavam. Ainda que não se tenham relatos documentais sobre o tempo total de jogo, é sabido que a equipe do *São Paulo Railway* venceu pela contagem de quatro gols a dois. Essa partida histórica é retratada na Figura 4:

Figura 4 – Campo de várzea onde em 1895 seria realizada a primeira partida de futebol no Brasil



Campo da Várzea, onde em 1895 seria realizada a primeira partida de futebol do Brasil

Fonte: Ávila (2021)

Nessa época, o futebol era considerado um esporte extremamente elitizado, ou seja, desempenhado meramente pelas classes sociais mais altas, com o objetivo de entreter. Ainda com características de um esporte amador, as disputas restringiam-se aos jovens e adultos de classe alta; apenas os brancos, mais instruídos e bem-vestidos, tinham acesso ao futebol (Murad, 2012). Concordando com tal relato, Rezer e Saad (2005) explicam que no Brasil

existia uma prática tendenciosa à elitização do futebol, sendo que somente os de maior poder aquisitivo eram admitidos no esporte, ou seja, apenas os mais abastados economicamente poderiam participar, enquanto que os pobres, sendo sua grande maioria constituída de negros, eram totalmente excluídos da prática do futebol.

Mesmo com a abolição da escravidão ao fim do século XX, os negros ainda não eram acolhidos pela sociedade e muito menos pelo futebol, a elitização branca permanecia, com reflexo na comunidade daquele período em diversos elementos sociais (Rezer; Saad, 2005). Todavia, a prática do futebol seria uma forma de diversão, além de econômica, muito simples de assimilar e com grande facilidade para se treinar. Aos poucos, as classes sociais menos favorecidas começam a se atentar para tais fatos, tornando a prática de futebol no Brasil dicotômica, ou seja, a vivência do futebol a partir de então chega às pessoas pobres, analfabetas e às demais excluídas socialmente (Murad, 2012).

Murad (2012) exemplifica essa vivência da dicotomia no futebol, na qual fica bem evidente, pois, enquanto nas equipes das classes ricas mais favorecidas permanecia a modalidade esportiva tal qual chegou ao Brasil, ou seja, totalmente elitizada, supressiva e racista, nos locais públicos, como avenidas, ruas e, principalmente, nos subúrbios das cidades, o jogo de futebol era caracterizado por meio de movimentações criativas das classes menos favorecidas. Segundo o autor, essa classe disparava-se ao encontro da bola com intuito de se afirmar socialmente, já que observavam a perspectiva de se tornarem grandiosos na prática do futebol, fato este que ainda era exclusivo da classe rica.

O mecanismo de socialização e coletivização do futebol de acordo com Zat e Triches (2019) concretiza-se primeiramente nas ruas por volta de 1910 a 1920 e, posteriormente, atingindo espaços diversos com o seu engrandecimento, chegando à sua efetiva profissionalização em meados de 1933. Entretanto, Scaglia (1999) reforça que o futebol somente chegou ao Brasil em 1894 no estado de São Paulo e, no transcorrer de seis anos, já se estabelecia também no Rio Grande do Sul. Como podemos notar, o futebol levou alguns anos para essa “profissionalização”. Klein e Audinino (1998) sintetizam objetivamente como os fatos aconteceram e os protagonistas dessa difusão futebolística no País:

Charles Miller, por exemplo, que trouxe o futebol para o Brasil era paulista e dedicou-se ao futebol paulista. No Rio, para dar outro exemplo, o futebol chegou por outras mãos, no caso as de Oscar Cox. No Maranhão por intermédio de Joaquim Moreira Alves de Souza, estudante, que, como Charles Miller, passara anos na Inglaterra. No Paraná levado por estudantes paulistas e cariocas e assim por diante (Klein; Audinino, 1998, p. 25).

Segundo Ramos (2000), o cidadão alemão Johannes Minnemann fundou a primeira agremiação de futebol no Brasil, mais precisamente no dia 19 de julho de 1900 no município gaúcho de Rio Grande, tendo sido caracterizado como Sport Club Rio Grande. Todos os 21 atletas que compunham seu elenco detinham ascendência europeia. Apenas no ano de 1922 puderam comemorar seu primeiro título: campeões da Taça do Centenário da Independência, sendo organizada pelo governo do Rio Grande do Sul. Zat e Triches (2019) complementam nos dizendo que, em homenagem ao primeiro clube do Brasil, o dia 17 de julho ficou caracterizado como o dia do futebol brasileiro. Contudo, os mesmos autores salientam que apesar dessa conquista em 1922, o Sport Club Rio Grande jamais obteve um destaque relevante no futebol nacional, apenas atuações frequentes na segunda e terceira divisões dos campeonatos estaduais no Rio Grande do Sul.

Para Zat e Triches (2019), posteriormente à fundação do Rio Grande, mais precisamente em 11 de agosto de 1900, é fundada a Associação Atlética Ponte Preta, sediada na cidade de Campinas no estado de São Paulo. Nos anos subsequentes, vários clubes foram fundados, voltados unicamente para o futebol, alguns inclusive com enorme relevância atualmente no futebol brasileiro. Nesse contexto, podemos destacar o Fluminense Football Club, fundado em 1902, sediado no estado do Rio de Janeiro, sendo o pioneiro a estampar o vocábulo “futebol” na sua identidade, e que ostenta 32 títulos do campeonato carioca e quatro títulos de campeão brasileiro. Houve, também, a fundação do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, em 1903, com sede em Porto Alegre-RS, tendo conquistado diversas competições regionais no futebol gaúcho, nacionais e até internacionais. Destacam também que o Clube de Regatas Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama, ambas as equipes situadas no estado do Rio de Janeiro e fundadas respectivamente em 1895 e 1898, mas que, na essência das suas fundações, tinham a modalidade de remo como ação dominante (Zat; Triches, 2019).

Já Carvalho e Netto (2006) estabelecem o período entre os anos de 1894 e 1932 como “o amadorismo marrom”⁵ do futebol no Brasil. Esse período amadorístico foi no sentido de mudanças e ascensão do esporte, sendo que, em meados do século XX, já apareciam alguns futebolistas que ganhavam dinheiro para atuar em campo, mas o fato de receberem dinheiro em espécie para jogar não era bem visto pela sociedade de um modo geral. Inclusive, rapidamente apareceram várias acusações de equipes que adotaram o profissionalismo

⁵ “Amadorismo marrom” foi um período anterior à profissionalização futebolística entre 1920 e 1930, em que os clubes pagavam aos seus jogadores gratificações ou, ainda, vencimentos de forma informal para os atletas se dedicarem apenas ao futebol.

clandestino no seu grupo de atletas, assim dizendo, empregavam atletas que recebiam salário, embora tal procedimento estivesse condenado, à época, pelas instituições estruturadoras do futebol no Brasil (Nascimento, 2013).

O período de efetiva transição futebolística dos anos de amadorismo para o profissionalismo é elemento motivador para o aparecimento de alguns jogadores de grande significância, o que podemos dizer sobre a afirmação das famosas lendas da imaginação pública no que diz respeito ao futebol brasileiro. Falamos do próprio Arthur Friedenreich e de Leônidas da Silva, jogadores que fomentam vários debates ao alcançarem certa relevância no País. Primeiramente pelas argumentações sobre suas figuras e, também, da mesma forma como realizavam conexões próximas e contínuas entre brancos e negros no futebol (Florenzano, 2012).

Sobre esse tema da igualdade racial por meio do futebol, Zat e Triches (2019) relatam que Friedenreich teve um papel importante nessa causa, pois, além de ter feito o gol que deu a vitória ao Brasil contra o Uruguai, logo o título de campeão sul-americano em 1919, o atleta tinha presença marcante sempre a cada dia 13 de maio, data da extinção da escravatura no Brasil. Na ocasião, eram organizados os jogos “Branços x Pretos” em comemoração a esse dia festivo. Friedenreich, por ser filho de um imigrante alemão e de uma negra, participava do jogo, um tempo defendendo a equipe de “brancos” e outro tempo defendendo a equipe de “pretos”. Por exemplo, Galeano (2019), ao descrever Friedenreich de forma singular como o primeiro grande craque do futebol brasileiro e da seleção brasileira, nos narra:

Este mulato de olhos verdes fundou o modo brasileiro de jogar. Rompeu com os manuais ingleses: ele, ou o diabo que se metia pela planta do seu pé. Friedenreich levou o solene estádio dos brancos e irreverência dos rapazes cor de café que se divertiam disputando uma bola de trapos nos subúrbios. Assim nasce um estilo, aberto a fantasia, que prefere o prazer ao resultado. De Friedenreich em diante, o futebol brasileiro que é brasileiro de verdade não tem ângulos retos, do mesmo jeito que as montanhas do Rio de Janeiro e os edifícios de Oscar Niemeyer (Galeano, 2019, p. 49).

Já Leônidas da Silva também teve uma implicação emblemática nos discursos sociais e raciais para o futebol no Brasil. Efetivo representante da cultura negra nesse esporte e autor de uma das mais famosas jogadas no futebol, a chamada “bicicleta”, Leônidas foi gentilmente apelidado de “Diamante Negro”, sobretudo em função da sua enorme qualidade técnica com os pés (Zat; Triches, 2019). Isso ajudou a estabelecer um futebol mais igualitário e humano para os atletas, ou seja, uma efetiva participação de todos, independentemente da sua cor de pele ou classe social.

Falando em representar o futebol brasileiro no exterior, a partir da primeira Copa do Mundo de futebol (1930) no Uruguai, são observados também vários intercâmbios de atletas entre os clubes internacionais. Embora os atletas jogassem um futebol com desenho profissional, existia ali um envolvimento pela nação, havendo uma competitividade patriota simbolizada por disputas futebolísticas. O primeiro Campeonato Mundial de Futebol permitiu que várias equipes europeias buscassem profissionalmente jogadores de nações onde ainda se praticava a modalidade de forma amadora, motivando os países da América do Sul, inclusive o Brasil, a estabelecerem essa mudança do futebol para se livrarem da perda de atletas fundamentais e relevantes para o excelente desempenho nas partidas (Proni, 2000).

Nesse período, mais precisamente em 1933, o futebol brasileiro migrou do amadorismo para o profissionalismo, acompanhando a predisposição internacional. A aceitação da inédita gestão contratual foi inspirada, o que inclui os seguintes pontos: 1) pela saída de atletas de futebol para nações europeias; 2) pela imposição das equipes para a permissão ao profissionalismo; 3) por intermédio da imprensa, que reprovava rigorosamente a persistência de um padrão arcaico no futebol praticado no Brasil (Espíndola, 2015). Conforme Proni (2000), foi de grande relevância também para a efetivação dessas transformações a inserção dos futebolistas como profissionais, sendo necessária uma regulação pela Constituição Trabalhista e Social, advinda do Governo de Getúlio Vargas no ano de 1931.

Diante desse efetivo profissionalismo futebolístico como marco histórico desse esporte, devemos lembrar que, mundialmente, Fergus Suter é referenciado como o primeiro jogador profissional da história, embora não se tenha uma prova concreta de tal fato. Suter foi um jogador escocês contratado pelo *Blackburn Rovers Football Club* em 1880, uma equipe sediada em Blackburn, na Inglaterra, onde permaneceu por nove anos. Durante sua passagem, contribuiu significativamente para os três primeiros títulos do *Blackburn na FA Cup*, conquistados em 1884, 1885 e 1886. Também, ao longo de sua trajetória, marcou três gols em 38 jogos da Copa da Inglaterra e teve uma participação na edição inaugural do Campeonato Inglês em 1888-89 (Donke, 2022). Enquanto que, no Brasil, Zat e Triches (2019) confirmam e destacam o início efetivo da “profissionalização” (Figura 5) do futebol, dizendo-nos que essa fase inicia-se

[...] a partir de 23 de janeiro de 1933, com a implantação oficial da profissionalização do futebol no Brasil, se caracterizou pela consolidação de um período extremamente rico da história social deste esporte. O primeiro jogo da era profissional no país foi entre São Paulo Futebol Clube e Santos Futebol Clube, realizado no dia 12 março deste ano, com a vitória dos primeiros por 5 a 1, sendo o primeiro gol anotado por Artur Friedenreich

conhecido como ‘El Tigre’. A partida foi realizada no Estádio da Vila Belmiro, na cidade de Santos, sendo que tal estádio ainda existe atualmente (Zat; Triches, 2019, p. 594).

Figura 5 – Primeira partida após a implantação da profissionalização do futebol no Brasil em 1933



Após esse período de profissionalização na década de 1930, Souza *et al.* (2011) nos mostram que, na década de 1940, a atividade futebolística não impactou firmemente no Brasil, em função do período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os mesmos autores afirmam que nas décadas de 1950 e 1960 já tiveram um aumento significativo, inclusive tornando-se mais popular. Isso ocorreu devido o Brasil sediar a Copa do Mundo em 1950, sendo vice-campeão, e, posteriormente, conquistando o seu primeiro título de campeão mundial em 1958 na Suécia, além do bicampeonato em 1962 no Chile. Helal e Gordon Júnior (2002) compartilham, por sua vez, que esse futebol emergente praticado no Brasil, representado pelas conquistas da seleção brasileira, o referido período foi ratificado pelo time do Santos – de Pelé –, já que venceu de forma consecutiva a Copa Libertadores da América e o Campeonato Mundial interclubes nos anos de 1962 e 1963. Contudo, essa “paixão nacional” chamada futebol consolida-se efetivamente no Brasil por volta dos anos 1970, período em que a seleção nacional sagrou-se tricampeã mundial de futebol, título conquistado no México em 1970.

De acordo com Carvalho e Netto (2006), nesse momento, ocorre a disseminação do futebol para todas as regiões do Brasil; logo, aumentando consideravelmente as predileções políticas, econômicas e sociais pela modalidade esportiva.

Entre as várias repercussões deste momento histórico do futebol no Brasil, a mais relevante é a concretização em 1971 da primeira edição do campeonato brasileiro de futebol, abrangendo equipes do Nordeste, Sul e Sudeste do País, proporcionando uma grandeza territorial ao futebol. Antecedendo essa competição, no Brasil foi realizado de 1951 a 1966 o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, em que participaram apenas equipes do estado de São Paulo e do Rio de Janeiro; posteriormente, em 1967, acaba cedendo espaço também para times mineiros, gaúchos, baianos e paranaenses (Carvalho; Netto, 2006).

Ressaltamos que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é a instituição maior que organiza e regulamenta o futebol brasileiro. Foi criada em 8 de junho de 1914, intitulada na época Federação Brasileira de Sports (FBS), em que, após dois anos, mais precisamente em 21 de junho de 1916, transformou-se em Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Salientamos que, em 24 de setembro de 1979, após significativas alterações em sua composição, a CBD foi convertida em Confederação Brasileira de Futebol (CBF), tal qual existe hoje, especialmente em função de uma determinação da Fifa, sendo que todas as instituições que representavam os países necessitariam ser direcionadas única e exclusivamente para o fomento do futebol (CBF, 2018). Portanto a CBD não se encaixava nesse perfil, visto que estava voltada ao desenvolvimento de todos os esportes olímpicos, nos quais o futebol estava incluso. Deve ser destacado que tanto a FBS quanto a CBD e a CBF são a mesma entidade, e todas as competições nacionais organizadas pela CBD antes de 1979 são aprovadas pela CBF. Deve ser lembrado que a CBF é uma empresa particular e sua principal ação econômica é a elaboração e divulgação de eventos esportivos (CBF, 2018). Sua sede está localizada no Rio de Janeiro-RJ, sendo que seu atual presidente é Ednaldo Rodrigues, eleito em 23 de março de 2022 para um mandato de quatro anos (CBF, 2022).

Rodrigues (2007) destaca a instauração da Lei n.º 6.354/76, de 2 de setembro de 1976, que estabeleceu mecanismos de benfeitorias aos atletas profissionais de futebol, tais como direito a férias e intervalos entre um jogo e outro. Esta Lei foi responsável pelo surgimento da resolução n.º 09/76, célebre “Lei do Passe”, sendo que ela passa a regulamentar os processos de transferências dos atletas entre clubes.

Conforme Zat e Triches (2019), a transformação efetiva do Brasil em supremacia futebolística no mundo se estabelece definitivamente com a obtenção de significativas conquistas, tanto pelos clubes brasileiros quanto pela Seleção Brasileira. Esta última campeã mundial nas Copas do Mundo de 1958 no Uruguai, 1962 na Suécia, 1970 no México, 1994 nos Estados Unidos e 2002 na Alemanha, além de dois vice-campeonatos, em 1950, no Brasil e, em 1998, na França.

Referindo-se ainda às várias conquistas da Seleção Brasileira, Napoleão e Assaf (2006) destacam os títulos da Copa América, sendo a primeira conquista em 1919, que, além de campeão, foi o anfitrião do evento (Figura 6). A partida final foi decidida contra o Uruguai, com o Brasil vencendo pelo placar de um a zero, com o gol de “El Tigre” Friedenreich (CBF, 2019). Exaltamos, também, que o último título foi em 2019, no dia 7 de julho, disputado no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, e o Brasil venceu a equipe do Peru pelo placar de três a um (Figura 7), com gols de Everton, Gabriel Jesus e Richarlison, conquistando sua nona Copa América da história (CBF, 2020).

A Figura 6 e a Figura 7 retratam respectivamente a primeira e a última conquista da Seleção Brasileira de Futebol:

Figura 6 – Primeiro título da Seleção Brasileira de Futebol – Copa América 1919



Fonte: CBF (2019)

Figura 7 – Último título da Seleção Brasileira de Futebol – Copa América 2019



Fonte: CBF (2020)

Podemos dizer que as equipes espalhadas nas diversas regiões do País tornaram-se substancialmente vencedoras nos campeonatos sul-americanos e mundiais de clubes, sendo referenciadas ao redor do mundo, seja pelas conquistas, seja pelos atletas ou ainda pelos times que simbolizaram a historicidade futebolística. Resumidamente, descrevemos que as equipes brasileiras, até o presente momento, protagonizaram dez conquistas de mundial interclubes, sendo três com o São Paulo (SP), duas com o Santos (SP), duas com o Corinthians (SP) – último a vencer em 2012 –, uma com o Internacional (RS) e outra com o Grêmio (RS), ambos de Porto Alegre, e uma vez com o Flamengo (RJ), além de diversas conquistas da Copa Libertadores da América (Zat; Triches, 2019).

Levine (1982, p. 23), ao falar da historicidade futebolística no Brasil, descreve os seguintes períodos de tempo, dividindo em quatro intervalos regulares, a saber:

- a) período introdutório do futebol no País (1894 – 1904): os praticantes iniciais e as equipes nas cidades e equipes inglesas;
- b) o amadorismo futebolístico brasileiro (1905 – 1933): a predominância elitista e o futebol como simbologia de diferenciação social;
- c) o período da profissionalização futebolística no Brasil (1933 – 1950): difusão e profissionalização;
- d) o período de prestígio universal e da negociação do futebol no Brasil (1950–1970): a exaltação do “jeito brasileiro” de praticar o futebol.

Contudo, Rodrigues (2007), tomando como base essa relevante periodização histórica de Levine (1982), procura avançar e acrescenta um quinto período histórico ao futebol brasileiro, seria o período da inovação, tendo iniciado na década de 1970, trazendo como referencial inicial uma grande comercialização dessa modalidade esportiva, em que se introduziu o marketing no contexto futebolístico e houve uma ampliação na remuneração dos atletas, entre outros acontecimentos. Refere-se então ao “período das inovações tradicionalistas do futebol brasileiro como negócio (1970 – 2006)”.

Podemos notar que, a partir do fenômeno futebolístico como um “mercado” moderno e também como um trabalho regulamentado, o esporte passa a ser uma atração reconhecida de forma global e verdadeiro comércio, tornando-se um empreendimento significativo no mundo, requisitando modernas áreas de trabalho e a influência efetiva de outros segmentos, como a gestão, o marketing e as legislações (Espíndola, 2015).

Mello (2021) corrobora afirmando que, diante desse cenário de notório engrandecimento da modalidade, o futebol no Brasil atravessa um período adaptativo importante. As equipes de futebol no País, das mais importantes divisões, ou seja, das séries A, B, C e D, iniciaram uma mudança gradativa quanto à necessidade de estabelecer um gerenciamento qualificado para permanecerem no lugar de elite do futebol brasileiro e pleiteá-lo. Incorporando nesse contexto a comunicação e o marketing como mecanismos significativos para a profissionalização dos clubes, haja vista que uma parcela importante da receita dos clubes futebolísticos atualmente é oriunda de segmentos que são influenciados diretamente pelo trabalho do setor de marketing das equipes. Dentre eles, estão o sócio-torcedor, o patrocínio esportivo, a bilheteria, a venda de camisas e produtos oficiais ou licenciados relacionados ao clube.

Angelotti (2021) complementa remetendo-nos que a transformação do contexto futebolístico em um negócio de relevância mundial nas últimas décadas proporcionou que a expectativa da modalidade adquirisse maior importância. O engrandecimento das equipes, a mundialização das transmissões das partidas, as enormes vendas de jogadores e o montante significativo do capital investido fizeram do futebol um mercado respeitável, altamente cercado de complexidade e bilionário, como retratam Bazanini *et al.* (2014).

Diante desse cenário futebolístico brasileiro mais profissional e organizado, torna-se necessário dar atenção especial à origem e formação do jogador de futebol no País; por isso, o esporte passou a ser considerado uma opção de carreira capaz de oferecer ascensão social e financeira a uma parcela da população. Inclusive, muitas vezes por falta de educação formal,

enfrentava limitadas oportunidades de emprego e renda (Damo, 2007; Mascarenhas, 2014; Rocha *et al.*, 2011).

Acerca do presente processo de formação de jogadores de futebol no Brasil, é possível observar que se manteve o modelo com as categorias de base dos clubes e as escolinhas seletivas particulares como os principais locais de instrução e desenvolvimento dos atletas. Paralelamente, as escolas de futebol não seletivas permanecem em atividade, concentrando-se principalmente na formação educacional e social dos atletas (Moraes; Bastos; Carvalho, 2016).

Assim sendo, o crescente interesse da sociedade pelo futebol, juntamente com o surgimento de novas equipes e a intensificação da rivalidade entre elas, além da profissionalização do esporte e dos seus benefícios, impulsionou a busca por jogadores e despertou o interesse de muitos jovens do sexo masculino, especialmente nas grandes cidades, em seguirem uma carreira como atletas profissionais, fenômeno amplificado pela presença de jogadores hábeis, que serviam de inspiração para os mais novos, e pelos títulos da Seleção Brasileira (Damo, 2007; Mascarenhas, 2014; Rodrigues, 2003), já que as conquistas nacionais são extremamente divulgadas, exaltadas e, conseqüentemente, transformadas em instrumento motivacional para um atleta com aspiração à carreira futebolística.

Os jovens atletas que buscam o sonho de se inserirem no futebol profissional provêm de estratos sociais de trabalhadores que, embora apresentem diferenças profissionais, assemelham-se pela baixa qualificação para o trabalho. Muitos adolescentes, no contexto brasileiro, ao vivenciarem grandemente as representações da desigualdade social e diante do insucesso profissional da família, encaram os estudos como uma alternativa – “plano B” – e veem no futebol uma possível solução para as dificuldades financeiras (Anjos; Saneto; Oliveira, 2012). Outro detalhe é a realização pessoal como um principal ponto a ser ressaltado na carreira futebolística (Tavares; Pimenta; Balassiano, 2010). Concordando com tal afirmativa, Araujo, Francisco e Piovezan (2021) nos relatam que a maioria dos atletas jovens busca a profissionalização, destacando a questão financeira diante da possibilidade de garantirem uma melhor condição social e econômica para suas famílias.

Por outro lado, também devemos salientar que a humilde origem da maioria dos jogadores de futebol acarreta uma ampla gama de dificuldades para alcançar o sucesso na profissão. Além disso, é possível observar uma considerável pressão relacionada ao tempo necessário para serem “descobertos” e atingirem seus objetivos profissionais. A expectativa de vida profissional de um atleta nesse esporte é significativamente reduzida quando comparada a outras carreiras. Sendo assim, Nunes (2022) descreve que, comumente, os

futebolistas chegam ao seu auge físico aos 26 anos. Esse fato pode ser comprovado, em parte, quando analisamos os craques campeões de uma Copa do Mundo. Existem múltiplos casos de jogadores que venceram o mais importante torneio de seleções do planeta aos 26 anos, sendo o atleta Zidane, com a França em 1998, e Iniesta, com a seleção espanhola em 2010, são alguns desses exemplos.

A combinação da falta de preparo e do limitado período de desenvolvimento resulta no entendimento do porquê de muitos atletas encerrarem suas carreiras sem terem construído uma base para sua aposentadoria (Tavares; Pimenta; Balassiano, 2010). Diante desse contexto, no Brasil, estudo de Ferreira (2015) apresenta-se como um motivo de reflexão, pois revela que vários desses futebolistas apresentam uma condição educacional inferior à esperada para suas idades, frequentemente interrompendo seus estudos ainda no Ensino Médio.

Já a questão do engrandecimento do futebol e da procura por atletas profissionais levaram à crescente importância da formação de jogadores no Brasil, especialmente a partir da década de 1970 quando ela foi reconhecida como crucial para assegurar o surgimento de talentos em quantidade satisfatória para atender às demandas do mercado e viabilizar a continuidade e expansão do futebol brasileiro (Mascarenhas, 2014; Rodrigues, 2003). Nesse contexto, Rodrigues (2003) destaca que a formação esportiva representa um desdobramento de um processo pedagógico e civilizatório, marcado pela regulamentação, pelo controle, pela institucionalização e racionalização dessa profissão.

Na conjuntura da formação de jogadores de futebol no Brasil, destacamos sua natureza profissional e multidisciplinar, conforme abordado por Carravetta (2006). Apesar da persistência da crença de que a aptidão inata é crucial (Cavichioli *et al.*, 2011; Gaspar, 2011; Rodrigues, 2003), a metodologia de formação configura-se como uma tecnologia extremamente otimizada, elaborada em meio à espetacularização do futebol (Damo, 2007) e fundamentada em princípios coerentes e progressivos, estabelecendo um modelo de jogo (Casarin; Streit, 2011). A formação é um fenômeno complexo, composto por diversas dimensões que interagem de maneira constante entre si. O intuito é promover o desenvolvimento das questões táticas, técnicas, físicas, psicológicas, educacionais e sociais, de modo especial por meio da interação entre o jovem futebolista e os vários agentes, tais como a sociedade, a cultura, a equipe, os demais atletas, treinadores, dirigentes, colaboradores dos clubes, pais e torcedores, por exemplo (Casarin; Streit, 2011).

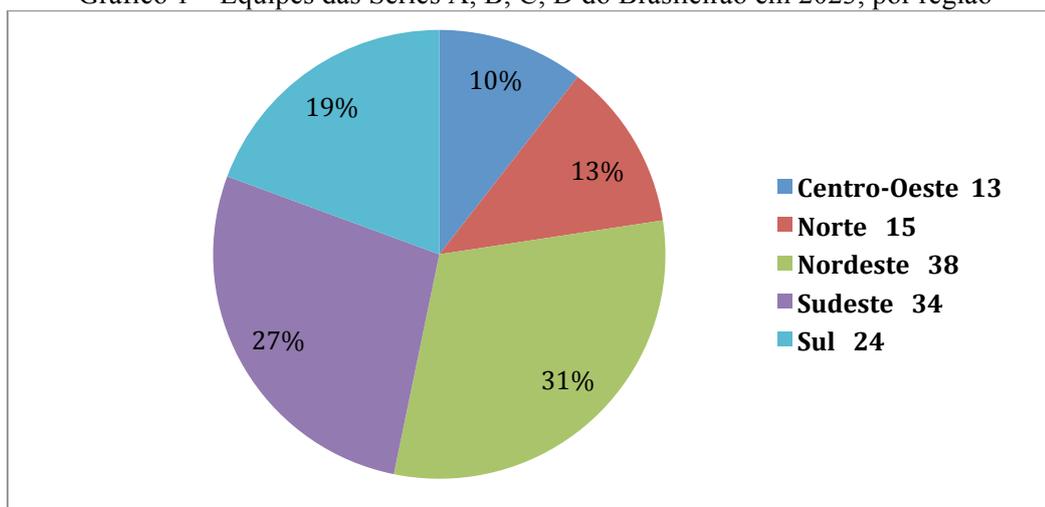
A formação de futebolistas no Brasil desempenha um papel significativo não apenas no âmbito esportivo, mas também no social. Agindo como agente educador, essas instituições

desempenham um papel crucial na educação e formação de caráter dos jovens, que frequentam esses programas durante a infância e adolescência – uma fase fundamental no processo educacional (Damo, 2007; Melo; Nunes; Rodrigues, 2008; Rodrigues, 2003). A formação também desempenha um papel importante na prevenção de problemas sociais crescentes, como a violência e o consumo de drogas. Essa abordagem preventiva, destacada por Melo, Nunes e Rodrigues (2008) e Santos *et al.* (2012), em certa medida, assume parte das responsabilidades atribuídas às famílias e às escolas no processo de formação dos jovens brasileiros (Campestrini, 2009; Rodrigues, 2003; Scaglia, 1996).

Além dos aspectos esportivos e sociais, a formação de futebolistas também assume um papel crucial no âmbito financeiro. Não apenas proporciona aos jogadores a aquisição de uma profissão que garante uma fonte de renda, como destacado por Damo (2007), mas também contribui para o cenário econômico mais amplo do Brasil. A indústria do futebol, ao desenvolver talentos e criar oportunidades de emprego, exerce impacto positivo na economia do País como um todo (Moraes; Bastos; Carvalho, 2016).

Diante do impulso econômico por meio do futebol no País, recordamos que as principais equipes futebolísticas estão dispostas nas séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro, competições organizadas pela CBF que acontecem anualmente no território nacional e que contam com a participação de clubes de todo o Brasil. No total, são 124 equipes esportivas alocadas em quatro divisões: 1ª, 2ª e 3ª com 20 times cada, e a 4ª com 64. Quando se trata do local de origem desses clubes, a diversidade é ampla e evidencia a grandeza futebolística no Brasil. Algumas regiões se destacam, abrigando a maioria dessas agremiações em seus territórios (Aquino, 2023), sendo que o Gráfico 1 mostra-nos o cenário futebolístico das principais divisões por região no Brasil em 2023:

Gráfico 1 – Equipes das Séries A, B, C, D do Brasileirão em 2023, por região

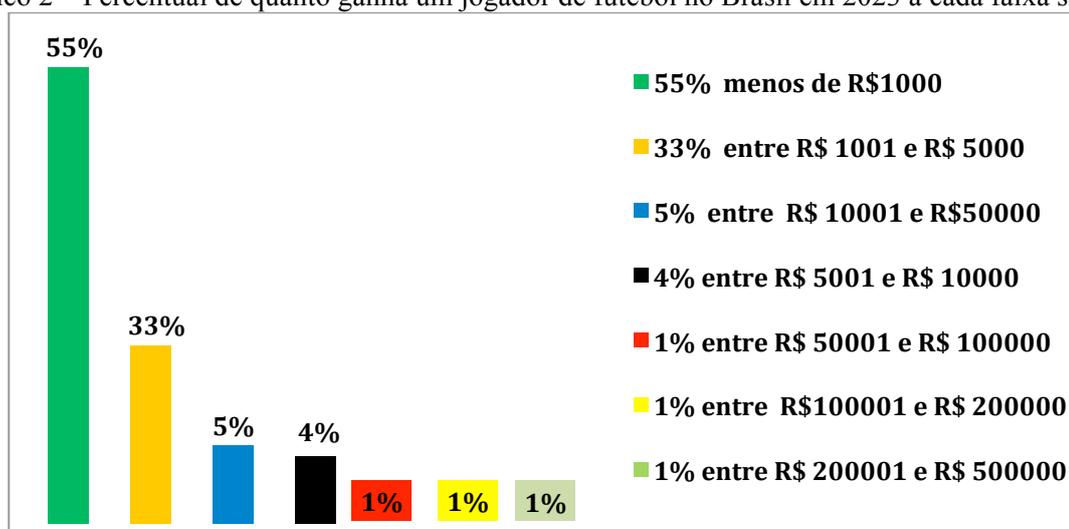


Fonte: Aquino (2023)

O que podemos observar no Gráfico 1 é que o Nordeste era a região que abrigava o maior número de clubes distribuídos entre as quatro divisões do futebol brasileiro, sendo ao todo 38 agremiações nordestinas nas quatro divisões do Brasileirão – representando 30,65% do total. O Sudeste surgia logo atrás, com 34 clubes nas quatro divisões – 27,42% do quantitativo. Juntas, Nordeste e Sudeste englobavam mais da metade das agremiações brasileiras (58,07%), alocadas nas quatro divisões do futebol nacional. Com 24 clubes, equivalente a 19,35%, o Sul completava o quadro. A região Norte, que não detinha nenhum clube na primeira e na segunda divisão do futebol brasileiro, contava com um total de 15 agremiações esportivas (12,1%), distribuídas nas outras duas divisões do esporte no Brasil. Por fim, o Centro-Oeste era a região do Brasil com o menor número de times no Brasileirão, um total de 13 (10,48%).

Quanto aos salários dos jogadores no Brasil, Patel (2023) estabelece que os ganhos exorbitantes no País sejam raros, principalmente porque a maioria dos atletas recebe valores consideravelmente mais modestos em comparação com as grandes estrelas que competem nos principais campeonatos e clubes nacionais. Em 2023, de acordo com os dados divulgados pela CBF, a média salarial dos jogadores no Brasil era de R\$ 5 mil. A pesquisa também revelou (ver Gráfico 2) que a grande maioria dos jogadores recebe menos de R\$ 1.000 mensais (55%), enquanto apenas 1% possui rendimentos na faixa entre R\$ 200.001 e R\$ 500.000 (Patel, 2023).

Gráfico 2 – Percentual de quanto ganha um jogador de futebol no Brasil em 2023 a cada faixa salarial



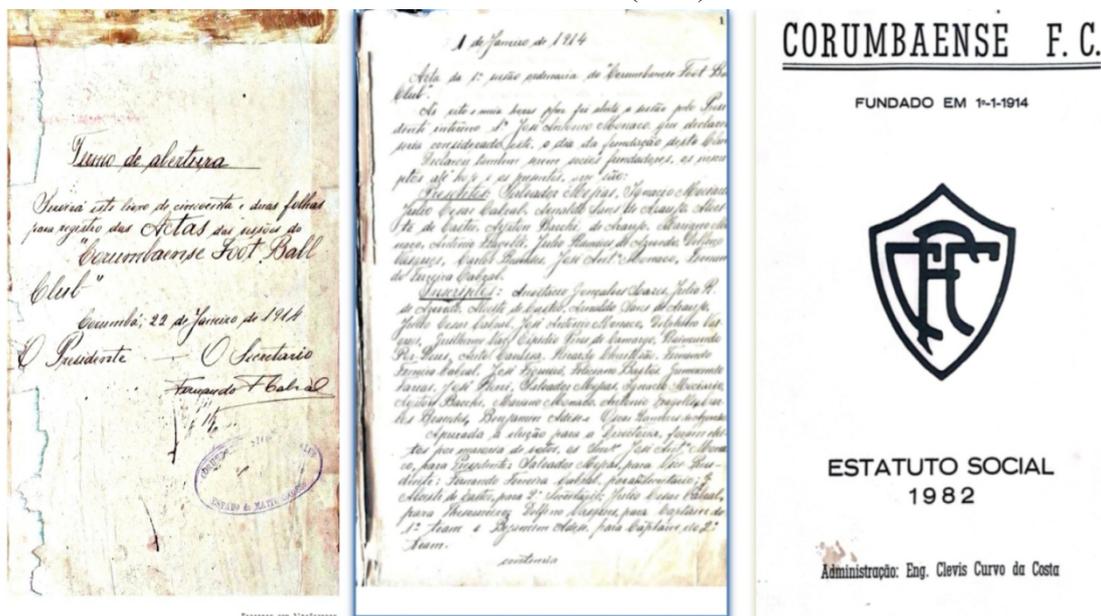
Fonte: Patel (2023)

O levantamento da CBF (2023) também destacou que houve um registro de 360.291 jogadores, aproximadamente 75% desses futebolistas identificados como amadores, não encontrando no futebol sua principal fonte de receita (Patel, 2023). Para nós, esses números demonstram a heterogeneidade de perfis e realidades dentro do esporte, evidenciando que a paixão pelo futebol vai além dos aspectos financeiros para muitos jogadores.

2.3 Componentes históricos do Corumbaense Futebol Clube e sua representatividade no futebol de Mato Grosso do Sul

O Corumbaense Futebol Clube (CFC), segundo seu Estatuto Social (Corumbaense, 1982), é uma entidade futebolística de sociedade civil, sendo fundado em 1.º de janeiro 1914, no município de Corumbá-MS (Brasil), conforme sua Ata de 1914. A Figura 8 retrata documentos oficiais sobre o surgimento do CFC, bem como ilustra a capa do Estatuto Social publicado em 1982:

Figura 8 – Termo de Abertura do CFC, Ata de Fundação (1914) e capa do Estatuto Social (1982)



Fonte: acervo do CFC (Corumbaense F. C., 1982; 2022)

Arruda (2022) relata-nos que o CFC possui uma sede social com uma área de 11.060 m², situada no Centro da cidade, mais precisamente na Avenida General Rondon, esquina com a Rua Sete de Setembro. Sua sede central tem campo de futebol, quadra de tênis, ginásio esportivo, alojamento, *deck*, salas, vestiários, salão de festas, quiosque com churrasqueira, piscinas e demais espaços. De acordo com o Estatuto do CFC (Corumbaense, 1982), no capítulo VI, o produto de aluguéis dessas dependências, com seus pertences, gera receitas para o Clube, visto que são utilizados para realização de festas, jogos, reuniões e demais eventos compatíveis com as finalidades sociais.

Figura 9 – Sede administrativa do CFC – Corumbá-MS

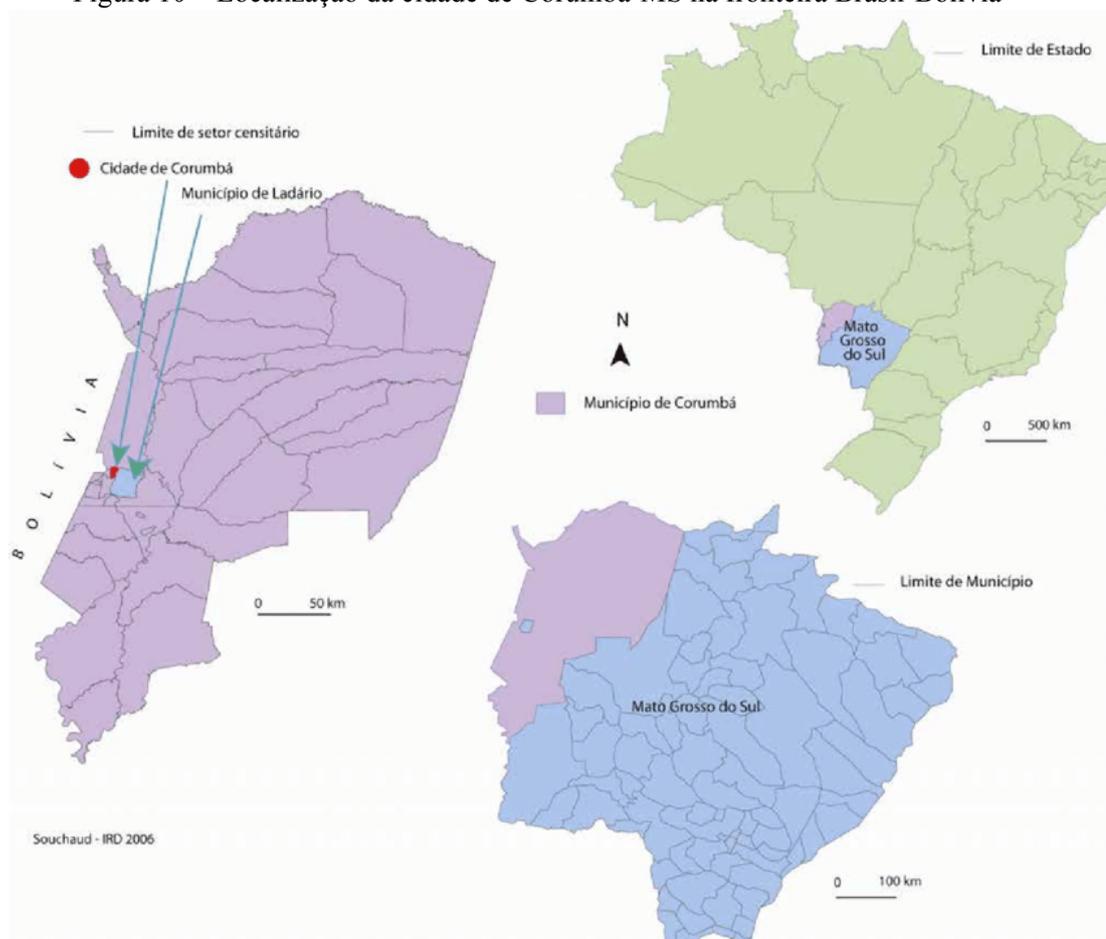


Fonte: Arruda (2022)

Entretanto, essa interação entre o Clube e a comunidade corumbaense pode ser reproduzida também por intermédio de um termo de cooperação entre a Funec e o CFC, visto que essa parceria visa a promover um projeto chamado Programa Geração Olímpica. Assim, são utilizados os espaços desportivos dentro da sede do Clube e o programa da Funec, que objetiva proporcionar a integração socioeducacional dos estudantes de 7 a 17 anos por meio das práticas desportivas. Participam do programa jovens que estejam devidamente matriculadas nas escolas municipais, estaduais ou privadas de Corumbá (Corumbá, 2021).

Quanto ao contexto histórico do CFC, ressaltamos que, segundo Lima (2020), é o clube de futebol mais longevo da região Centro-Oeste em atividade do Brasil, que está localizado no extremo oeste, no Pantanal sul-mato-grossense, precisamente na região fronteira Brasil-Bolívia, como podemos ver na Figura 10:

Figura 10 – Localização da cidade de Corumbá-MS na fronteira Brasil-Bolívia



Fonte: Souchaud e Fusco (2007)

Descrevendo a representatividade do CFC em MS, articulada com a representação do futebol brasileiro e regional, observamos que, a partir de meados do século XX, a difusão da

modalidade no Brasil é sentida praticamente em todo o território nacional, na qual o estado de MS – até então MT – não fica fora de tal contexto expansionista do futebol. Nesse sentido, conforme o repórter Silva (2021a), de um *site* paulista, o município de Corumbá teve como forma jurídica a fundação da Federação Mato-Grossense de Desportos, sendo a instituição mais importante no estado à época. Porém, a Presidência da República, no ano de 1941, na gestão de Getúlio Vargas, deliberou os pioneiros alicerces para a regulamentação do desporto em todo o Brasil, retirando da cidade de Corumbá essa fundação, mudando para a capital Cuiabá – cidade afastada 700 km de Campo Grande.

Rafael (2017) diz que, por volta de 1910, as primeiras equipes amadoras de futebol surgiram em Corumbá na região sul do Pantanal, inclusive porque a cidade desenvolvia-se em virtude do porto fluvial ali existente – sendo um dos mais relevantes da América Latina naquele período, local na qual chegavam inovações oriundas das grandes cidades brasileiras ou de outros países. Nesse contexto, o futebol desembarca em solo Corumbaense, onde surgem efetivamente as equipes do Sete de Setembro e do Sul América (ambas fundadas em 1910 – que hoje em dia não existem mais) e o CFC, que foi criado em 1914, como já relatado.

Na Figura 11 podemos observar a equipe do CFC que conquistou os primeiros títulos após sua fundação na região de Corumbá:

Figura 11– Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Campeão (1914 – 1915)



Publicação antiga apresentava o "1º team do valoroso Corumbaense Foot-ball Club, campeão de 1914 e 1915". Em primeiro plano: Nanito, Câmara e Cecéo. Em 2º: Cabral, Ayrton e Ricardo. Em 3º: Raymundo, Ismael (capitão), Barriola, Benjamin e Samuel. Com a bandeira: Gilberto de Mattos, presidente.

Fonte: Rafael (2017)

Rafael (2017) lembra-nos ainda que, no período posterior a 1920, aparecem as primeiras ligas urbanas, em que, além de Corumbá, se agregaram outras cidades, como

Campo Grande, Miranda e Aquidauana. A primeira competição de futebol estadual que se tem registro aconteceu em 1928, organizada pela Federação Sportiva Matto-Grossense (FSM), assim descrita na época, instituição com sede em Corumbá. A competição contou com os campeões das ligas amadoras, e o CFC foi o vencedor.

Retratando ainda esse período histórico futebolístico de destaque do CFC em âmbito regional, o repórter Mello (2017) reporta-nos a continuidade da hegemonia dessa equipe. A Figura 12 mostra-nos as conquistas da Taça Cidade de Corumbá no sul do ainda Mato Grosso unificado, sendo campeão em 1920, 1922 e 1923, sendo que, em 1921, não houve competição:

Figura 12 – Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Campeão da Cidade de Corumbá (1920 – 1922 – 1923)



Fonte: Mello (2017)

Destacamos, porém, que o futebol tornou-se mais organizado no estado – ainda MT – somente em 30 de agosto de 1938, com a criação da Liga Esportiva Municipal de Amadores (Lema), passando posteriormente a ser chamada Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense (Lemc), perdurando por aproximadamente 40 anos na organização futebolística de Campo Grande (Araújo, 1998).

Nos anos subseqüentes, várias cidades menores da região sul de até então MT também se destacaram como fomento ao futebol, sobretudo com a atuação das suas respectivas Ligas, tais como as cidades de Ponta Porã, Maracaju, Porto Murtinho e Bela Vista. Porém, ainda

existiam poucas equipes, por exemplo: o Operário (1938) e o Comercial (1948), sendo os dois últimos pertencentes a Campo Grande (Rafael, 2017).

Rafael (2017) também descreve que o momento de transição do futebol amador para o futebol profissional somente se inicia a partir do momento em que ocorre a profissionalização do futebol em Cuiabá (1967) e em Campo Grande, cinco anos depois em 1972, tendo como primeira consequência o começo efetivo das rivalidades regionalistas em ainda MT. Nessa época, mais precisamente em 1971, destacamos a inauguração do Estádio Morenã em Campo Grande, sendo de vital importância para que as equipes sulistas tirassem certo proveito dos concorrentes do norte. Essa nova praça esportiva foi sem dúvidas um instrumento motivacional importante para a profissionalização das duas equipes de Campo Grande, tanto o Operário quanto o Comercial, sendo que, a partir de 1973, ambas já entrariam na disputa do Campeonato Brasileiro.

De acordo com Yunes (2022), jornalista de um *site* de Corumbá-MS, o CFC, popularmente conhecido como “carijó da avenida”, até então com grande destaque no futebol amador de MT, definitivamente se consolida regionalmente no sul do estado com a conquista do tricampeonato da Liga de Esportes de Corumbá (LEC) nos anos de 1970, 1971 e 1972. Tais conquistas credenciam o clube a adentrar no profissionalismo em 1973, acompanhando efetivamente a evolução futebolística no Brasil. Essa transição do CFC só foi possível graças aos recursos obtidos pelos senhores Alfredo Zamlutti Junior e Marco Aurélio Pinto de Arruda (Cabrita; Ferreira, 1973).

Yunes (2022) ainda nos reporta que o primeiro título do CFC no profissionalismo foi a conquista do Torneio Governador Dr. José Fragelli – governador de MT – no ano de 1973. Competição disputada por equipes da área sul do então estado de MT. Os clubes que participaram deste evento foram: Ubiratan e Operário, ambas de Dourados; Dom Bosco, de Três Lagoas; Comercial, de Ponta Porã; e a equipe de Bairro Alto, de Aquidauana, entre outras, sendo que a partida final foi realizada no Estádio Morenã, em Campo Grande, com a equipe do CFC vencendo o Ubiratan pelo placar de dois a um, com gols de Tiquira e Rutênio. A Figura 13 e a Figura 14 mostram-nos, respectivamente, a equipe do CFC na primeira conquista no futebol profissional, bem como a disposição dos jogadores em campo na grande final contra o Ubiratan:

Figura 13 – Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Campeão do Torneio Governador Dr. José Fragelli – Primeiro título no profissionalismo (1973)



*Em pé da esquerda para a direita: Edson Duarte, Viana, Aloísio, Nei Sanabria, Miranda, Tota e Pedro (Massagista) Agachados na mesma ordem: Pierre, Rutênio, Ramão “peito de aço”, Tiquira e Valério.
Fonte: Yunes (2022)

Figura 14 – Corumbaense Futebol Clube (CFC) – Disposição dos jogadores em campo na final do Torneio Governador Dr. José Fragelli(1973)



Fonte: Yunes (2022)

Convém lembrarmos que o estado de Mato Grosso do Sul (MS) só foi fundado em 11 de outubro de 1977, mediante a Lei Complementar n.º 31, porém sua instituição oficialmente aconteceu em 1.º de janeiro de 1979 (Oliveira, 2000).

Seria de grande relevância lembrar que nesse período de criação de MS, mais precisamente em 3 de dezembro de 1978, institui-se também a Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (FFMS), estando sua sede situada em Campo Grande, capital de MS, com objetivo maior de simbolizar as demandas das equipes de futebol profissional e amador do estado. Desde 1998, a FFMS era comandada pelo presidente Francisco Cesário de Oliveira,

embora não consecutivamente, pois obteve uma licença entre 2001 e 2004 para cumprir mandato como prefeito na cidade de Rio Negro (Rafael, 2017). Contudo, em maio de 2024, a CBF nomeou interinamente Estevão Petrallás para o cargo de presidente da FFMS, após a prisão do então gestor por suposto envolvimento em um esquema de corrupção denominado “Operação Cartão Vermelho”. A investigação está sendo conduzida pelo Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco), uma unidade do Ministério Público de MS especializada no combate ao crime organizado (Barros; Fernandes, 2024).

Com a criação do estado de MS, significativas mudanças concretizaram-se também no futebol profissional local, que, segundo Rafael (2017), tendo o ano de 1979 como o momento de “liberdade” de MT, passando a estabelecer uma identidade própria. O primeiro campeonato estadual de futebol profissional em MS após a divisão do estado foi vencido pelo Operário de Campo Grande, já que, juntamente com o Comercial, exercia certo protagonismo futebolístico, os dois times domiciliados na Capital e que estavam habitualmente disputando as esferas maiores do futebol, como o Campeonato Brasileiro. A propósito, o campeão estadual naquele período teria o direito de competir no campeonato nacional.

O CFC, equipe de Corumbá-MS, representante da região pantaneira e da região fronteiriça Brasil-Bolívia, mostrando toda a sua relevância obtida no futebol amador do estado, ratificou essa continuidade agora no futebol profissional, sagrando-se campeã estadual de futebol profissional em 1984, acabando com a hegemonia futebolística das equipes consideradas grandes da Capital e, conseqüentemente, fortalecendo sua representatividade dentro do profissionalismo futebolístico de MS (Florentino, 1984).

Sobre a grande final de 1984, Florentino (1984), jornalista da *Revista Placar*, nos mostra que as finais do Campeonato Estadual de Futebol profissional foram disputadas em dois jogos contra a equipe do Operário, nos quais o CFC, por ter realizado uma melhor campanha durante o quadrangular que definiu os dois finalistas da competição, ganhou um ponto de bonificação nas partidas finais. O primeiro jogo foi disputado em Campo Grande, sendo que houve um empate em zero a zero, levando assim um resultado mais confortável para o segundo jogo da decisão na cidade sede do CFC – Corumbá. Segundo Florentino (1984), o Estádio Arthur Marinho estava com cerca de dez mil torcedores, local onde o “carijó da avenida” sagrou-se campeão com um gol do atacante “Negão”, aos 35 minutos do primeiro tempo, sendo que o jogo foi apitado pelo experiente árbitro carioca de renome internacional José Roberto Wright. Em resumo, podemos dizer que a campanha do primeiro título no futebol do CFC foi disputada em 24 partidas, saindo vitorioso em 11 jogos, empatando 8 e perdendo 5. Seu ataque marcou 23 gols, sua defesa sofreu 20. Os artilheiros da equipe foram

Negão e Radar, ambos com 6 gols (Florentino, 1984). Na Figura 15, observamos a equipe do CFC campeã sul-mato-grossense de futebol profissional da Série A em 1984:

Figura 15 – Estádio Arthur Marinho – CFC – Campeão estadual de futebol profissional Série A de MS



Fonte: Florentino (1984)

Nascimento (2015) descreve que, além do jogador Negão, autor do gol que garantiu o título ao CFC em 1984, outros jogadores que integravam o elenco campeão eram originários de equipes amadoras de Corumbá. Entre eles estavam Paulinho, Binha, Mário Sérgio e Carlinho. Os demais atletas vinham de outros estados, principalmente de São Paulo, do Rio de Janeiro e Paraná, resultando em um elenco composto por 60% de jogadores locais, conhecidos como “pratas da casa”, e 40% de jogadores de fora (Nascimento, 2015).

A partir de 1990, várias equipes do interior de MS ganharam força no futebol profissional, além do CFC; Ubiratan e Serc, de Chapadão do Sul, apareceram como campeões. Portanto, existindo uma tendência interiorana de títulos, especialmente entre os anos de 2006 a 2009, já que todos os títulos vieram do interior, com os times de Coxim, Águia Negra, Ivinhema e Naviraiense, respectivamente (Rafael, 2017).

Rafael (2017) comenta também que nos anos que sucederam a conquista do primeiro título estadual do “carijó da avenida”, o Clube alternou participações entre as séries A e B do campeonato sul-mato-grossense de futebol profissional. Apesar de altos e baixos do futebol, a paixão do torcedor Corumbaense nas arquibancadas nunca mudou, sendo o clube de maior média de renda e público nos estaduais de MS (Rafael, 2017).

Recordando que em 1985, um ano após a conquista do título estadual, o CFC, por ter sido campeão de MS, adquiriu o direito de disputar a primeira divisão do Campeonato Brasileiro, sendo rebaixado em virtude de um 41.º lugar na tabela de classificação. O CFC ainda jogou a Taça de Bronze (1982) e do Módulo Azul da segunda divisão do Campeonato Brasileiro (1987), ficando ocioso entre 1987 e 2005 (Mello, 2017).

Em 2005, de acordo com Mello (2017), o CFC retorna ao futebol profissional, participando da segunda divisão – Série B – do Campeonato Estadual, após a renúncia do Clube Atlético Kapital. Já em 2006, o CFC conquista o título de campeão sul-mato-grossense da Série B, permitindo o seu acesso à Série A, permanecendo até 2011. No mesmo ano, termina o Campeonato Estadual na penúltima posição da sua chave, acabando novamente rebaixado para a Série B em 2012.

O CFC mais uma vez retorna à Série A do Estadual com o vice-campeonato da Série B em 2014. A partir daí, em 2015 e 2016, termina respectivamente na quarta e quinta posição no Estadual da Série A. Outro dado histórico relevante é que o CFC, ao atuar no Estádio Arthur Marinho, em Corumbá-MS, sempre teve um público de mais de mil pessoas por partida (Mello, 2017).

Após boas colocações nos Estaduais de MS em 2015 e 2016, Bogo (2017), repórter de um jornal de Campo Grande (MS), revela-nos que, em 2017, após 33 anos, o CFC conquista seu segundo título Estadual de futebol profissional da Série A. Segundo a mesma fonte, foi sem dúvida um dia muito festivo para os mais de cinco mil torcedores presentes no Estádio Arthur Marinho em Corumbá (MS), com uma vitória por dois a um contra a equipe do Novo, de Campo Grande. Medeiros (2017) lembra-nos ainda de que, no mesmo ano, o CFC foi campeão Estadual Sul-Mato-Grossense de Futebol Sub-19, vencendo o Operário em pleno Moreirão em Campo Grande, com placar de três a zero. Assim, o CFC Sub-19 conquistou direito de disputar a Taça São Paulo de Futebol Júnior em 2018. A Figura 16 e a Figura 17 nos reportam essas importantes conquistas, retratando uma parte da história do CFC:

Figura 16 – Atletas, comissão técnica e diretoria do CFC – Bicampeão sul-mato-grossense de futebol profissional– Série A 2017



Fonte: Gaertner (2017)

Figura 17 – Atletas e comissão técnica do CFC – Campeão sul-mato-grossense de futebol Sub-19



Fonte: Medeiros (2017)

Achamos importante destacar que o elenco bicampeão estadual de futebol profissional do CFC, em 2017, foi formado por atletas um tanto ecléticos quanto às suas origens. Pois esses jogadores vieram de outras equipes de MS, além de outras regiões do País, tais como: Sergipe, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso e São Paulo. Dois atletas brasileiros chegaram de outros países, sendo que um retornou de Portugal e outro da Arábia Saudita. A

complementação do elenco foi estabelecida com os atletas profissionais residentes em Corumbá, juntamente com os jogadores oriundos das categorias de base do próprio clube (Albertoni, 2016). No que diz respeito ao elenco do Sub-19 da divisão de base do CFC, todos os atletas campeões do Estadual pertenciam ao Programa Geração Olímpica da Funec, projeto que notadamente tinha como iniciativa a promoção e a prática esportiva entre os jovens; por consequência, fomentar a formação de futuros atletas (Medeiros, 2017).

O título de campeão estadual de futebol profissional em 2017 proporcionou ao CFC, pela primeira vez na sua história, a participação em 2018 na Copa do Brasil e na Copa Verde, além de mais uma vez participar do Campeonato Brasileiro, agora da quarta divisão, ou seja, Série D. Conforme Vidmantas (2018), repórter de um *site* de Campo Grande-MS, pela primeira fase da Copa do Brasil em 2018, o CFC venceu a equipe do ASA de Arapiraca, eliminando o adversário pelo placar de um a zero, com o único gol do jogo sendo marcado pelo atacante Elivelton, após cobrança de falta, aos 44 minutos do segundo tempo. A vitória contra o ASA fez com que o CFC fosse até Salvador-BA enfrentar o Vitória, onde a equipe de MS acabou perdendo pelo placar de três a zero, sendo eliminado da competição nacional. Albertoni (2018a) complementa afirmando que, mesmo com a derrota para o Vitória-BA, a participação do CFC na Copa do Brasil em 2018 pode ter sido considerada um tanto quanto significativa, pois rendeu aos cofres do clube o valor total de um milhão e cem mil reais, valores pagos pela CBF pela participação na primeira e segunda fase da competição.

Em 2018, o CFC ainda participou da Copa Verde, evento disputado por equipes das regiões Centro-Oeste e Norte do País, sendo que na fase preliminar eliminou a equipe do Ceilândia de Brasília; contudo, na segunda fase foi eliminado pela equipe do Luverdense (MT). Quanto à Série D do Campeonato Brasileiro daquele ano, o CFC estava no Grupo A10, juntamente com Brasiense (DF), Iporá (GO) e Dom Bosco (MT), sendo eliminado na primeira fase da competição (Albertoni, 2018b).

Ainda em 2018, o CFC ficou com o vice-campeonato estadual de futebol profissional de MS, perdendo a partida final para o Operário de Campo Grande por um a zero. Mesmo com a derrota, o CFC garantiu mais uma vez a participação em 2019 na Copa do Brasil e na Série D do Campeonato Brasileiro (Neris; Fernandes, 2018).

Segundo Cabral (2019), em 2019, o CFC foi eliminado da Copa do Brasil ainda na primeira fase da competição, ao empatar sem gols no Estádio Arthur Marinho com a equipe da Luverdense de MT, o mesmo se repetindo na Série D do Campeonato Brasileiro, já que não passou da primeira fase, estando no Grupo A10 juntamente com as equipes de Palmas (TO), Iporá (GO) e Sinop (MT).

Destacamos que essas disputas recentes, por exemplo, com participações relevantes nas competições nacionais da CBF, o CFC não fez uma profissionalização significativa do seu departamento de futebol; inexplicavelmente, houve um efeito contrário, ou seja, a equipe desde então vem passando por uma debilitação em sua estrutura organizacional e na sua trajetória em competições estaduais e nacionais. Dentre elas estão: 1) a perda de uma das vagas na série D do Campeonato Brasileiro para uma equipe do estado do Espírito Santo, em decorrência de uma padronização do *ranking* da Confederação Brasileira de Futebol – CBF (2021), prejudicando o calendário, já que as equipes aqui em MS disputam apenas duas competições regionais, limitando-se a primeiras e segundas divisões do campeonato estadual de futebol profissional; 2) os problemas de punições recebidas por alguns jogadores que atuaram de forma irregular no Campeonato Estadual de Futebol Profissional; e 3) a situação financeira atual do CFC agravou ainda mais com a pandemia do coronavírus a partir de meados de 2020 (Cabral, 2020).

Esta crise financeira aumentada pela pandemia da Covid-19 seria o motivo principal para a desistência do CFC em disputar as quartas de finais do Estadual 2020, sendo desta forma rebaixado automaticamente para a Série B do campeonato estadual de futebol profissional de MS em 2021. Por consequência, sofre uma severa punição da CBF, sendo suspenso por dois anos, ficando até 2022 impossibilitado de disputar quaisquer competições organizadas pela entidade ou pela FFMS (Vidmantas, 2021).

Diante dessa realidade financeira deficitária do CFC e da maioria dos clubes de MS, podemos argumentar que essa problemática poderia ser atenuada por meio de uma nova perspectiva na administração no futebol. Perante isso, Cocctrone (2022) aborda a introdução da Sociedade Anônima do Futebol (SAF), um modelo de gestão estabelecido pelo Congresso Nacional em 6 de agosto de 2021, com a Lei n.º 14.193/2021. A referida Lei permite aos clubes futebolísticos serem transformados em empresas, cuja atividade principal seja a prática do futebol em competições profissionais, contrastando com o modelo tradicional de clubes no Brasil, que, em sua maioria, não possuem fins lucrativos.

Cocctrone (2022) afirma que a migração para o modelo SAF apresenta vantagens, porém envolve riscos para os clubes. Os benefícios da SAF decorrem de sua regulamentação mais rigorosa, com diretrizes claras para os dirigentes, que precisarão adotar práticas mais transparentes e responsáveis na gestão. Os riscos, por outro lado, advêm justamente dessa regulamentação severa, que impõe consequências em caso de não conformidade com essas medidas, desde a responsabilização pessoal dos gestores até a possível falência do clube (Cocctrone, 2022). Embora a aprovação da SAF tenha gerado considerável entusiasmo, o

modelo, por si só, não constitui a solução definitiva para que os clubes sejam vencedores; porém, pode representar um meio eficaz para a reestruturação das agremiações (Souza *et al.*, 2022).

Retomando um caminho construtivo e de pensamento organizacional enquanto equipe futebolística, é importante destacar que o CFC, por meio de seu departamento jurídico, reverteu a punição de dois anos direcionada ao clube com o pagamento da multa no valor de R\$ 4,4 mil, imposta pelo Tribunal de Justiça Desportiva de Mato Grosso do Sul (TJD-MS), recurso destinado a uma entidade filantrópica, liberando assim o Clube para a disputa da Série B em 2022 (Regis, 2022).

Ressaltamos que, mesmo com essa liberação do Clube, outro fato relevante deixa o CFC e demais clubes de MS com certa motivação para vislumbrarem novos horizontes para o cenário futebolístico regional, pois, segundo o *site* da CBF (2022), a entidade atualizou o novo Ranking Nacional de Federações (RNF), direcionando a FFMS na 25ª posição, em que o art. 41, que regulamenta a Copa do Brasil, atribui às federações estaduais dispostas entre as posições de 15ª a 27ª o direito a duas vagas na Copa do Brasil de 2024. Isso acabou fortalecendo as federações estaduais, uma vez que 80 das 92 equipes se classificarão para a Copa do Brasil via campeonatos regionais pelos critérios técnicos do seu respectivo estado, já que essa competição nacional, além de democrática, tem uma das maiores premiações do futebol brasileiro, portanto de fundamental importância para a saúde financeira dos clubes (Gastin, 2022).

Assim, um ponto importante a ser tratado, considerando a realidade e o cenário atual do futebol de MS, é a vida do atleta profissional, até porque muitos atletas do CFC acabam realizando uma migração sazonal, isto é, adentrando no país vizinho – Bolívia – em busca de alternativas de trabalho como “profissionais da bola”, particularmente em decorrência de um calendário futebolístico profissional muito restrito e até certo ponto deficiente em MS, especialmente em regiões de fronteira como se encontra Corumbá-MS, tema que vamos explorar a seguir.

3 O ATLETA DE FUTEBOL PROFISSIONAL NO AMBIENTE FRONTEIRIÇO

Conforme Sayad (1998), o imigrante é, dentre outros conceitos, uma duplicidade, visto que o indivíduo em debate simboliza permanentemente uma oscilação entre uma condição transitória e uma circunstância longeva. O mesmo autor nos reporta que um imigrante é fundamentalmente uma força trabalhista passageira, efêmera e transitória. Minakawa *et al.* (2015) corroboram e complementam, dizendo-nos que o imigrante representa uma força trabalhista que pode ser imutável ou passageira, conforme as demandas daqueles que os acolhe. Portanto, a ação migratória entre países acontece em função de vários agentes, por exemplos: a) o grande aumento populacional das nações prósperas – nesses países, o excesso de trabalhadores, ocasionado pelo aumento da população, não é incorporado ao desenho produtivo, levando ao fluxo migratório para outras nações; b) a miséria – carência econômica básica; c) a desigualdade financeira; d) as transgressões aos direitos humanos, decorrentes de questões sociais e políticas, exercem uma consequência desordenada em relação à sociedade e, eventualmente, conduzindo à migração forçada (Naciones Unidas, 1997).

3.1 O futebol e os imigrantes da bola

Nesse contexto, Albuquerque (2008) nos fala que os fenômenos migratórios podem ser interpretados como movimentos nas fronteiras, uma vez que as interações com diversas conjunturas sociais frequentemente geram desafios, resultando na formação de fluxos e intercâmbios culturais. No entanto, ao examinar mais detalhadamente o assunto, conceitua a imigração fronteiriça como a movimentação de pessoas nas áreas limítrofes entre nações vizinhas, observando que os migrantes fronteiriços, em geral, mantêm vínculos com sua terra de origem e continuam a se comunicar na língua materna (Albuquerque, 2008).

Perante esse cenário migratório nas fronteiras, Machado (1998) nos afirma que o termo “fronteira” surgiu como um fenômeno da vida social à margem das áreas habitadas, tornando-se lugares de comunicação e, conseqüentemente, adquirindo um caráter político, como objeto de preocupação permanente de estados e países no sentido de controle e vinculação. Machado (1998) sugere que a região com contato fronteiriço pode ser um local para além do conflito e da disputa, mas também como um espaço de integração, sobretudo à medida que seja uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas. Por isso, segundo Raffestin (1993), uma fronteira não é somente um fato geográfico, mas também um evento social de uma riqueza considerável.

Em nosso trabalho, a fronteira aqui citada diferencia-se de limites internacionais, sobretudo no sentido de que a primeira é palco de vivências, experiências, conflitos e trocas, enquanto que limites internacionais são a “linha que divide”, resultante de acordos internacionais (Machado, 1998). Oliveira (2016) reforça a ideia quando afirma que os limites são produtos de acordos ou desacordos internacionais que fixam o início e o fim de uma soberania; a fronteira é um local de tensão, intercâmbio e integração entre distintos povos. Assim sendo, quando caracterizamos a fronteira, precisamos entender as diferenças culturais e as ambiguidades existentes nesse contexto, destacando as familiaridades entre os povos que vivem em regiões com contatos internacionais. Martins (2009) define a fronteira como um lugar singular, assegurando que é na fronteira que se observa de forma adequada como as sociedades se constroem, se desordenam ou se constituem:

A fronteira é o espaço próprio do encontro de sociedades e culturas entre si diferentes, a sociedade indígena e a sociedade dita ‘civilizada’, mas também as várias e substancialmente diferentes facções da sociedade de brancos e mestiços que somos. A fronteira é o lugar da liminaridade, da indefinição e do conflito. Tem sido o lugar da busca desenfreada de oportunidades (Martins, 2009, p. 10).

Assim sendo, Oliveira (2015) comenta que a fronteira, além de representar o cenário singular onde sociedades e culturas diversas se encontram, interagindo entre si, nos diz também que ela é intrinsecamente um território propenso a manifestações de rebeldia. Essa característica perdura ao longo do tempo e parece destinada a persistir. Contudo, é fundamental examinar se toda fronteira é igualmente “rebelde”. A resposta é afirmativa, embora seja crucial avaliar a intensidade dessa rebeldia e como ela se manifesta nesse contexto específico. A rebeldia está estreitamente vinculada ao grau de permeabilidade fronteira, às práticas diárias das trocas sociais e aos intercâmbios comerciais facilitados, ou seja, à sua densidade populacional. Oliveira (2015) afirma que a rebeldia traz consigo a criatividade como uma substância inalienável; sem a presença da criatividade, a rebeldia perde sua razão de existir na fronteira. Por isso, somente a criatividade possui a capacidade de incorporar a rebeldia em um contexto harmonioso com a realidade.

Diante desse panorama, podemos concluir que a fronteira, além de evidenciar essa rebeldia marcante, gera diversas criatividade nesse espaço, onde as pessoas se apropriam das possibilidades e oportunidades que esse contexto fronteira oferece (Oliveira, 2015). Destacamos, em particular, que a fronteira com interação internacional pode ser um caminho aberto para os desportistas, com ênfase nos futebolistas profissionais que residem nessas áreas

e realizam o movimento migratório sazonal, o que pode ser evidenciado na região fronteira Brasil-Bolívia em estudo.

Perante esse contexto fronteiriço e migratório, Nascimento, Ribeiro e Pereira (2019) nos reportam que o movimento migratório nas atividades desportivas é conceituado como o fluxo de ingresso/egresso de desportistas entre diferentes nações, os motivos e implicações desse fenômeno são variáveis e dependem das particularidades de cada contexto.

As migrações no esporte, tanto locais quanto para outros países, são aquelas que os desportistas realizam no decorrer do seu caminho profissional buscando novos desafios na carreira, sendo determinadas por demandas técnicas ou financeiras (Maguire, 2007). Na mesma perspectiva, Young (2016) nos acrescenta que existe uma afinidade posterior ao colonialismo atrelada ao contexto migratório esportivo, indicando que desportistas de nações menos favorecidas socioeconomicamente procuram se instaurar em nações com maior organização esportiva e programa financeiro estabilizado internacionalmente.

Sendo assim, devido à crescente internacionalização do esporte, que favorece a migração de atletas em relação a locomoções e questões burocráticas, a quantidade de esportistas de diversas modalidades que optam por jogar em países diferentes de suas origens tem aumentado significativamente a cada ano. Essa tendência abrange milhares de atletas, tanto aqueles que buscam constituir e consolidar suas carreiras esportivas (Faggiani *et al.*, 2016), quanto aqueles que almejam melhorias na qualidade de vida e um ganho financeiro maior (Tertuliano *et al.*, 2018).

Essa disposição esportiva migratória é vivenciada também na conjuntura futebolística. Por exemplo, Freitas (2019) nos remete ao fato de que o emprego de futebolistas imigrantes em seleções dos países existe desde o nascimento do futebol. Arquitetado na Inglaterra por volta do século XIX, o futebol tornou-se uma modalidade universal, mobilizando centenas de pessoas (Franco Júnior, 2007), tal qual se estabeleceu como a mais importante esfera esportiva mundial.

Em função do engrandecimento futebolístico, a modalidade penetra em todos os continentes e transforma-se num referencial mundial, permitindo ser praticado por todas as camadas sociais, não somente pelos ricos ou os mais afortunados na época (Freitas, 2017). Os imigrantes foram uma dessas classes que, em função do futebol, tiveram a oportunidade de instituir clubes e agremiações nas comunidades, ampliando conexões entre as diversas culturas em um país estrangeiro, fato ocorrido nos continentes europeu e sul-americano, visto que o futebol difundiu-se inicialmente nesses territórios (Freitas, 2019).

A supremacia brasileira na esfera futebolística, determinada não apenas pelas conquistas de Copas do Mundo, como também pela forma de se praticar futebol chamada de “futebol-arte” (Vogel, 1982; Damatta, 1994; Gil, 1994; Helal, Gordon Júnior, 1999), possibilitou que nossos atletas de futebol se colocassem numa condição extremamente respeitada no âmbito trabalhista. Por consequência, julga-se que, a partir de 1930, se iniciou um movimento migratório de futebolistas do Brasil para outros países, especialmente para a Europa (Tonini, 2013).

Inicialmente, futebolistas brasileiros de destaque na época, como Fausto e Domingos da Guia, emigravam do Brasil almejando sair do amadorismo futebolístico até então existente, vislumbrando a sonhada profissionalização e os ganhos monetários maiores em outras nações (Lopes, 2004). Quando o profissionalismo chega ao Brasil em 1933, esse movimento migratório dos atletas de futebol para outros países se enfraquece por certo período; contudo, algumas nações indicavam ser mais interessante para se jogar futebol profissionalmente, como a Itália na Europa e até a Colômbia na América do Sul, já por volta de 1950. A partir dessa época, a Espanha começa também a receber os futebolistas brasileiros. A utilização de atletas estrangeiros de outros continentes era limitada, sendo que diretores das equipes e empresários de atletas buscavam incansavelmente uma comprovação de ascendência europeia dos jogadores de futebol emigrantes do continente sul-americano, sobretudo procedentes do Brasil e da Argentina (Tonini, 2013).

Para os futebolistas brasileiros, pelo menos até o início da década de 1980, atuar em outros países constituía se dedicar exclusivamente à equipe, renunciando de fato à oportunidade de jogar pela Seleção do Brasil (Caju, 2006). Isso ocorria primeiramente devido à falta de cooperação das equipes estrangeiras em liberar seus jogadores para as convocações da seleção. Além disso, a escolha do atleta brasileiro em jogar fora do Brasil era observada de forma desfavorável pela imprensa, diretores de clubes e torcida brasileira (Jacobs; Duarte, 2006). Portanto, o movimento migratório dos atletas brasileiros de futebol para o continente europeu não era tão significativo, pois atuar em uma grande equipe no Brasil e representar a Seleção Brasileira ainda eram os maiores desejos para a carreira profissional desses sujeitos (Tonini, 2010).

É relevante relatar que existiam controles jurídicos e profissionais aos futebolistas imigrantes (Tonini, 2013). Convém descrever também que a Federação Espanhola de Futebol (RFEF), no ano de 1974, resolveu não se opor mais ao combate à corrupção e aos “cambalachos” aos quais alocavam imigrantes ilegítimos nas competições futebolísticas de elite do campeonato espanhol (Coelho, 2009). A partir de então, houve a permissão à

existência de dois atletas imigrantes por equipe, não importando sua origem espanhola. Em 1980, a Federação Italiana de Futebol (FIGC), após catorze anos de mercado futebolístico fechado, resolveu aceitar a inclusão de um jogador estrangeiro por equipe. Já em 1982, a FIGC também permitiu a segunda vaga (Tonini, 2013). Além disso, devemos considerar a depreciação monetária e a crise financeira que o Brasil enfrentou na década de 1980 (Tonini, 2013).

Nesse contexto, a procura por jogadores de futebol brasileiros para jogar no continente europeu deparou com um cenário imensamente adequado. Embora o empenho de alguns clubes no Brasil tornou-se gradativamente mais desafiador que competir com as promessas de remunerações mais elevadas dos clubes internacionais, era mais atraente para os futebolistas brasileiros concordar com as ricas ofertas financeiras desses clubes. Em função da delicada crise econômica das equipes brasileiras, a exportação de atletas tornou-se uma suposta “resolução” para essa problemática (Proni, 1998). Para as pessoas em geral, iniciou-se uma verdadeira “saída” (Helal, 1997), na qual ficou evidente a emigração de nossos talentosos jogadores, tais como: Falcão (Roma, 1980), Zico (Udinese, 1983), Sócrates (Fiorentina, 1984), entre muitos outros. Essas habilidades dos futebolistas brasileiros, nos dizeres de Damatta (1994) e Paoli (2007), indicam, respectivamente, que a improvisação e a espontaneidade são características marcantes desses indivíduos.

Brasil (2009) confirma essa saída dos futebolistas brasileiros para o exterior, ao dizer que essa comercialização para o mercado internacional transformou-se em algo mais corriqueiro desde a década de 1980, com exclusividade para os atletas já renomados. Contudo, a partir da década de 1990, essa saída de futebolistas brasileiros para o exterior vai se tornando ainda mais habitual, sendo que, após a chegada do século XXI, esse fluxo migratório torna-se de fato um êxodo. Assim, Brasil (2009) indica que os futebolistas com certo destaque individual em sua equipe eram negociados para algum clube internacional. E, nas últimas décadas, o futebol emergiu como um dos setores mais rentáveis em todo o mundo. Portanto, o Brasil, conhecidamente “o país do futebol”, tem desempenhado um papel fundamental ao exportar seus talentosos futebolistas para municiar o mercado global. Essa indústria tem apresentado expectativas de lucro bastante promissoras, superando amplamente outras formas de aplicação financeira (Brasil, 2009).

Quanto ao interesse do atleta de futebol profissional em realizar esse fluxo migratório para outro país para exercer sua profissão, deve ser salientado que a questão financeira não é o único estímulo, visto que outras questões auxiliam-nos a justificar tal fato, tais como: um maior equilíbrio financeiro das equipes internacionais quando comparado às brasileiras,

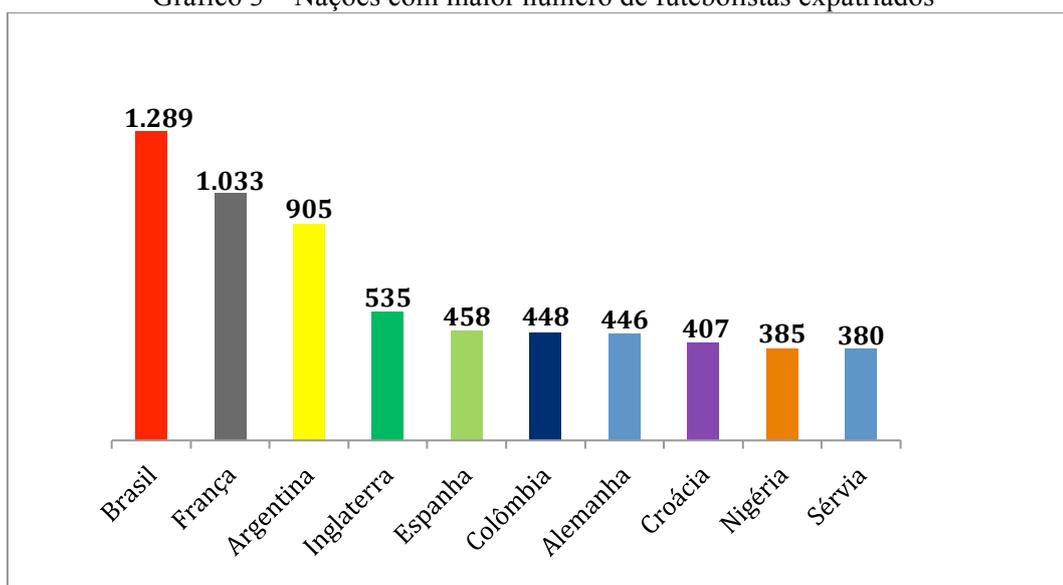
administração deficiente das equipes no Brasil, normalmente as convocações para a seleção brasileira são de atletas que atuam no futebol internacional, além da desordem nas cidades que domina nosso País (Brasil, 2009).

Nesse contexto migratório futebolístico, devemos destacar que o Brasil continua sendo o maior exportador de atletas de futebol para o exterior. Um estudo realizado pelos pesquisadores Poli, Ravenel e Benson (2023) pelo 85.º Relatório Mensal do *Cies Football Observatory*, na Suíça, analisa a presença de jogadores de futebol expatriados⁶ em 2.200 equipes integrantes de 135 ligas ao redor do mundo. Dessas ligas, 83 são de federações-membros da Uefa e 52 pertencem a associações de outras confederações. Nesse estudo, foram analisadas as origens de 62.610 futebolistas que compunham as equipes principais de seus respectivos clubes empregadores em 1.º de maio de 2023, englobando 14.405 expatriados. Essa definição de expatriação possibilita separar as migrações esportivas de outros tipos de migração, concentrando-se nos fluxos diretamente relacionados à prática futebolística. Realizado anualmente desde 2017, na mesma data, e seguindo os mesmos critérios, o estudo apresenta as tendências ressaltadas tanto espacialmente quanto temporalmente.

Por meio dos resultados obtidos pela pesquisa do *Cies Football Observatory*, foi revelado que o Brasil possui 1.289 jogadores de futebol atuando internacionalmente, contra 1.033 atletas franceses e 905 argentinos. Essas três primeiras posições do *ranking* combinados retratam impressionantes 22,4% do total da força de trabalho no mundo futebolístico. Esses números (Poli; Ravenel; Benson, 2023), oriundos do referido estudo, enfatizam a influência e o domínio das nações de destaque, reforçando a importância e o impacto significativo que esses países têm no cenário global do futebol. O Gráfico 3 apresenta-nos mais detalhes das nações com mais jogadores expatriados:

⁶ Expatriados são os futebolistas que jogam em clubes fora de suas associações de origem, tendo deixado seu país natal após serem recrutados por clube estrangeiro.

Gráfico 3 – Nações com maior número de futebolistas expatriados



Fonte: *Cies Football Observatory* (2023)

Comparando esse estudo do *Cies Football Observatory* de 2023 com o ano anterior, a quantidade de futebolistas brasileiros no exterior cresceu 5,6%, aumentando de 1.221 para 1.289 jogadores. Contudo, deve ser salientado que o contingente atual desse público é o mais significativo desde o início da pesquisa no ano de 2017. O Gráfico 4 mostra-nos a linha do tempo entre 2017 e 2023 e o número de futebolistas expatriados nesse período, ano a ano:

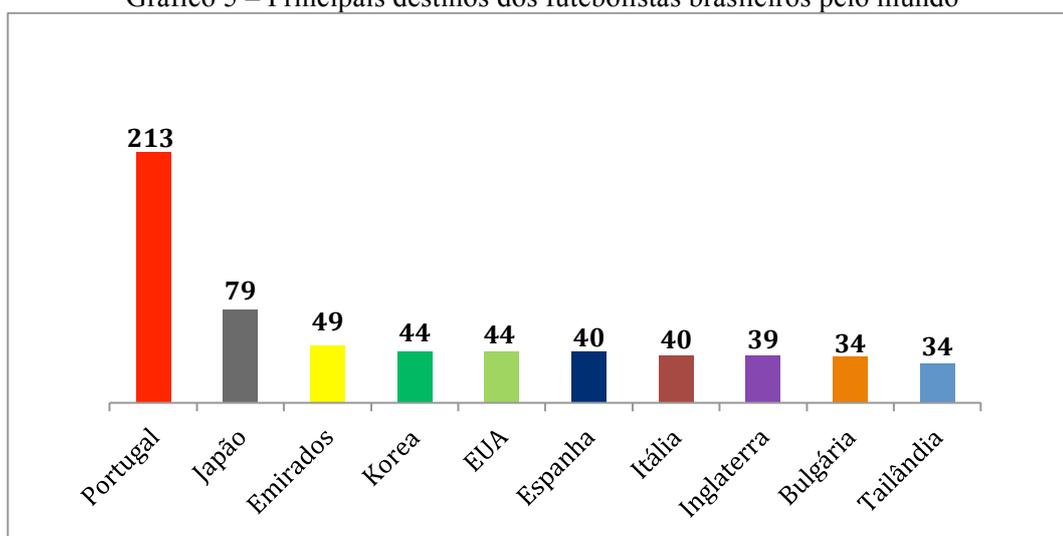
Gráfico 4 – Futebolistas brasileiros expatriados de 2017 a 2023



Fonte: *Cies Football Observatory* (2023)

Entretanto, o *Cies Football Observatory* nos aponta também (Gráfico 5) que, quanto ao destino dos futebolistas brasileiros mundialmente, esses atletas fazem-se presentes em 82 dos 88 países retratados nesse estudo. O continente europeu, representado por Portugal, permanece o destino predileto desses atletas – 213 jogadores –, acompanhado de quatro nações de outros continentes: Japão, Emirados Árabes Unidos, Coreia do Sul e Estados Unidos.

Gráfico 5 – Principais destinos dos futebolistas brasileiros pelo mundo



Fonte: *Cies Football Observatory* (2023)

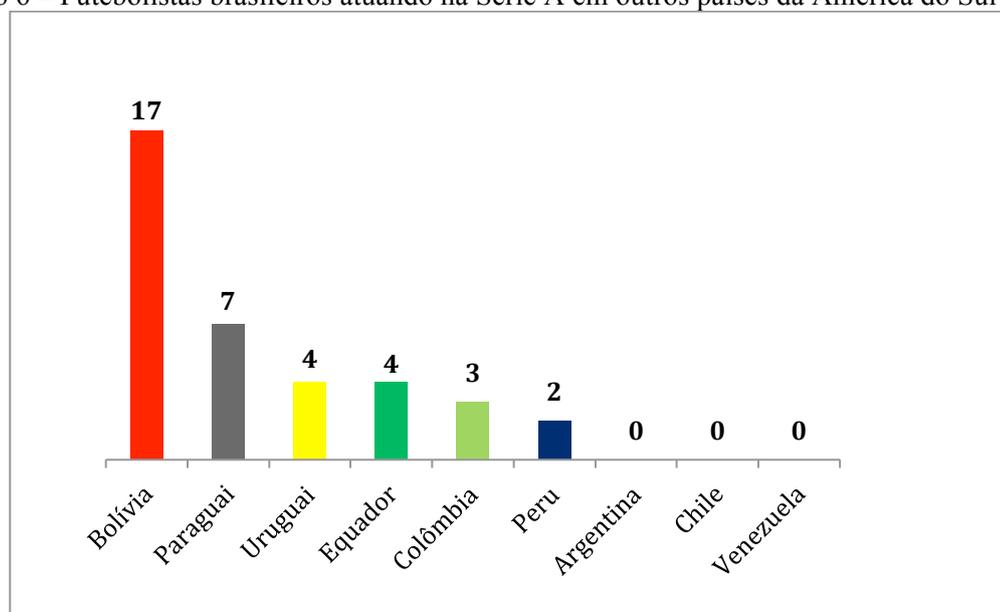
No entanto, os dados do relatório divulgado pelo *Cies Football Observatory* trazem-nos reflexões sobre o estudo e, inclusive, algumas conclusões, tais como: 1) nunca houve uma presença tão significativa de jogadores em países diferentes de suas origens; 2) desde 2017, a quantidade de futebolistas expatriados por equipe cresceu aproximadamente 20%; e 3) esse aumento gradual simboliza agora quase um quarto dos jogadores ativos nas 135 ligas pesquisadas.

A pesquisa também prevê que essa propensão de crescimento do número de futebolistas expatriados deve permanecer nos próximos anos. Fora do continente europeu, esse aumento pode ser estimulado pelo crescimento econômico da *Major League Soccer* (MLS) nos Estados Unidos, pela flexibilização das restrições de estrangeiros na Ásia e pelos expressivos investimentos realizados pela Arábia Saudita.

Devemos destacar ainda que essa preferência dos futebolistas brasileiros por Portugal quando da sua transferência para a Europa, muito se deve às afinidades históricas, às contingências legais e semelhanças culturais, além do mesmo idioma e clima similar entre os dois países (Nascimento *et al.*, 2020).

Entretanto, somos cientes de que o futebol brasileiro, além de ser um exportador de futebolistas para outros continentes, como já retratado pela *Cies Football Observatory*, também tem direcionado esses atletas para o mercado sul-americano. Segundo Lobo (2023), jornalista e editor de um *site* paulista, é comum encontrar times de outros países aqui na América do Sul que recrutam jogadores brasileiros, resultando em uma recepção de futebolistas migrantes do nosso País. Isso ocorre porque, geralmente, esses atletas não teriam oportunidades em equipes da Série A do futebol brasileiro, porém, conseguem construir carreiras interessantes nos campeonatos das regiões sul-americanas mais remotas e menos conhecidas. O Gráfico 6 ilustra o número de futebolistas brasileiros atuando na primeira divisão de outros países do continente sul-americano:

Gráfico 6 – Futebolistas brasileiros atuando na Série A em outros países da América do Sul em 2023



Fonte: elaboração própria a partir de dados do Sudaca Brasil (2023)

Convém destacar que, ao descrevermos os países da América do Sul que acolhem futebolistas brasileiros para competições de primeira divisão em suas respectivas ligas, observamos um total de 37 atletas nessas condições (Gráfico 6). Inclusive, ao olhar para os mesmos dados, observamos que algumas nações se sobressaem nesse cenário, com destaque especial para a Bolívia, que conta com 45,9% dos atletas, seguida pelo Paraguai com 18,9%, além de Equador e Uruguai, ambos com 10,8% dos futebolistas brasileiros que realizam esse fluxo migratório para outros países sul-americanos. Em contrapartida, o fato de que os futebolistas brasileiros não se fazem presentes nos clubes da primeira divisão em alguns países da América do Sul, por exemplo, Argentina, Chile e Venezuela, impele-nos a fazer

reflexões sobre a realidade migratória futebolística dos atletas brasileiros, algo que também se evidencia na fronteira local – Brasil-Bolívia – em MS.

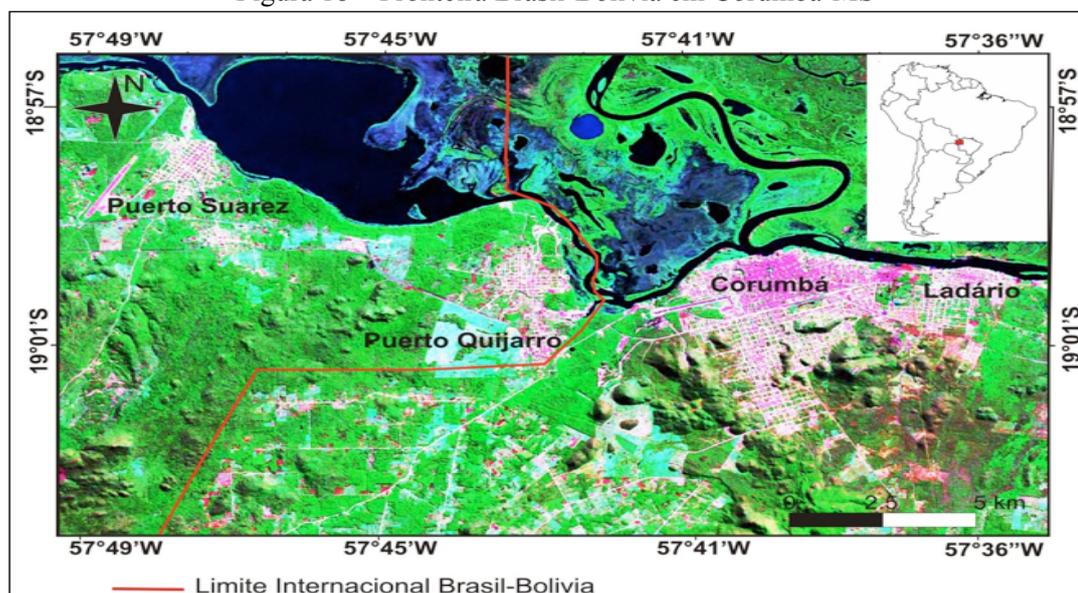
3.2 A migração sazonal do atleta de futebol profissional na fronteira de MS: desafios e oportunidades

Essa busca desafiadora por oportunidades em mercados futebolísticos internacionais também fica evidenciada nas migrações da região fronteira de Brasil-Bolívia em MS, o fluxo migratório dos atletas de futebol profissional que atuaram no CFC na cidade de Corumbá-MS é recorrente com o país vizinho, com especial destaque para as equipes amadoras bolivianas nas cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Particularmente a cidade de Corumbá, município no qual se encontra o CFC, objeto da nossa pesquisa, localizada no extremo oeste de MS, sendo tradicionalmente conhecida como a Capital do Pantanal, devido à sua biodiversidade e/ou como região fronteira devido à sua característica limítrofe entre o Brasil e a Bolívia.

Ressaltamos que a chamada região pantaneira ou fronteira de Corumbá é formada por algumas cidades no Brasil e na Bolívia; assim, temos a cidade brasileira de Ladário-MS e, no território boliviano, temos as cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, sendo que Corumbá exerce uma significativa centralidade. Oliveira e Loio (2019) corroboram com esse pensamento, reforçando o destaque regional na fronteira Brasil-Bolívia em MS, salientam que Corumbá é um centro dinâmico na região. Isso se deve ao fato de que as maiores demandas, tanto em termos de trabalho quanto relacionadas aos serviços de saúde e educação, ocorrem nessa localidade.

Essa importante relevância regional exercida por Corumbá justifica-se pelos dados do IBGE (2022), primeiramente com uma área territorial de 64.432,450 km² e, depois, pelo volume populacional residente estimado em 96.268 habitantes, em que as maiores e mais significativas fontes de arrecadação de impostos municipais advêm das atividades extrativas do minério de ferro e manganês, de comércio e serviços urbanos. O turismo também é um elemento na economia corumbaense, beneficiado pela magnitude do Pantanal e pela sua localização em área fronteira que possibilita diferentes fluxos migratórios (Chaparro; Lamberti, 2018). Na Figura 18, podemos observar a referida região fronteira, o que inclui o limite internacional e as diferentes cidades que a compõe, demonstrando como esse local se constitui em termos de território:

Figura 18 – Fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá-MS



Fonte: Figueiredo, Costa e Paula (2011)

É nessa fronteira Brasil-Bolívia em MS, representada pela Figura 18, que se encontra o CFC, uma entidade que desempenha papel significativo no cenário do futebol regional. Sua importância na região fronteiriça vai além de sua rica história ou conquistas; também se manifesta na demanda dos atletas profissionais locais e de outros lugares do País, que desejam integrar o elenco do Clube para participar de competições futebolísticas em MS ou até mesmo em âmbito nacional, organizadas pela CBF. Isso devido a essa relevância no mundo do futebol que o CFC representa, em parte MS, na região fronteiriça Brasil-Bolívia.

É importante ressaltar que o futebol é uma modalidade esportiva com presença marcante no Brasil e, praticamente, em todas as outras nações. Nesse contexto, conforme destacado por Morato (2021), o futebol não apenas é um dos esportes mais populares do mundo, envolvendo aproximadamente 250 milhões de jogadores globalmente, mas também mobiliza cerca de 1,8 bilhões de pessoas, entre participantes e torcedores, espalhados por diversos continentes. De fato, não há como negar que esse campo esportivo tem a capacidade de mobilizar uma grande parcela da humanidade, pois o futebol acontece em quase toda parte, nas conversas diárias entre as pessoas, nas ruas, no trabalho, na escola ou no ambiente de lazer. Além disso, ele tem uma presença muito forte nos diferentes meios midiáticos – internet, rádio, jornalismo impresso, TV, redes sociais –, o que torna o tema futebol muito corriqueiro na cultura brasileira, até porque simplesmente faz parte do convívio humano e social das pessoas (Souza *et al.*, 2011).

Devido a essa visibilidade, as expectativas que impulsionam os futebolistas a buscarem a profissionalização acabam sendo direcionadas no sentido da mudança de vida,

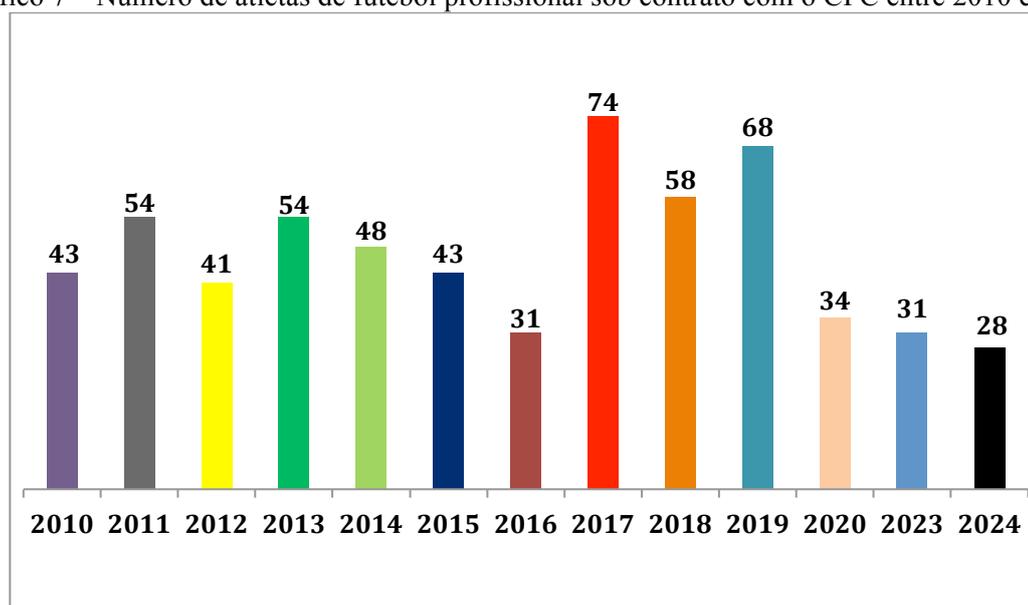
com ênfase na dimensão financeira, uma vez que esse fato oferece a oportunidade de proporcionar melhores condições sociais e econômicas para seus familiares (Araujo; Francisco; Piovezan, 2021). Por isso, é natural que o atleta busque uma eventual ascensão social através do esporte, conforme Morato (2021) explica:

Os atletas, hoje em dia, adotam como principal objetivo jogar nos grandes centros econômicos futebolísticos, ou seja, nos campeonatos europeus, devido aos salários absurdos e a imagem de celebridade que lhes é concedida. Com isso, o futebol passou a ser uma das únicas chances de melhora econômica e social para muitas crianças pobres que, fatalmente, não teriam condições de subir na vida de outra maneira (Morato, 2021, p. 77).

Por exemplo, na região fronteira do nosso estudo, também se evidencia esse processo, o atleta profissional que atuou no CFC procura por melhores condições econômicas e sociais nas atividades futebolistas, sobretudo realizando um fluxo migratório temporário na Bolívia para manter sua atividade profissional ativa e uma fonte de renda. Devemos indicar que, na fronteira Brasil-Bolívia, é visível o intenso contato entre os habitantes fronteiriços, seja por razões comerciais, seja por uma vasta gama de intercâmbios socioculturais no seu sentido amplo (Costa; Dias, 2015). Perante a isso, procuramos apresentar as discussões que norteiam os movimentos migratórios sazonais de atletas de futebol profissional do Brasil, especificamente na região fronteira – Brasil-Bolívia –, que buscam alternativas de renda e subsistência. Essa sazonalidade migratória, no pensamento de Araújo (2017), é definida pela sua temporalidade, sendo um movimento constante que ocorre anualmente em alguns períodos, no formato de zigue-zague, sempre com períodos de regresso, nunca de forma definitiva. Guitarrara (2024) vê a sazonalidade como uma forma de deslocamento temporário que ocorre devido a diferentes motivações, dentre outras condições associadas às mudanças sazonais. Após certo período, o migrante retorna ao seu local de origem.

Segundo o Sistema de Gerenciamento de Dados da CBF (2024), entre os anos de 2010 a 2021, período que delimitamos no tema para o nosso estudo, observa-se um número expressivo de 548 atletas de futebol profissional que estiveram com algum tipo de relação empregatícia ou sob contrato com o CFC. Além disso, ressaltamos os vínculos trabalhistas de 59 futebolistas do CFC referentes aos anos de 2023 e 2024, período posterior ao afastamento do Clube de competições oficiais. Para facilitar, demonstramos no Gráfico 7, de forma fragmentada, esses vínculos dos atletas profissionais em cada temporada do calendário futebolístico do CFC em MS:

Gráfico 7 – Número de atletas de futebol profissional sob contrato com o CFC entre 2010 e 2024



Fonte: elaboração própria a partir de dados da CBF (2024)

O Gráfico 7 também nos mostra que o ano de 2017 é marcado não apenas pelo fato histórico de o CFC ter conquistado o bicampeonato estadual de futebol profissional em MS, mas porque foi a temporada em que o maior número de atletas foi utilizado, o que compreendeu um total de 74 atletas profissionais. Essa tendência persistiu nos anos subsequentes, 2018 e 2019, com 58 e 68 atletas profissionais respectivamente, principalmente devido às disputas de competições nacionais no período, como a Copa Verde, a Copa do Brasil e a participação na Copa São Paulo de Juniores. É importante ressaltar que, a partir de meados de 2020, o CFC licenciou-se do futebol profissional, deixando de participar de qualquer competição oficial desde então.

Destacamos que, em 2023, o CFC retornou ao cenário futebolístico profissional, disputando a Série B do campeonato estadual em MS, alcançando o segundo lugar. Esse desempenho garantiu a ele o direito de participação na Série A em 2024 (Regis, 2023). Diante desse contexto, o CFC, após retornar à elite do futebol de MS, competiu na Série A no corrente ano, alcançando as semifinais, porém sendo derrotado pelo Dourados Atlético Clube. Esse revés não apenas pôs fim ao sonho de disputar a final da competição em 2024, mas também a oportunidade de participar da Copa do Brasil e da Série D do Campeonato Brasileiro de Futebol em 2025 (Albertoni, 2024).

Devido a um calendário futebolístico profissional deficitário e um tanto deficiente em MS, somado aos percalços já mencionados do CFC, clube que representa a região fronteira nos campeonatos de futebol regional em MS e nas competições nacionais promovidas pela

CBF, as alternativas de renda, ou mesmo sua complementação, tornam-se, até certo ponto, escassas para a maioria desses atletas profissionais locais que dependem do Clube. Diante desta conjuntura atual, diversos jogadores que atuaram no CFC e que residem em Corumbá-MS ou Ladário-MS são frequentemente requisitados pelos representantes das equipes ou dos clubes esportivos da Bolívia, mesmo sabendo que grande parte dessas equipes bolivianas não disputa competições profissionais, participando apenas de campeonatos amadores. Entretanto, é importante destacar Albuquerque (2008), que nos descreve que as fronteiras são fluxos, obstáculos, separações, integrações, conflitos, domínios e subordinações, mas também apresentam espaços para diferentes oportunidades, incluindo distintas formas de integração cultural, social e econômica.

No entanto, nesse movimento migratório sazonal de atletas de futebol profissional na região fronteira Brasil-Bolívia, alguns fatores são relevantes e suscitam muitas reflexões sobre os grandes desafios e também sobre as oportunidades direcionadas a esse público. Pontos positivos e negativos dessa sazonalidade devem ser considerados. Assim, por um lado, devido à sua qualidade técnica superior, os atletas do CFC frequentemente se destacam como protagonistas no país vizinho, dado que o futebol amador não possui o mesmo nível de excelência técnica do futebol profissional (Elias, 1992). Além disso, esses jogadores têm a oportunidade de complementar sua renda mensal, preencher seu calendário anual e manterem-se ativos por meio da prática futebolística, participando, neste caso, de campeonatos amadores na Bolívia. Por exemplo, Botta (2023) alega que, em busca de ganhos financeiros ou do prolongamento de suas carreiras, os jogadores veem no futebol amador um mercado promissor a ser explorado.

Nessa condição, Silva (2009) observa de forma positiva, que no futebol amador existe a intervenção de empresários ou agentes que atuam nesse segmento, intermediando junto a esses atletas uma eventual migração ou retorno para o futebol profissional. Adicionalmente, o futebol amador torna-se uma referência para os jogadores que se encontram sem afiliação a clubes profissionais, visto que esses atletas se mantêm ativos ao praticar o esporte amador, o que possibilita uma maneira de condicionar a sua forma física, o ganho financeiro, além de estarem preparados para futuras oportunidades profissionais no campo esportivo futebolístico (Leme, 2011).

Outros pontos importantes na trajetória e no processo do futebol amador são também a existência de percalços significativos a serem considerados. Jogadores que atuam por equipes amadoras na Bolívia podem enfrentar o encurtamento de suas carreiras devido a lesões. Nesse contexto, Souza e Andrade (2022) relatam em seus estudos uma alta incidência

de lesões articulares entre os jogadores de futebol amador, principalmente em função dos contatos físicos recorrentes, bem como devem ser consideradas também as condições deficientes dos campos onde o futebol é praticado. Paula (2016) reforça essa perspectiva ao afirmar que o futebol amador normalmente não dispõe de estádios com boa infraestrutura, refletindo assim nas condições mínimas dos campos de jogo. Além disso, a falta de assistência médica e policiamento durante os jogos no país vizinho também deve ser levada em consideração.

Por isso, ao migrarem para o futebol amador na Bolívia, envolvendo-se nesse ciclo sazonal, esses indivíduos, além de se afastarem do cenário futebolístico profissional, perdem a oportunidade de estabelecer vínculos empregatícios legais, o que reduz consideravelmente as perspectivas de crescimento ou ascensão profissional em suas respectivas carreiras futebolísticas. Isso é agravado pelo fato de que as divulgações dessas competições amadoras no país vizinho pelas mídias locais são praticamente inexistentes. De forma mais peculiar, é possível afirmar que o futebol amador desempenha um papel crucial na vida do atleta desprovido de um clube profissional. De um lado, representa a chance de retorno ao cenário do futebol profissional; do outro, surgem incertezas desses profissionais sobre as perspectivas de sua vida fora dos campos futebolísticos (Leme, 2011). Essa discussão expande-se quando Nolasco (2013) ressalta que as dúvidas e incertezas enfrentadas por esses atletas são acentuadas, pois a expectativa de carreira futebolística desses jogadores dificilmente excede duas décadas.

É importante enfatizar que o futebol amador na Bolívia, setor onde ocorre o movimento migratório sazonal dos futebolistas do CFC, teve seu início por meio da criação das associações departamentais. A pioneira dessas associações surgiu em 1914 na cidade de La Paz, seguida por outras regiões, como a Associação de Sucre (1914) e Santa Cruz de La Sierra (1917), que regularmente realizavam seus campeonatos urbanos. A Associação de Oruro, onde o futebol foi inicialmente introduzido no país, só foi fundada em 1921. A partir desse ponto, mais precisamente em 1925, a Federação Boliviana de Futebol foi estabelecida, sinalizando uma busca pelo profissionalismo, que só se concretizaria no país vizinho a partir da década de 1950 (Silva, 2021b). Entretanto, o surgimento do futebol na Bolívia de forma amadora remonta ao século XIX, algo que ilustramos com a Figura 19, ao simbolizar o surgimento do futebol naquele país:

Figura 19 – Oruro Royal – Clube pioneiro na Bolívia (1896)



Fonte: Silva (2021b)

Após o período futebolístico amadorístico na Bolívia, Silva (2021b) faz considerações de que o profissionalismo no país vizinho acontece a partir de 1950, pois efetivamente os campeonatos de futebol da Primeira A⁷, em La Paz, capital boliviana, assumiram um caráter profissional. Em parte, isso se justifica pelo fato de os jogadores passarem a receber salários pelo seu trabalho como atletas, além de progressivamente serem contemplados com bonificações e prêmios conforme sua qualidade e seu desempenho em campo. Silva (2021b) ainda articula que o futebol recém-profissionalizado contou com a participação de nove equipes, a saber: Always Ready, Atlético La Paz (extinto), Bolívar, Ferroviário, Ingavi (extinto), Litoral, Northern (posteriormente denominado Mariscal Santa Cruz, também extinto), The Strongest e Unión Maestranza. O marco inicial do primeiro campeonato profissional ocorreu em 9 de julho de 1950, com o Bolívar consagrando-se como o primeiro campeão, acumulando 21 pontos ao longo da competição. É importante ressaltar que esta agremiação é sediada na capital boliviana de La Paz, situada a 3.637 metros de altitude acima do nível do mar (Azevedo, 2023).

Ao longo do tempo, diversas associações e clubes em todo o país aderiram ao profissionalismo, inclusive equipes de Cochabamba e Oruro, que participaram do campeonato da Associação de Futebol de La Paz. Esse processo culminou em duas fases: inicialmente, com o Torneo Mayor – Simón Bolívar (1960 a 1976) e, posteriormente, com a criação da Liga

⁷ A Primeira A seria o início do Campeonato Boliviano de Futebol, retratado oficialmente hoje como División de Fútbol Profesional, e é a principal liga de futebol profissional da Bolívia.

de Fútbol Profesional Boliviano (1977). Assim, os campeões do futebol profissional de 1950 a 1959 são considerados campeões nacionais. A transição para o profissionalismo ocorreu em diferentes departamentos ao longo dos anos, começando por La Paz em 1950, seguido por Cochabamba e Oruro em 1954, Santa Cruz de La Sierra em 1965, Chuquisaca em 1969, Potosí em 1970, Beni em 1975 e Tarija em 1985 (Silva, 2021b).

A Liga de Futebol Profissional Boliviano (LFPB), estabelecida em 1977 como sucessora da Copa Simón Bolívar (Torneio Maior), iniciado em 1960, representa a principal divisão do futebol boliviano. A dinâmica dos campeonatos na LFPB passou por diversas mudanças ao longo dos anos. Na edição inaugural de 1977, 16 equipes foram distribuídas em duas séries, competindo de fevereiro a dezembro. A partir de 1991, a Liga adotou um novo formato, com as equipes disputando dois campeonatos anuais, Apertura e Clausura. Até 2002, os vencedores desses torneios competiam pelo título de campeão nacional. A partir de 2003, o *play-off*⁸ foi eliminado, resultando em dois campeões por ano. No que diz respeito ao rebaixamento, a equipe com o menor número de pontos é relegada à divisão inferior, participando do campeonato departamental associado ao clube (Silva, 2021b).

Enfatizamos que, segundo a Plataforma Bets (2022), os futebolistas brasileiros têm uma tradição considerável no campeonato boliviano de futebol, com seis jogadores que deixaram suas marcas na história da liga. Em 1972, Milton Teodoro Joana se destacou ao marcar 21 gols vestindo a camisa do Jorge Wilstermann. Posteriormente, apenas Jason Rodriguez (Independiente Petrolero) e Sebastião da Silva (Oriente Petrolero) igualariam esse feito, com 19 gols cada, em 1991. Em seguida, novamente representando o Jorge Wilstermann, Thiago Leitão, no Apertura de 2003, encantou a torcida ao balançar as redes 19 vezes. No Apertura de 2008, Anderson Gonzaga, defendendo o Blooming, marcou 17 gols. Por fim, o feito mais recente foi alcançado por Marcelo Gomes, no Apertura de 2013, com 16 gols, formando uma dupla poderosa com Carlos Saucedo, ambos jogando pelo San José.

Quanto ao contexto futebolístico profissional Brasil-Bolívia, é relevante observarmos que a cidade de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, é a maior região, com densidade populacional mais próxima de Corumbá-MS, distante aproximadamente 650 km do território brasileiro. Esta cidade abriga quatro equipes da Primeira Divisão boliviana: Oriente Petrolero, Royal Pari, Blooming e Real Santa Cruz, além do Club Destroyers, atualmente na segunda divisão (Silva, 2023).

⁸ No contexto esportivo, o termo *play-off* é utilizado para um conjunto de jogos, geralmente disputados antes ou após a época normal de competição, para desempatar, para determinar um vencedor, passar à outra fase de determinado campeonato ou ainda outra competição.

Entretanto, salientamos que os atletas profissionais que passaram pelo CFC e participaram do ciclo sazonal no país vizinho buscaram, adicionalmente, complementar sua renda e manter um calendário anual de atividades futebolísticas ao atuarem também por equipes amadoras aqui no Brasil. Ao longo do ano, as competições de futebol amador ocorrem em diversos bairros de Corumbá-MS, com destaque para a Copa Integração, que se desdobra em seis polos na cidade, sob a organização da Funec. Ressaltamos ainda que o campeonato mais significativo no cenário do futebol amador na região fronteira Brasil-Bolívia é o Campeonato Corumbá Amador – Série A –, gerenciado pela Liga de Esportes de Corumbá, em parceria com a Funec. Em 2023, essa competição não ocorreu devido à inviabilidade de utilização do Estádio Arthur Marinho. Até então, a última edição havia acontecido em 2022, com a participação de 14 equipes, envolvendo 345 futebolistas amadores e 46 dirigentes, distribuindo um total de R\$ 24.500,00 em premiações aos campeões (Corumbá, 2022). Porém, a edição de 2024 teve seu início em maio, contando com a participação das 12 equipes mais tradicionais do futebol amador de Corumbá. Todos os jogos foram realizados no Estádio Arthur Marinho (Corumbá, 2024). É importante relatar que grande parte dos atletas do CFC, que realizaram a migração sazonal para a Bolívia, também participam desse importante evento em Corumbá, na região fronteira de MS.

Devemos considerar, ainda, que esse fluxo migratório sazonal – anual – dos atletas do CFC na Bolívia foi totalmente comprometido e abruptamente interrompido com a chegada da pandemia da Covid-19. As competições futebolísticas, amadoras ou profissionais, foram paralisadas ao redor do mundo e também foram afetadas pelo fechamento das fronteiras entre países, como é o caso em Corumbá-MS na região fronteira Brasil-Bolívia. Os desafios e obstáculos enfrentados pelos atletas de futebol profissional, aqueles que podemos intitular de atletas fronteiriços do CFC, foram imensos ao considerar o contexto pandêmico a partir de 2020.

3.3 Os percalços da pandemia para os futebolistas profissionais na região fronteira Brasil-Bolívia

Segundo Maske, Raposo e Diehl (2022), em dezembro de 2019, teve início a epidemia da doença do coronavírus 2019 – Covid-19 –, surgida na localidade de Wuhan, capital da região de Hubei, na China, a partir de múltiplos casos de pneumonia sem causas pré-determinadas. A infecção viral alastrou-se rapidamente em poucos meses, culminando com uma pandemia mundial. Em termos conceituais, o termo pandemia refere-se a uma doença

infecciosa transmitida de pessoa para pessoa, sem restrições geográficas específicas, e que se espalhou por várias nações (Moura *et al.*, 2020; Contreiras, 2020). Por isso, somente em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou de forma oficial a pandemia da Covid-19, provocando uma transformação nas vidas sociais das pessoas e, por consequência, no mundo esportivo. Nesse contexto, as competições foram interrompidas ou anuladas para tentar reduzir a disseminação da doença, resultando em enormes prejuízos financeiros e também atléticos (Prota, 2021).

Silva, Couto e Luz (2023) apontam que o período de isolamento social pode acarretar grandes impactos na população em geral, afetando aspectos sociais, psicológicos e físicos que estão intrinsecamente relacionados à saúde. Portanto, a chegada da pandemia criou um cenário de complexidade com grandes desequilíbrios no ambiente normalmente controlado do esporte de alto rendimento. Academias e centros de treinamentos foram fechados por tempo indeterminado, deixando muitos atletas impedidos de sair das suas residências (Prota, 2021).

Desta forma, ao retratarmos o contexto esportivo, especificamente o meio futebolístico e os impactos da pandemia, observamos que a Covid-19 trouxe para esse setor, num primeiro momento, um cenário de imprevisibilidade e incertezas. É sabido que, no futebol, as competições nacionais e internacionais, profissionais ou amadoras, foram todas praticamente suspensas, mesmo que de forma gradativa, ocorrendo desde meados de março de 2020 (Correio Braziliense, 2020). Por isso, em função da iminente disseminação do vírus da Covid-19, a Federação Internacional de Futebol (Fifa) determinou o adiamento de seus torneios e suas competições, como os que visavam às vagas dos países para Copa do Mundo em 2022, no Catar (GE, 2020). Conforme notícia divulgada no *site* UOL (2020), em março, os grandes campeonatos europeus foram os primeiros a viverem de forma impactante esse cenário, sendo que grandes Ligas, como da Itália, França e Inglaterra, cancelaram suas partidas até segunda ordem da Fifa. Na mesma reportagem, é destacada a Bundesliga (Liga Alemã), que adiou seus jogos, em sua primeira paralisação desde a Segunda Guerra Mundial, sendo seguida pela União das Federações Europeias de Futebol (Uefa), que também suspendeu seus torneios.

No continente sul-americano, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) foi a pioneira em reconhecer o grave problema pandêmico, adiando jogos da Copa Libertadores da América e Copa Sul-Americana (Conmebol, 2020; ESPN, 2020). Como consequência, praticamente todas as competições futebolísticas nacionais dos países afiliados à Conmebol foram paralisadas e/ou adiadas por completo.

No Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que é a entidade máxima do futebol brasileiro e a organizadora dos campeonatos nacionais, paralisou a Copa do Brasil,

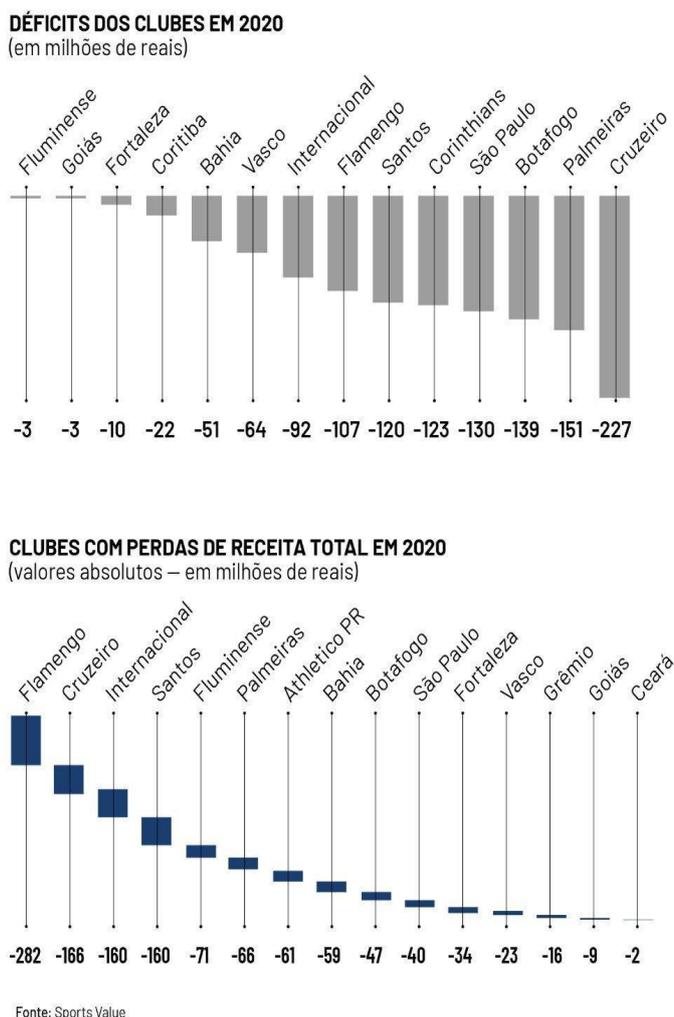
nem ao menos deu início ao Campeonato Brasileiro de Futebol em 2020. Esta postura da CBF desencadeou um efeito dominó, culminando com a paralisação total dos campeonatos estaduais, que estavam em andamento no primeiro semestre, estes organizados pelas federações dos seus respectivos estados (Reis *et al.*, 2021).

Mesmo com toda a visibilidade esportiva que o futebol proporciona aos clubes, essa nova realidade pandêmica agravou a questão de atraso no pagamento de salários, ocasionando um risco iminente de demissões e uma perda considerável de receitas das equipes. Segundo o repórter Amorim (2021), por meio de publicação na revista *Exame*, do Rio de Janeiro, a crise socioeconômica imposta pela pandemia colocou em risco o futuro de várias instituições do futebol brasileiro, já que essa diminuição do faturamento aumentou consideravelmente as dívidas dos 20 maiores clubes de futebol no País, onde o déficit desses clubes somou 1,03 bilhão de reais em 2020, sendo que as dívidas somadas chegaram a 10 bilhões de reais. Só a título de exemplo, um clube que lidera esse problema é o Atlético Mineiro, devendo 1,2 bilhão de reais, sendo que esse fato de déficit com receitas nos clubes brasileiros deve perdurar e impactar o futebol por um bom tempo, mesmo após o controle da pandemia, conforme afirmam Neto, Garcia e Spinussi (2020).

Uma pesquisa publicada pela plataforma *World Football Summit* (2020) aponta que esses impactos gerados pela pandemia podem permanecer dentro da “indústria do futebol” até o ano de 2024. Dessa forma, com o futebol profissional e amador sofrendo as ocorrências da dificuldade de circulação e do controle dos protocolos sanitários, grande parte das receitas diminuiu consideravelmente, e as equipes – grandes, médias ou pequenas – passaram a enfrentar dificuldades financeiras para honrarem seus compromissos em relação às suas contas a pagar e dívidas adquiridas.

Ainda segundo o gestor esportivo Somoggi (2021) da *Sports Value Consultoria*, a perda somada de receita em 2020, fazendo uma comparação com 2019, das 20 maiores equipes do futebol brasileiro, atingiu a marca de 1 bilhão de reais e o faturamento diminuiu de 6,1 bilhões para 5,1 bilhão. As reduções mais significativas foram observadas em cotas de TV e premiações – menos 636 milhões de reais –, bilheteria – menos 384 milhões de reais – e social e amador – 117 milhões de reais. Destacando-se que a diminuição de receitas alternou de 19,5% a 26% entre os clubes. Esses déficits, bem como as perdas de receitas dos grandes clubes do futebol brasileiro, são retratados na Figura 20:

Figura 20 – Déficits e perdas de receitas dos principais clubes futebolistas no Brasil em 2020



Fonte: Somoggi (2021)

Analisando a Figura 20, é notório que esses inúmeros prejuízos financeiros causados pela pandemia afetaram diretamente os clubes e atletas de futebol, sendo responsáveis por vários percalços na vida dos profissionais. Segundo Brasil (2021), muitos desses futebolistas vivenciaram a redução de salário, déficit no condicionamento físico e distúrbios mentais, além das eventuais quebras de contrato, gerando desemprego, causando um impacto social significativo na vida desses sujeitos.

Importante salientar outro aspecto que, diante das paralisações e dos isolamentos impostos pela pandemia, muitos atletas precisaram buscar empregos temporários para garantir o sustento de suas famílias. Isto é, migraram para outras profissões, sendo que essa foi uma medida necessária durante o momento desafiador para conseguir enfrentar as dificuldades causadas pela crise iminente (Martinez, 2021).

Outro fator importante a ser observado é o pouco reconhecimento e a menor visibilidade das divisões inferiores em relação a outras categorias do esporte. Os clubes de futebol menos tradicionais, como é o caso do CFC em MS, enfrentaram desafios ainda maiores durante a pandemia. Ou seja, a situação tornou-se mais preocupante ao considerar que a receita desses clubes é significativamente menor se comparada à dos clubes de primeira divisão. Além disso, a falta de profissionalização é um problema persistente que a pandemia apenas escancarou. Muitos desses clubes possuem instalações modestas, com poucos campos, materiais e poucas áreas de recuperação, tornando o enfrentamento desse período de pandemia ainda mais complicado (Martinez, 2021).

Com base nos estudos realizados por Silva, Couto e Luz (2023), é possível concluir que o momento pandêmico trouxe inúmeras dificuldades para todos os atletas, especialmente para aqueles que estão no início de suas carreiras ou que não fazem parte de grandes clubes. Ficou evidente o impacto significativo que o mundo do futebol sofreu durante esse período desafiador. Muitos clubes tiveram de encerrar suas atividades, e diversos atletas viram seus sonhos de se tornarem profissionais serem frustrados, sendo obrigados a buscar outras profissões.

Carrazzoni, Oliveira e Vasques (2022) destacam que, para minimizar esse impacto financeiro aos clubes e conseqüentemente aos atletas de futebol acarretado pela pandemia, algumas medidas foram tomadas, dentre elas, após aproximadamente quatro meses das atividades futebolísticas serem suspensas, a CBF apresentou uma cartilha para a retomada gradual das competições, mais precisamente no dia 24 de julho de 2020. A referida entidade procurou seguir todas as recomendações da OMS, do Ministério da Saúde, do Conselho Federal de Medicina (CFM) e da Associação Médica Brasileira (AMB). Assim, aos poucos, o futebol foi retornando à sua normalidade, já que alguns protocolos de biossegurança foram estabelecidos, os testes para detecção da Covid-19 popularizando-se e, posteriormente, as vacinações sendo aplicadas em massa nos atletas e na população em geral.

Importante ressaltar que, segundo Verotti (2022), a retomada total do futebol brasileiro em 2021, após a suspensão por um período em 2020 devido à pandemia, trouxe uma excelente notícia não apenas para os futebolistas ou para os torcedores, que tiveram a oportunidade de retornar aos estádios nos últimos meses do ano para acompanhar as partidas, mas principalmente para os clubes, que experimentaram uma recuperação significativa na receita. Isso porque as 20 maiores agremiações do País alcançaram um faturamento conjunto de R\$ 6,9 bilhões, um montante 37% superior aos R\$ 5,1 bilhões da temporada anterior. Esses números até superaram os resultados de 2019 – R\$ 6,1 bilhões –, antes do surgimento da crise

de saúde. O estudo realizado pela *Sports Value*, uma consultoria especializada em marketing esportivo, revelou que os direitos de TV referentes a 2020 e as premiações em dólares nas principais competições sul-americanas – Copa Libertadores da América e Copa Sul-Americana – foram fatores importantes que impulsionaram esses resultados impressionantes.

Como o futebol retornou de forma gradativa, foi extremamente importante que esse regresso num segundo momento se consolidasse, pois salientamos que todo esse cenário futebolístico representa e desempenha papel relevante no desenvolvimento e na transformação social de muitas pessoas.

Diante desse cenário, convém destacar que todos esses prejuízos e impactos causados pela Covid-19 aos clubes e atletas de futebol não nos permitem esquecer os danos acarretados a saúde desses sujeitos. Prota (2021), por exemplo, retrata esse momento de forma eficiente quando nos diz que, mesmo contando com um organismo mais resistente, os atletas podem enfrentar consideráveis desafios devido à infecção. Os problemas respiratórios representam fatores de risco cruciais para a gravidade da Covid-19 e, embora ser atleta não garanta necessariamente saúde plena, aqueles que sofrem de condições respiratórias crônicas precisam ser especialmente cuidadosos. Um estudo conduzido pela Universidade de Kent, no Reino Unido, revelou que, após contrair a Covid-19, os 67% dos nadadores de nível internacional demonstraram aumento da reatividade dos brônquios⁹ durante o esforço físico (Prota, 2021).

Importante lembrar que todo esse cenário pandêmico, elemento este motivador de problemas, dificuldades e incertezas para clubes e futebolistas, perdurou na região fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá-MS, pois, mesmo com o retorno gradual das atividades futebolísticas, além do CFC ter se licenciado do futebol profissional, a fronteira entre os países foi fechada inúmeras vezes, impossibilitando o fluxo sazonal dos atletas que atuaram no CFC e que buscam alternativas de renda na Bolívia. Destacamos, segundo Freitas (2020), que o primeiro fechamento fronteiriço ocorreu em 19 de março de 2020, permitindo a travessia para o país vizinho apenas de bolivianos e residentes na Bolívia que se submetiam aos protocolos determinados pelo Ministério da Saúde e da OMS.

Devemos ressaltar que as adversidades e dificuldades enfrentadas durante a pandemia não se limitaram apenas aos atletas e clubes no contexto futebolístico local, mas também se estenderam aos torcedores, um grupo também fundamental dentro desse segmento. Neste contexto, as reflexões de Souza (2004) tornam-se particularmente relevantes, destacando de maneira expressiva como a paixão e a fidelidade demonstradas pelos torcedores refletem um

⁹ O “aumento da reatividade dos brônquios” é uma condição respiratória caracterizada pela sensibilidade excessiva das vias aéreas, resultando em episódios de estreitamento dos brônquios e dificuldade respiratória.

profundo senso de pertencimento e compromisso com o clube. Além disso, dentro dessa intensa relação marcada por paixão, pertencimento e identificação com o CFC na região fronteira de MS, observam-se ações altruístas promovidas por membros da torcida, mesmo nos momentos de dificuldades e incertezas vividas ao longo da pandemia. Essas ações não apenas demonstram um notável compromisso com a comunidade fronteira, mas também fortalecem os laços de lealdade e identificação entre o clube e seus admiradores, transformando dificuldades em oportunidades durante esse período de crise. Nesse Cenário, o estudo de Golin, Rizzo e Scaglia (2022) indica que, verdadeiramente, as áreas fronteiriças são abastecidas com uma rica diversidade de identidades entre seus residentes, sendo que elas se desenvolvem e se tornam mais complexas à medida que os contextos sociais na região de fronteira se interconectam de várias maneiras.

De modo prático, a Figura 21 acaba representando essa relação de identidade, paixão e pertencimento do torcedor fronteiro com o CFC, sobretudo quando um integrante da Torcida Jovem Corumbá (TJC) divulga uma ação social durante a pandemia.

Figura 21 – Integrante da Torcida Jovem Corumbá (TJC) em ação social durante a pandemia da Covid-19



Fonte: Facebook – TJC (2020)

Podemos descrever que o futebol estabeleceu-se como um contexto valioso para a análise da sociedade, pois sua influência social evidencia as dinâmicas presentes nesse âmbito e revela o comportamento de cada indivíduo ao participar desse universo (Cavalcanti *et al.*, 2022). Assim, é pertinente destacar que a TJC, parte integrante da comunidade ligada ao CFC, demonstrou um notável compromisso social. Esta dedicação é claramente evidenciada na referida publicação (Figura 21), sendo possível observar um dos membros trajando a camisa oficial da TJC em plena pandemia da Covid-19, distribuindo sacolas de doces. Essa ação realizou-se no contexto da celebração de São Cosme e Damião, que ocorre anualmente no dia 27 de setembro. Trata-se de um evento religioso e cultural profundamente enraizado na região fronteira Brasil-Bolívia, particularmente na cidade de Corumbá-MS, exercendo uma forte influência e um impacto na comunidade local. Importante destacar que, certamente, o fenômeno esportivo, sistematicamente, incorpora aspectos culturais e identitários, que variam conforme o contexto. Isso implica que os esportes não existem de maneira isolada e imutável em relação à sociedade da qual surgem, mas refletem e moldam valores e práticas que se alinham com a estrutura social na qual estão enraizados (Golin; Rizo; Scaglia, 2022).

Em última análise, entendemos a relevância contínua das discussões e reflexões que permeiam o mundo do futebol, especialmente durante o último cenário pandêmico, sendo crucial analisar como essas considerações afetam as esferas locais, nacionais e globais. É claro que há uma necessidade premente de se realizarem estudos e pesquisas adicionais, notadamente para aprofundar as implicações desse cenário. Isso é particularmente importante no que diz respeito às soluções que estão sendo desenvolvidas e enfrentadas por atletas, clubes, torcedores e outros participantes do contexto futebolístico, por exemplo, em regiões de fronteira e seus contatos internacionais.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA DE CAMPO

Existe um grande desafio quando se pensa em análises metodológicas para pesquisas realizadas em regiões de fronteira. Nesse sentido, Golin (2017) constatou que essa barreira está atrelada diretamente às singularidades que envolvem os fluxos nas fronteiras e a dinâmica internacional. Dessa forma, o presente trabalho de pesquisa de campo busca compreender a dinâmica dos movimentos migratórios sazonais entre os atletas profissionais de futebol do Corumbaense Futebol Clube (CFC) na região fronteira Brasil-Bolívia.

4.1 Caracterização da pesquisa

Assim, a seleção dos procedimentos metodológicos para a pesquisa de campo esteve em sintonia com os objetivos da pesquisa, especialmente percorrendo o movimento migratório dos atletas de futebol profissional na região fronteira Brasil-Bolívia em condição sazonal. Por isso, consideramos como atletas sazonais aqueles que buscaram, em alguns períodos do ano, alternativas de trabalho no contexto futebolístico em equipes bolivianas para preenchimento do seu calendário anual e da sua complementação de renda. Em termos de corte temporal, investigamos apenas os atletas que atuaram profissionalmente no CFC entre 2010 e 2021. Para esse propósito, o ciclo temporal foi escolhido por conveniência, respeitando um período em que o CFC obteve resultados significativos em conquistas e participações nas competições regionais e nacionais.

No que compete à pesquisa de campo, entrevistamos os sujeitos – atletas de futebol do CFC –, sendo apenas considerados os que atuaram profissionalmente em Corumbá-MS entre os anos de 2010 e 2021. Para tal, elaboramos um roteiro de entrevistas com um questionário semiestruturado (APÊNDICE B) e utilizamos alguns critérios de inclusão quanto ao perfil dos sujeitos que serão entrevistados, são eles: 1) atletas com idade igual ou superior a 18 anos; 2) atletas que tenham em algum momento realizado a migração sazonal, neste caso considerando o time do CFC e algum time na Bolívia; e que 3) aceitaram participar da pesquisa, tenham preenchido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A).

Portanto, a finalidade amostral da pesquisa de campo foi direcionar nossas perguntas aos atletas fronteiriços que residem em Corumbá ou Ladário e tenham em algum momento atuado profissionalmente no CFC e no futebol amador boliviano, atletas que de certa forma vivenciaram a realidade local fronteira. Quanto à escolha dos sujeitos – amostra –,

entrevistamos os atletas de futebol profissional do CFC que sejam de nacionalidade brasileira. Sendo assim, em termos de critérios iniciais de exclusão, não fizeram parte da pesquisa os sujeitos com: 1) nacionalidade boliviana; e 2) atletas de futebol que atuaram apenas como amadores na equipe do CFC em Corumbá-MS.

A proposta metodológica do trabalho amparou-se numa característica qualitativa, buscando, além de dados numéricos – quantitativos –, os elementos discursivos de relevância que suscitaram dados concretos e também os subjetivos do fenômeno vivido pelos sujeitos. Além do cunho descritivo, a metodologia foi baseada nos autores Silva e Menezes (2001), Vargas e Maldonado (2001) Creswell (2014) e Gil (2008), que apontaram a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito pesquisado, possível de ser aplicado em uma pesquisa realizada em ambientes com as diversas singularidades presentes em uma região fronteiriça.

Alinhado a esse panorama, buscamos empregar as definições de Nogueira-Martins e Bógus (2004, p. 48) quando descrevem que

[...] os métodos qualitativos produzem explicações contextuais para um pequeno número de casos, com uma ênfase no significado (mais que na frequência) do fenômeno. O foco é centralizado no específico, no peculiar, almejando sempre a compreensão do fenômeno estudado, geralmente ligado a atitudes, crenças, motivações, sentimentos e pensamentos da população estudada (Nogueira-Martins; Bógus, 2004, p. 48).

A ideia inicial foi realizar uma entrevista de forma individual, seguindo um modelo de roteiro de perguntas semiestruturado com abordagem qualitativa. Nos apontamentos de Gil (1999), esse método permite que o pesquisador deixe com maior autonomia o entrevistado durante as entrevistas. May (2004) reforça esse pensamento, em que defende que a entrevista seja de caráter aberto, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção, sem perder de vista o seu foco da pesquisa.

Após esse procedimento, foram realizadas as transcrições dos dados coletados nas entrevistas com os futebolistas e efetuamos as análises dessa parte empírica com as teorias discutidas – parte conceitual – nas seções anteriores.

4.2 Materiais e métodos

A pesquisa de característica qualitativa e de cunho descritivo foi realizada nas cidades de Corumbá e Ladário, em MS, região fronteiriça Brasil-Bolívia, sendo utilizado o formato de

entrevistas semiestruturadas. Para tal, utilizamos registros orais dos atletas profissionais do CFC e que já atuaram por alguma equipe na Bolívia. Para a realização das entrevistas, empregamos materiais como: celular *smartphone* com aplicativo e/ou gravador de voz, aplicativo de câmera para registro de fotos, um caderno utilizado para diário de bordo, *post-it* para marcação de bloco de notas, canetas para anotar, computador para armazenamento de vídeos e fotos, além de caderno para transcrever as entrevistas.

Agendamos as entrevistas conforme a disponibilidade de cada atleta, além de realizar um diálogo, de forma individual e em local previamente combinado, orientando o entrevistado quanto aos elementos gerais da pesquisa. Esse local foi a sua própria residência ou onde melhor lhe convieram, resguardando assim a confidencialidade e a privacidade da conversa, minimizando eventuais constrangimentos. Também ressaltamos que as informações obtidas não seriam utilizadas em prejuízo das pessoas e/ou da comunidade. A entrevista foi realizada de forma objetiva, com menos desgaste físico e cognitivo dos sujeitos, até para que não houvesse a desistência dos envolvidos, sendo estimado um período 15 a 20 minutos para a coleta de informações. As transcrições foram registradas e armazenadas em arquivos digitais, com acesso restrito exclusivamente aos pesquisadores.

No tocante à apreciação dos dados coletados nas entrevistas, a proposta inicial foi adaptar a técnica de análise de conteúdo, conforme a perspectiva sugerida por Bardin (1977). Assim, seguimos algumas etapas básicas: foi realizado inicialmente um procedimento detalhado como pré-análise do material coletado, depois realizamos a exploração de material e tratamento dos resultados, este último agrupando possíveis categorias e/ou unidades de significados, sobretudo para compreendermos o que foi coletado nas entrevistas e debater os principais achados. Baseados na proposta de Bardin (1977), adaptamos seu instrumento e analisamos de forma qualitativa os conteúdos encontrados nas entrevistas, até para identificarmos a presença ou ausência de atributos específicos sobre a nossa temática central, procurando atingir os nossos objetivos elencados.

Logo após os procedimentos realizados durante a pesquisa, foi processada a transcrição das narrativas apresentadas pelos sujeitos, as questões foram propostas com a intenção de atingir o problema e os objetivos da pesquisa, permitindo uma análise realista do elemento em estudo. Esse tipo de análise sobre a realidade visa a levar em consideração a região fronteiriça Brasil-Bolívia da pesquisa, sendo um contexto que possui um fluxo migratório sazonal de futebolistas profissionais que moram no Brasil, que atuaram no CFC e cruzam o limite internacional de fronteira para complementarem sua renda e preencherem seu calendário anual em atividades futebolísticas na Bolívia.

Esse enfoque foi particularmente útil para a avaliação dos dados obtidos durante a pesquisa de campo.

4.3 Etapas da pesquisa

A pesquisa percorreu quatro etapas, sendo que na primeira houve um contato inicial com alguns ex-atletas profissionais do CFC. A intenção dessa aproximação foi para compreendermos se existia efetivamente a participação destes futebolistas profissionais que moram em Corumbá ou Ladário, em MS, e que realizam essa sazonalidade na região fronteira Brasil-Bolívia. Esse contato inicial com vários ex-atletas do CFC proporcionou apresentar, de forma geral, a proposta de pesquisa, além da oportunidade de captar outras informações iniciais. Por exemplo, nessa interação, disseram-nos que existem alguns grupos de ex-atletas em um aplicativo de rede social – *WhatsApp* –, ferramenta tecnológica que eles utilizam para se comunicarem sobre essa categoria de futebolistas que já atuaram profissionalmente em algum momento no CFC.

No segundo momento, estabelecemos contato com os membros da diretoria em exercício no CFC, incluindo o presidente e o vice-presidente do clube. Essa interação teve como propósito a apresentação e divulgação da nossa pesquisa, na qual compartilhamos abertamente seus objetivos. Durante nossa visita prévia ao clube, buscamos coletar informações relevantes sobre os registros oficiais do CFC. Observamos, entretanto, que havia alguns documentos oficiais disponíveis: a Ata de fundação de 1.º de janeiro de 1914, Ata da Sessão Extraordinária datada de 22 de janeiro de 1914 (Corumbaense F. C., 2022), que registra o ano de fundação do clube, além do Estatuto Social do CFC de 1982 (Corumbaense F. C., 1982) Cumpre destacar que, infelizmente, fomos informados sobre a perda de diversos documentos oficiais do Clube devido a um incêndio que ocorreu na sede do CFC em um momento anterior, embora não tenha sido possível determinar a data exata desse incidente. Como resultado de nossa interação, obtivemos o Termo de Autorização (ANEXO B) do Clube, devidamente assinado e carimbado pelo vice-presidente do CFC.

Na terceira etapa, ocorrida em dezembro de 2022, submetemos o Projeto de Pesquisa para avaliação pelo Colegiado de Curso do Mestrado Profissional em Estudos Fronteiriços no Campus do Pantanal, em Corumbá-MS. Por meio da Resolução n.º 389, datada de 5/12/2022, recebemos um parecer (ANEXO C) favorável para dar continuidade à execução do projeto. Na fase subsequente, encaminhamos o Projeto de Pesquisa pela Plataforma Brasil, com o propósito de obter apreciação e parecer por parte do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da

UFMS, em Campo Grande-MS. Este Comitê, um órgão de caráter consultivo, deliberativo, educativo e independente, tem a responsabilidade de analisar, emitir parecer e monitorar pesquisas científicas que envolvam participantes humanos. O projeto recebeu aprovação em 3 de agosto de 2023, sendo então emitido o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) sob o número 70488223.1.0000.0021, com o parecer identificado como número 6.216.848.

4.4 Levantamento de dados preliminares

Durante o período entre junho e julho de 2023, após obtermos a Carta de Apresentação emitida pela Coordenação do Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS (ANEXO A) e seguindo as recomendações de ex-atletas e de um membro da direção do CFC, conseguimos estabelecer contato com vários outros ex-atletas profissionais que já passaram pelo CFC, maioria residentes em Corumbá-MS ou Ladário-MS, e que tiveram experiências em equipes de futebol amador na Bolívia, especialmente nas cidades fronteiriças de Puerto Quijarro e Puerto Suarez.

Utilizando o Sistema de Gerenciamento de Dados da CBF – Gestão Web (2023), conduzimos uma análise inicial por meio do registro administrativo da própria CBF. Esta análise revelou que, no período temporal escolhido, de forma conveniente para nossa pesquisa, entre 2010 e 2021, aproximadamente 548 atletas do sexo masculino mantiveram algum tipo de relação empregatícia ou contrato com o CFC. Desse grupo, destacaram-se cerca de 25 atletas que, possivelmente, teriam participado de migrações sazonais na região fronteiriça entre o Brasil e a Bolívia. Desta forma, para o nosso estudo, pretendíamos convidar a todos e, se possível, chegarmos a pelo menos um conjunto de aproximadamente 15 a 20 sujeitos como amostra final, cujas idades preliminarmente identificadas variavam entre 25 e 44 anos.

Ao coletar alguns dados preliminares para definirmos a amostra, encontramos 25 potenciais sujeitos que pudessem participar da pesquisa, conforme ilustrado no Quadro 1. Essas informações foram coletadas por meio do Sistema de Gerenciamento de Dados da CBF – Gestão Web (2023) – e, por consequência, via conversas informais com os potenciais entrevistados. Nesse último quesito, o padrão “bola de neve” foi adotado, método de pesquisa empregado por Vinuto (2014), estudo que retrata que esse processo representa uma abordagem de amostragem não probabilística que se vale de cadeias de referência. Em outras palavras, por meio desse método, não é possível quantificar a probabilidade de seleção de

cada participante na pesquisa; contudo, revela-se uma ferramenta valiosa para investigar grupos específicos que apresentam desafios consideráveis de acesso. Portanto, as informações obtidas pelo Sistema de Gerenciamento da CBF – Gestão Web (2023) –, além das conversas informais com possíveis entrevistados, são recursos que nos auxiliaram como referências definidoras.

Destacamos que as informações do Quadro 1 incluem: a) relações anuais empregatícias com o CFC; b) idade; c) estado civil; d) UF de nascimento, oriundas da fonte CBF (2023). Quanto à cidade em que esses atletas profissionais do CFC atuaram como amadores no país vizinho – Bolívia –, as informações foram obtidas por meio de conversas informais e análises diretas com os próprios indivíduos, que compartilharam esse detalhe.

Quadro 1 – Amostra preliminar dos possíveis sujeitos da pesquisa

Atleta	Ano(s) de contrato com o CFC entre 2010 e 2021	Idade no ano do último vínculo com o CFC	Estado civil no ano do último vínculo com o CFC	UF de naturalidade	Cidade em que atuou como amador na Bolívia
1	2010	31	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
2	2010/2016/2017	35	Solteiro	MS	Puerto Suárez, Puerto Quijarro e Cochabamba
3	2010/2011/2012/2013	38	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
4	2010/2017/2019	32	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Santa Cruz
5	2010/2012/2015/2017/2018	34	Casado	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
6	2014/2015/2017/2019	17	Solteiro	MS	Puerto Suárez
7	2014/2016/2017/2019/2020	29	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
8	2014/2015/2017/2018	20	Solteiro	MS	Santa Cruz de La Sierra
9	2017	18	Solteiro	MS	Puerto Quijarro, Puerto Suárez, La Paz e Sucre
10	2010/2020	33	Casado	MS	Puerto Suárez
11	2010	21	Solteiro	MS	Puerto Quijarro
12	2017/2019	21	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
13	2010/2011/2012	27	Solteiro	MS	Puerto Suárez
14	2015/2017	19	Solteiro	MS	Puerto Quijarro
15	2013/2020	25	Solteiro	MS	Puerto Quijarro
16	2010/2013	29	Solteiro	MS	Puerto Quijarro
17	2012/2013/2014/2015/2016/2017/2018	22	Solteiro	MS	Puerto Suárez
18	2011/2012/2013	20	Solteiro	MS	Puerto Quijarro
19	2010/2013	22	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro

20	2013	21	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
21	2018	19	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
22	2012/2020	22	Solteiro	MS	Puerto Quijarro
23	2018/2019	17	Solteiro	MS	Puerto Suárez e Puerto Quijarro
24	2010	24	Solteiro	MS	Puerto Quijarro
25	2010/2013	31	Casado	MS	Puerto Quijarro

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Devemos salientar que, dentre os 25 futebolistas apresentados na amostra preliminar (Quadro 1), foram selecionados – destacados em amarelo – os 15 atletas profissionais que concordaram em participar da pesquisa final.

4.5 Pesquisa de campo

Nossa pesquisa de campo concentrou-se na análise da migração sazonal de atletas de futebol profissional ao considerar a região fronteira Brasil-Bolívia, sobretudo nos futebolistas que trabalharam por vezes em Corumbá-MS no CFC e em equipes bolivianas, devido à facilidade fronteira de locomoção entre as cidades da Bolívia com o Brasil. Portanto, no que diz respeito aos critérios de inclusão para a definição da amostra dos atletas para a investigação final, foram: 1) apenas os futebolistas que atuaram profissionalmente em Corumbá-MS entre os anos de 2010 e 2021; 2) atletas maiores de 18 anos; 3) que em algum momento realizaram a migração sazonal, ou seja, atuaram em alguma equipe da Bolívia para preencherem seu calendário futebolístico anual, além da complementação de renda; 4) atletas brasileiros que residam em Corumbá ou Ladário, em MS; e 5) tenham preenchido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Já nos critérios de exclusão, consideramos os sujeitos que eram: 1) futebolistas com nacionalidade boliviana; e 2) atletas de futebol que atuaram apenas como amadores na equipe do CFC em Corumbá-MS (Brasil).

Nossa amostra final consistiu em 15 (60%) dos futebolistas profissionais do CFC, em comparação com os 25 (100%) originalmente delineados na amostra preliminar (Quadro 1). Convém destacar que enfrentamos percalços ao tentar contatar alguns atletas, tanto presencialmente quanto remotamente, para conduzir as entrevistas formais. Além disso, houve caso de jogadores que se recusaram a participar do estudo devido a questões pessoais. Esses obstáculos foram determinantes para não conseguirmos alcançar todos os futebolistas mencionados na amostra preliminar, resultando em uma cobertura inferior ao previsto inicialmente.

Nossa abordagem, devido às suas características qualitativas, envolveu a elaboração de um roteiro contendo um questionário semiestruturado, projetado para nos guiar durante as entrevistas com os participantes, sendo estruturado com uma combinação de perguntas fechadas e abertas. Este roteiro – formulário – de entrevista serviu como um material orientativo (APÊNDICE B), concentrado na temática e direcionado para que a pesquisa de campo apresentasse elementos relacionados aos nossos objetivos.

Quanto ao conteúdo das perguntas, dividimos em duas categorias principais. Primeiramente, incluímos perguntas fechadas para coletar informações sobre o perfil dos participantes, permitindo que selecionassem suas respostas entre opções predefinidas. Em segundo lugar, incorporamos questões de opinião, que consistiam em perguntas abertas destinadas a permitir que os participantes expressassem suas visões e pensamentos em suas próprias palavras, possibilitando também a inclusão de comentários adicionais.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção do trabalho, apresentamos os dados coletados durante a pesquisa de campo, além de realizar uma análise detalhada e discussão dos resultados obtidos, no intuito de alcançarmos os objetivos estabelecidos e abordarmos as questões formuladas. Buscamos identificar as variações e semelhanças nas respostas dos atletas entrevistados. Assim, conseguimos compilar uma variedade de resultados, representados em forma de recortes, que constituem peças importantes de um tema complexo: o movimento migratório sazonal dos atletas de futebol profissional, especialmente futebolistas do CFC, dentro do contexto fronteiriço Brasil-Bolívia em Corumbá-MS. Portanto, nesta seção do trabalho, desenvolvemos discussões específicas sobre o tema proposto, fundamentadas em análises detalhadas e considerações contextuais, destacando os problemas e objetivos da pesquisa.

Para facilitar a compreensão, dividimos os assuntos em três blocos distintos, cada um deles abordando temas específicos conforme descrito na seção metodológica do trabalho. No primeiro bloco, discutimos aspectos gerais do perfil dos atletas de futebol profissional do CFC que realizaram o fluxo sazonal na região fronteiriça Brasil-Bolívia, incluindo quatro questões, a saber: idade, residência, escolaridade e nacionalidade. No segundo bloco, exploramos a perspectiva abrangente do envolvimento desse futebolista profissional e sua atuação na fronteira em MS. No terceiro e último bloco, investigamos a percepção dos atletas quanto à sua carreira profissional no contexto fronteiriço, em relação às características peculiares, tais como: pontos positivos e/ou negativos da sazonalidade na região de fronteira, além do impacto da pandemia da Covid-19 na vida profissional desses atletas.

Os dados gerais estão disponíveis no APÊNDICE C, na forma de quadros de transcrição de todas as entrevistas conduzidas com os participantes da pesquisa, apresentando literalmente cada bloco de perguntas (Quadro 2, Quadro 3, Quadro 4, Quadro 5 e Quadro 6). Optamos por descrever a seguir os dados e as discussões mais pertinentes que contribuem para a compreensão dos objetivos da pesquisa.

5.1 O perfil dos atletas de futebol profissional que atuaram no CFC e realizaram o fluxo sazonal na Bolívia

Nesta subseção, são apresentadas as perguntas e as transcrições das respostas que abordam o perfil dos atletas profissionais do CFC na região fronteiriça Brasil-Bolívia em Corumbá-MS. Foram identificados dados básicos, incluindo idade, local de moradia,

escolaridade e nacionalidade. Durante as entrevistas, em termos de percepções iniciais dos pesquisadores, observamos que todos os atletas – 15 (100%) – não demonstraram constrangimento, nem mesmo hesitação ao discutir a temática proposta. Podemos indicar que eles se mostraram receptivos e prontos para compartilhar suas experiências, seus anseios e suas perspectivas.

Já ao considerarmos as informações sobre as idades dos participantes da pesquisa, observamos uma diversidade de dados, com idades variando entre 23 e 48 anos. Foi identificado que a maioria dos atletas entrevistados, 6 (40%), estavam na faixa etária entre 20 e 30 anos, 5 (33,3%) tinham entre 31 e 40 anos, além de 4 (26,7%) na faixa entre 41 e 48 anos. Sendo assim, podemos afirmar que grande parte desses futebolistas estava dentro de uma faixa de idade com possibilidade de estar atuando profissionalmente. Essa conclusão é baseada na pesquisa de Nunes (2022), sugerindo que os atletas geralmente alcançam seu ápice físico por volta dos 26 anos. No entanto, é importante destacar que apenas um dos atletas estava atuando profissionalmente, tendo inclusive disputado o campeonato estadual sul-matogrossense da Série B em 2023 e da Série A em 2024, ambos representando o CFC. Dos 14 atletas restantes, todos estavam atuando no futebol amador, no Brasil ou na Bolívia. Isso nos revela que o calendário futebolístico profissional em MS continuava sendo desafiador e um gerador de percalços significativos na vida profissional desses atletas.

Outra informação relevante, ao analisarmos o perfil dos 15 futebolistas entrevistados, foi a predominância maciça de jogadores residindo em Corumbá-MS, totalizando 14 (93,3%) deles, enquanto apenas 1 (6,7%) residia na cidade de Ladário-MS. Esses números reforçam a centralidade regional exercida por Corumbá na região fronteira Brasil-Bolívia, evidenciando o vínculo dos atletas do CFC com a cidade. Esses dados são justificados pelas observações de Oliveira e Loio (2019), que discorrem sobre a região de fronteira Brasil-Bolívia em MS, destacando Corumbá como centro dinâmico na região, visto que aqui acontecem as maiores demandas, tanto em termos de trabalho, quanto relacionadas aos serviços de saúde e educação, por exemplo.

Também é preciso dizer que 9 (60%) desses atletas possuíam escolaridade de Ensino Médio completo, 2 deles tinham Ensino Superior completo, outros 2 apresentavam Ensino Fundamental completo, 1 estava cursando Ensino Superior, além de 1 que tinha Ensino Fundamental incompleto. Esses dados são averbados no estudo de Ferreira (2015), revelando-nos que muitos atletas de futebol têm seu nível educacional abaixo do esperado para suas idades, sugerindo que uma parcela significativa possa interromper seus estudos ainda durante o Ensino Médio. É importante enfatizar que todos os 15 atletas profissionais entrevistados

eram exclusivamente brasileiros, ou seja, não tinham dupla nacionalidade. Isso implica dizer que esses jogadores de futebol não recorreram à oportunidade de atuar no país vizinho para buscarem a cidadania boliviana, uma escolha que poderia impactar positivamente em suas carreiras profissionais no país vizinho – Bolívia.

5.2 O envolvimento do futebolista profissional e sua atuação na fronteira em MS

Nesta subseção, dividimos em dois conjuntos de perguntas, compartilhando informações sobre o envolvimento e desempenho dos atletas de futebol profissional do CFC na região fronteira Brasil-Bolívia em MS.

5.2.1 Grau de envolvimento dos atletas de futebol profissional do CFC na fronteira de MS

Formulamos as seguintes perguntas norteadoras para alcançarmos o grau de envolvimento desses atletas: quantos anos você atuou profissionalmente no CFC? Enquanto jogador do CFC, como você se tornou consciente da oportunidade de jogar futebol em equipes amadoras na Bolívia? Quais os principais motivos pelos quais você escolheu jogar futebol em equipes amadoras na Bolívia? Como você foi convidado, por meio de quem veio esse convite? Qual fator foi relevante para que você aceitasse o convite de jogar na Bolívia?

Referente à primeira questão, aquela que trata do número de temporadas em que o atleta atuou profissionalmente pelo CFC, salientamos que, ao compararmos os dados verificados de forma oficial no Sistema de Gerenciamento da CBF – Gestão Web (2023) –, com aqueles que os atletas relatam nas entrevistas, há divergência. Isso se justifica em função de, nos dados preliminares, averiguarmos apenas o momento temporal da nossa pesquisa, ou seja, entre 2010 e 2021, resultando em uma média de dois anos e sete meses de atuação pelo CFC nesse período. Entretanto, os dados coletados diretamente dos atletas na pesquisa de campo indicam uma média significativamente maior, totalizando quatro anos e sete meses de serviço futebolístico prestado ao CFC durante toda a sua vida profissional na região fronteira Brasil-Bolívia. Essa conexão expressiva entre os atletas e o clube evidencia-se na análise dos dados, revelando que, em média, 31,5% de suas carreiras profissionais foram dedicadas ao CFC. Esse entendimento é claramente observado no APÊNDICE C, Quadro 2, item 1, ao enfatizarmos as narrativas dos Atletas 1 e 13: “Foram 8 anos de clube. [...] Eu jogava aqui [Brasil] o Estadual em MS e saía para jogar o segundo semestre fora da cidade” (Atleta 1); “Eu acredito em uns 4 anos” (Atleta 13).

Essa constatação leva-nos a considerar, sugestivamente, que um jogador geralmente ingressa no profissionalismo por volta dos 20 anos e encerra sua trajetória aos 35, totalizando uma média de 15 anos de carreira no futebol. Nolasco (2013) amplia essa perspectiva ao observar que a carreira futebolística profissional raramente ultrapassa duas décadas. Essa percepção é corroborada por Leme (2011), que retrata como frequente os atletas, em geral entre 30 e 35 anos, estarem na fase final de suas carreiras.

Já em relação à segunda e terceira questões, ao analisar as respostas dos 15 futebolistas profissionais do CFC em relação à sua conscientização sobre a prática do futebol amador na Bolívia e os fatores que impulsionaram tal escolha, constatou-se que 10 (67%) deles mencionaram que souberam por dirigentes de equipes amadoras bolivianas que transitam aqui no Brasil observando o contexto futebolístico em Corumbá-MS, tanto no amador quanto no profissional, disseminando tal possibilidade do movimento migratório para esses atletas. Esse fato é comprovado, por exemplo, em algumas afirmações dos atletas: “Eles [bolivianos] donos das equipes de lá [Bolívia] sempre estavam por aqui [Brasil] e nos falavam dessa possibilidade [...]” (Atleta 2). “Como é cidade fronteira, vem vários dirigentes do amador da Bolívia e falam por aqui [Brasil] [...]” (Atleta 5), conforme o APÊNDICE C, Quadro 2, item 2.

Já os 5 (33%) atletas, dos remanescentes, tomaram conhecimento por amigos futebolistas já atuantes no futebol amador boliviano. Quanto aos motivos que os levaram a jogar campeonatos amadores na Bolívia, destacam-se, de forma geral, a intenção de suprir a lacuna no calendário anual deficiente do futebol profissional em MS e a busca por oportunidades de renda no país vizinho. Em menor escala, os dados indicam considerar a necessidade de manter a forma física enquanto atletas de futebol e a possibilidade de ascensão ao futebol profissional na Bolívia. Diante disso, Leme (2011) relata que o futebol amador emerge como um caminho atraente para futebolistas momentaneamente sem vínculos com clubes profissionais.

Machado (1998) expõe que o termo “fronteira” emergiu como um elemento da vida social nas áreas limítrofes entre regiões habitadas por diferentes povos, transformando-se em espaços de interação e, por conseguinte, adquirindo um caráter político. Ela considera que a fronteira é um cenário de vivências, experiências, conflitos e interações. Sendo assim, ao analisarmos a quarta e quinta questões, que abordam a origem dos convites e o fator principal e decisivo que levou os entrevistados a aceitarem jogar futebol amador na Bolívia, constatamos que 7 (47%) dos atletas profissionais foram convidados diretamente pelos próprios dirigentes bolivianos das equipes amadoras que adentram no Brasil. Observamos

também que 5 (34%) deles foram atraídos por amigos atletas que já jogavam futebol amador na Bolívia, enquanto outros 3 (19%) foram contatados por meio de intermediários bolivianos ou, em alguns casos, brasileiros que representavam os dirigentes dos clubes amadores da Bolívia. Entretanto, para 10 (67%) deles, o aspecto financeiro foi o fator influente e decisivo para optarem pelo futebol amador na Bolívia, enquanto 3 (20%) relataram que a deficiência no calendário do futebol brasileiro os levou à Bolívia, sendo que apenas 2 (13%) mencionaram que viam no futebol amador boliviano a possibilidade de alcançarem o futebol profissional no país vizinho. Nessa condição, de acordo com Leme (2011), esses atletas praticam o futebol amador ativamente, buscando obterem alguma remuneração e se prepararem para futuras oportunidades profissionais no campo esportivo do futebol.

É importante ressaltar que todos esses futebolistas afirmaram praticar ativamente o futebol amador, tanto na Bolívia quanto no Brasil, alimentando os mesmos objetivos em ambos os países. Isso reforça a importância desse esporte como uma ferramenta de promover a inclusão social além das fronteiras geográficas. Além disso, acaba demonstrando, em parte, a paixão e dedicação deles ao esporte, independentemente do contexto ou nível de competição, evidenciando a universalidade do futebol como uma linguagem compartilhada entre diferentes culturas e comunidades. Devemos lembrar que, na fronteira Brasil-Bolívia em estudo, é evidente que há um contato intenso entre os habitantes fronteiriços, seja por razões comerciais, seja por uma vasta gama de intercâmbios em sentido amplo (Costa; Dias, 2015).

5.2.2 Desempenho das ações futebolísticas do atleta de futebol profissional do CFC na região fronteira de MS

Para entendermos a dinâmica das práticas futebolísticas na fronteira Brasil-Bolívia, efetuamos as seguintes indagações aos atletas: como você avalia a qualidade do futebol jogado no CFC em comparação com as equipes amadoras na Bolívia? Quais foram os maiores desafios que você enfrentou ao jogar futebol em equipes amadoras na Bolívia? Como você se adaptou ao estilo de jogo e à cultura das equipes amadoras bolivianas enquanto jogava lá?

Elias (1992) afirma que o futebol amador não possui as mesmas qualidades ou encantos do futebol profissional, especialmente no que diz respeito à destreza e ao refinamento técnico. No tocante a essa questão, ao analisarmos o quadro comparativo entre o futebol praticado no CFC e na Bolívia, devemos considerar que, nas entrevistas, houve praticamente unanimidade entre os atletas do CFC, ao relatarem uma diferença importante e significativa entre os dois países. Segundo eles, no Brasil, a parte técnica se sobressai,

evidenciando um futebol de maior qualidade, tanto na forma de jogar quanto no domínio técnico dos jogadores brasileiros. Já no futebol amador boliviano, é evidente a priorização do jogo físico, com a força e a velocidade prevalecendo nas dinâmicas de jogo, como evidenciado no APÊNDICE C, Quadro 3, item 1. Nesse cenário, destacamos os relatos dos Atletas 3 e 9 respectivamente:

É completamente diferente. É outra realidade, lá [Bolívia]. [...] Até porque eles [bolivianos] procuram jogadores aqui [Brasil], porque lá eles não têm a mesma qualidade que aqui. É questão técnica. [...] Eles têm muita raça e técnica, não (Atleta 3).

[...] É do jeito que aqui [Brasil]. É um pouco também mais pegado lá [Bolívia], sobre força física. [...] Essas coisas, né? (Atleta 9).

Podemos sugestionar que esse enfoque, possivelmente, seria uma tentativa de compensar o nível técnico inferior dos jogadores no futebol amador boliviano. É importante salientar que essa diferença técnica relatada entre os atletas dos dois países provavelmente seja o principal fator do recrutamento constante e, conseqüentemente, represente um caminho aberto para a continuidade do movimento migratório sazonal dos futebolistas brasileiros do CFC na região fronteira Brasil-Bolívia em MS. Sendo assim, Damatta (1994) indica que o futebol brasileiro é definido pelo controle preciso da bola, pelo toque refinado, além da versatilidade e intuição dos seus jogadores, que possuem uma capacidade única de improvisação, resultando em uma expressão estética de criatividade espontânea. Paoli (2007) corrobora, observando que os jogadores brasileiros, dotados de habilidades técnicas importantes, destacam-se devido às suas supostas qualidades naturais intrínsecas, tais como talento individual e capricho inato, que se manifestam pela sua destreza, astúcia e espontaneidade.

Quanto aos desafios enfrentados pelos atletas brasileiros do CFC no futebol amador boliviano, 6 (40%) deles descreveram que o horário dos jogos sempre foi o maior empecilho em função do calor excessivo na região fronteira Brasil-Bolívia em MS, até porque algumas partidas eram realizadas no fim da manhã e outras no início da tarde, períodos de temperaturas mais elevadas. Essa percepção fica ainda mais evidente a partir das transcrições de trechos das entrevistas dos Atletas 5 e 13, descritas no APÊNDICE C, Quadro 3, item 2, destacadas a seguir: “É o horário [...] Geralmente lá o jogo é meio-dia [...] Acho que foi mais os horários de jogos mesmo” (Atleta 5); “A dificuldade era o horário dos jogos, porque

geralmente, lá [Bolívia], o campeonato começa a uma hora da tarde, então isso aí foi uma dificuldade” (Atleta 13).

Na sequência, 3 (20%) entrevistados relataram que as entradas bruscas e violentas por parte dos atletas bolivianos durante os jogos eram um problema recorrente, pois a arbitragem tendia a ser passiva diante desse cenário, como destacado pelos Atletas 1 e 3:

O fator de você tá jogando lá [Bolívia] era as entradas bruscas, as divididas, que eram totalmente diferentes do profissional. O amador não tem limite. [...] Os próprios árbitros que apitavam lá, muito fraco. [...] Então deixava a pancadaria comer solta. Esse realmente era uma situação muito complicada quando eu jogava lá [...] (Atleta 1)

É que o futebol deles [bolivianos] é completamente diferente, aí acaba que interfere, pelo fato deles não saberem muita regra deixar o jogo ficar mais truncado e acaba que o jogo fica meio complicado (Atleta 3).

Esse fato é corroborado pelo estudo do *Cies Football Observatory* (2020), demonstrando que o campeonato boliviano da primeira divisão lidera o *ranking* mundial de advertências aos futebolistas, com uma média de 6,53 cartões amarelos e 0,48 vermelhos por partida. Dessa forma, o futebol na Bolívia é classificado como um dos mais violentos, totalizando 7,01 advertências por jogo, seguido por Uruguai com 6,61 e Guatemala com 6,44 penalidades por partida. Além disso, alguns entrevistados apontaram o estado ruim do gramado em alguns campos, incluindo a altitude em algumas cidades da Bolívia, principalmente em La Paz (3.650 metros), Sucre (2.790 metros) e Cochabamba (2.558 metros), cidades que estão bem acima do nível do mar, sendo desafios adicionais, embora em menor escala. Um exemplo disso é o relato do Atleta 7, que afirmou: “[...] em La Paz e Sucre, a dificuldade minha foi a altitude [...]”. Diante disso, de acordo com Azevedo (2023), alguns estudos indicam que os principais impactos da altitude nos jogadores estão associados a aspectos físicos, fisiológicos e cognitivos. Por exemplo, a alta altitude prejudica o desempenho aeróbico dos jogadores, que é o metabolismo predominante durante uma partida de futebol, além de comprometer a capacidade de recuperação entre esforços de alta intensidade, essenciais no jogo. No entanto, uma pequena fração desses atletas entrevistados afirmou não ter enfrentado desafios significativos enquanto atuavam na Bolívia.

Alguns desses elementos desafiadores, encontrados nos resultados, também são descritos por Paula (2016) quando aponta que, ao contrário do futebol profissional, o futebol amador não dispõe de estádios com infraestrutura extraordinária, nem de atletas e treinadores altamente valorizados. Na verdade, as características do futebol amador são completamente

opostas às do esporte de alto rendimento. Isso se reflete nas condições mínimas dos campos de jogo e na ausência de grandes estruturas e bons patrocinadores, que são meras ilusões para os clubes amadores. No entanto, todos esses desafios enfrentados pelos futebolistas amadores são justificados, pois essas entidades e agremiações geralmente se mantêm por meio de pequenas contribuições dos próprios atletas, dirigentes e, muitas vezes, dos torcedores (Paula, 2016).

Oliveira (2015) observa que a fronteira constitui um cenário singular no qual sociedades e culturas diversas se encontram e interagem. Assim sendo, no que diz respeito à adaptação ao estilo de jogo e ao alinhamento cultural dos atletas do CFC para com o futebol boliviano, 7 (47%) dos entrevistados compartilharam que o processo foi gradativo, por exemplo, conforme retratado no dizer do Atleta 3, descrito no APÊNDICE C, Quadro 3, item 3: “A gente vai se adaptando, conforme o tempo vai passando. E as equipes também [...]”. Além das diferenças no estilo de jogo, a falta de comunicação foi um obstáculo significativo devido à dificuldade em compreender a língua espanhola em algumas ocasiões, tanto com os técnicos quanto com os atletas bolivianos da própria equipe. Já outros 7 (47 %) relataram que o ajuste ao futebol e à cultura boliviana foi tranquilo, uma vez que havia vários brasileiros na mesma equipe. Além disso, destacaram que o povo boliviano era extremamente acolhedor, facilitando assim a convivência dentro e fora de campo. Dessa forma, esse fato fica evidente no discurso do Atleta 11, que descreve: “Teve uma boa adaptação, porque o povo lá [Bolívia] é mais acolhedor. [...] Bem mais acolhedor que o povo brasileiro [...]”.

Outro aspecto que se destacou nas análises foi que, em apenas uma das respostas, o entrevistado mencionou que sua adaptação inicial foi muito complicada, devido ao fato de sempre ter atuado em equipes com poucos brasileiros no elenco. Porém, com o passar do tempo, a convivência harmoniosa com os bolivianos e a imersão nos costumes locais contribuíram para facilitar a adaptação. Essa realidade adaptativa faz parte das relações fronteiriças, já que nessas localidades existe contato e interação internacional. São áreas que se destacam por serem marcadas pela “mistura cultural”, muitas vezes resultante de um contínuo intercâmbio de costumes, folclore, culinária, religião, entre outros aspectos (Oliveira, 2016).

5.3 A carreira do atleta profissional e o contexto fronteiriço em MS

Nesta subseção, examinamos três conjuntos de questões, fornecendo elementos para compreender as particularidades da carreira futebolística do atleta profissional no contexto

fronteiriço em MS. Esses elementos incluem a complementação de renda em outro país, pontos positivos e/ou negativos da sazonalidade na região de fronteira, além do impacto da pandemia da Covid-19 na vida profissional desses atletas.

5.3.1 A complementação de renda dos atletas do CFC na Bolívia

Nessa parte, formulamos um conjunto de três questionamentos aos atletas, conforme descrevemos a seguir: qual é o impacto do dinheiro adicional que você ganha jogando em equipes amadoras na Bolívia em sua vida e carreira no Brasil? Qual dos países é mais rentável, no Brasil ou na Bolívia? Por que você procurou complementar a renda em outro país?

Ao analisarmos os resultados das respostas sobre o efeito dos ganhos monetários adicionais dos jogadores do CFC em função do movimento migratório sazonal na região fronteira Brasil-Bolívia, observamos que a maioria aponta que essa receita oriunda do futebol amador no país vizinho influenciava de forma significativa seus rendimentos mensais e anuais. Destacamos os depoimentos dos Atletas 7, 14 e 15, apresentados no APÊNDICE C, Quadro 4, item 1, assim descritos:

Me ajudou bastante. Foi muito bom. Em Porto Quijarro, como é divisa aqui [Bolívia], eles [bolivianos] pagam em real. Mas, lá em Sucre, por exemplo e La Paz, eles pagam em dólar, que é alto e é um valor muito bom. Isso impactou bastante para mim e me ajudou bastante (Atleta 7).

Me ajudou muito [...] Eu consegui, assim aproveitar [...] Vou falar uma coisa: tinha equipe amadora que eu cheguei a ganhar até mais valor do que no profissional. Foi bastante positivo (Atleta 14).

Foi muito bom, né? Ajudou bastante. Através de cada jogo você recebia uma quantidade boa [...] (Atleta 15).

Nesse contexto, Botta (2023) argumenta que, na busca por ganhos monetários ou pelo prolongamento da carreira, os jogadores encontram no futebol amador um mercado a ser explorado. Segundo o autor, o futebol amador continua sendo uma importante alternativa de renda para alguns atletas e de lazer para outros, além de atender àqueles que desejam, de alguma forma, estar inseridos nesse modelo futebolístico.

Ainda segundo os dados coletados, alguns pontos merecem destaque nas capturas das falas dos entrevistados, são eles: a) a remuneração mensal no futebol profissional do CFC é substancialmente maior durante o período em que o contrato está em vigor; b) no futebol

amador, embora os valores recebidos sejam inferiores, são pagos ao longo de um número maior de meses durante o ano, resultando um montante total superior quando comparado ao futebol profissional; c) na Bolívia, algumas equipes fazem o pagamento em dólar; e d) além de proporcionar um salário adicional, essa prática serve como uma forma de manter o calendário futebolístico ativo, uma vez que em MS enfrenta-se esse problema significativo nos clubes e, especialmente, os atletas do CFC. Nessa diretriz financeira, é importante registrar os discursos dos atletas 1 e 12, conforme APÊNDICE C, Quadro 4, item 2:

Eu, quando joguei amador na Bolívia, achava que o futebol amador era mais rentável. O futebol profissional era três meses, quatro meses, no máximo, aqui na cidade [Corumbá], e o amador você tinha ali [Bolívia], seis, sete meses, então você acabava ganhando muito mais no amador do que no profissional (Atleta 1).

Eu acho que, para mim, no meu caso, acho que foi lá na Bolívia, porque lá o período é maior (Atleta 12).

Vale lembrar que o campeonato estadual de futebol profissional em MS é realizado em um período entre três e quatro meses; enquanto, na Bolívia e no Brasil, os campeonatos de futebol amador ocorrem praticamente ao longo de todo o ano. Importante ressaltar que, dentre os 15 atletas entrevistados, 5 (34%) deles foram campeões estaduais de futebol profissional em MS, inclusive com o CFC no último título em 2017.

5.3.2 A carreira futebolística e a sazonalidade dos atletas do CFC na fronteira de MS

Aqui, nessa parte, elaboramos um conjunto de cinco questionamentos aos futebolistas, conforme reproduzimos: como você acredita que essa experiência jogando em equipes amadoras na Bolívia pode ajudá-lo a desenvolver sua carreira no futebol no futuro? Você acredita que o movimento migratório de jogadores do CFC para equipes amadoras na Bolívia é uma tendência crescente? Enquanto atleta profissional do CFC, poderia nos relatar quais pontos positivos e/ou negativos você vê nesse movimento migratório para atuar em equipes amadoras na Bolívia? Além de jogar futebol profissionalmente, existia outra fonte de renda fora do contexto futebolístico? O que você acha que deveria fazer para continuar atuando profissionalmente?

Os resultados indicam que, ao questionarmos, entre esses atletas, sobre a experiência de jogar nas equipes amadoras da Bolívia e a contribuição para o desenvolvimento de suas carreiras futebolísticas, 7 (47 %) deles afirmaram que a participação em campeonatos na

Bolívia poderia expandir sua rede de contatos no mundo do futebol. Nesse sentido, enfatizamos uma das falas, descrita no APÊNDICE C, Quadro 5, item 1. Segundo o Atleta 8: “Me ajudou bastante. [...] Porque, cheguei de ir pra Bolívia mesmo através disso. [...] Fui pro Aurora, da Bolívia, através de estar jogando na fronteira e de ter um cara que me viu jogando o amador e me levou para lá. [...] O Aurora de Cochabamba. É a primeira divisão na Bolívia”. Além disso, também indicam conhecer outros jogadores, treinadores e/ou agentes de futebol, algo que poderia abrir portas para futuras oportunidades em clubes maiores, na própria Bolívia ou em outras ligas. Silva (2009) concorda com essa perspectiva ao observar que, no futebol amador, há a intervenção de empresários ou agentes que atuam como mediadores nas negociações envolvendo jogadores de destaque nesse segmento futebolístico, intermediando junto a esses atletas uma eventual migração para o futebol profissional. Outros 3 (20%) atletas entrevistados nos reportaram que, manter-se ativo e em forma durante todo o ano no futebol da Bolívia, mesmo em competições amadoras, é crucial para eles manterem sua condição física ou até mesmo técnica. Esse panorama garantia que os atletas do CFC estivessem sempre prontos para oportunidades que pudessem surgir em equipes profissionais. Nessa conjuntura, Leme (2011) destaca que vários atletas atuam no futebol amador para não perder o ritmo de jogo, de modo a estarem mais preparados quando surgir uma nova oportunidade no futebol profissional.

Já em menor escala, os entrevistados nos relataram que, ao jogar em um ambiente novo e com equipes amadoras na Bolívia, permitiu-lhes que se familiarizassem com diferentes estilos de jogo e táticas. Essa adaptação sempre era vista como valiosa, tornava-os jogadores mais versáteis e preparados para enfrentar diversas situações em campo quando retornavam ao profissional. A competição constante, mesmo em ligas amadoras na Bolívia, ofereceu a oportunidade de aprimorar suas habilidades técnicas e táticas. Além disso, enfrentar uma variedade de adversários contribuiu para o crescimento como jogador, melhorando o entendimento de jogo e a capacidade de tomar decisões rápidas e eficazes.

Observando os relatos dos atletas do CFC sobre as contribuições para suas carreiras, fica evidente que o movimento migratório sazonal no ambiente fronteiriço Brasil-Bolívia não só os ajudou a manter o ritmo de jogo e a condição física, mas também proporcionou um desenvolvimento integral como jogadores e indivíduos. Portanto, ficou notório que essa experiência os preparou para futuros desafios e oportunidades na carreira como futebolistas.

Oliveira (2016) argumenta que as regiões fronteiriças são localidades singulares, frequentemente caracterizadas por uma fusão cultural que abrange o intercâmbio de costumes, folclore, culinária, religião e outros elementos. Essas peculiaridades conferem a essas áreas

características próprias e distintas. Assim, ao examinarmos as entrevistas com os atletas do CFC sobre a possibilidade de participação nesses intercâmbios por meio do futebol, através do movimento migratório para equipes amadoras no país vizinho, torna-se evidente, pelos depoimentos, que essa intenção vem crescendo gradualmente. Sendo assim, a grande maioria, 13 (87%) deles, expressou que essa intenção tem aumentado ao longo dos anos. Sobre este ponto, conforme dados do APÊNDICE C, Quadro 5, item 2, evidenciamos os dizeres de alguns atletas:

Sim. Tá crescendo muito. [...] Eu vejo muitos meninos que moram na cidade e estão jogando já ali [Bolívia] na fronteira, entendeu? Eu vejo que estão ali, já, começando a participar mais dos campeonatos... Então, assim, a tendência é crescer muito mais (Atleta 4).

Eu acho que tá crescendo. [...] Porque vários atletas que já jogaram no profissional no Corumbaense estão indo para lá a Bolívia. [...] E também pelo mesmo intuito; ou uns vão para galgar alguma coisa melhor, um time profissional, ou também para pegar um dinheiro no final de semana [...] (Atleta 5).

Ah, sim, cara. Tá crescendo. [...] Isso ajuda para quem quer ser jogador profissional [...] (Atleta 9).

Nesse contexto, os principais motivos citados foram: a) os convites por parte dos dirigentes bolivianos estão se tornando mais frequentes; b) a possibilidade de obter uma renda extra por meio do futebol; c) a complementação do calendário anual futebolístico; e d) além da perspectiva de ascensão a um novo mercado no futebol em outro país. Todas essas razões para o movimento migratório sazonal futebolístico na região fronteira em MS, relatadas pelos entrevistados, são refletidas nas observações de Maguire (2007), pois as migrações no esporte, sejam elas transferências locais, sejam para outros países, são realizadas pelos desportistas ao longo de suas carreiras profissionais em busca de novos desafios, sendo determinadas por demandas financeiras ou técnicas.

Sabemos que a sazonalidade caracteriza-se como uma forma de deslocamento provisório que advém de diversas causas, entre outras condições conexas às mudanças sazonais (Guitarrara, 2024). Sendo assim, quanto ao questionamento relacionado aos pontos positivos e/ou negativos sobre o movimento migratório sazonal futebolístico para a Bolívia, de forma geral, 9 (60%) dos atletas apontaram o fator financeiro como o ponto positivo mais significativo e importante dessa sazonalidade, seguido pelo complemento do calendário anual em atividade futebolística e pela possibilidade de abertura de um novo mercado futebolístico em outro país. Nesse aspecto, sublinhado no APÊNDICE C, Quadro 5, item 3, a sazonalidade

fronteiriça tem algo positivo, conforme exemplo descrito pela Atleta 14: “Na Bolívia é Financeiro. [...] Você ia só pensando no intuito de ganhar dinheiro mesmo. Só positivo. Então tem que agradecer muito, agradecer aos nossos irmãos bolivianos”.

Já ao destacar os aspectos negativos dessa sazonalidade fronteiriça, enfatizamos que 6 (40%) deles relataram que o maior receio era a possibilidade de lesão. Esse fato se destaca na fala do Atleta 13: “[...] mas o negativo é que você pode ter uma contusão e você ficar estourado, se arrebentar e nunca mais poder atuar no futebol”. Nesse sentido, Souza e Andrade (2022) relatam em seus estudos que foi possível observar uma alta incidência de lesões articulares entre os jogadores de futebol amador. Esse fato pode estar relacionado à natureza do esporte, que exige intensa movimentação, bem como considerável recrutamento muscular e articular, visto que a prática do futebol é caracterizada pela ocorrência frequente de contatos físicos, incluindo corridas, saltos, arrancadas, mudanças de direção e quedas, entre outros movimentos (Souza; Andrade, 2022). Outros pontos negativos a serem considerados dessa sazonalidade seriam: a) a competitividade exagerada entre os jogadores; b) o estado ruim dos campos; e c) a limitada visibilidade para sua carreira no futebol amador na Bolívia.

Salientamos, ainda, que a ausência de um vínculo trabalhista formal na Bolívia poderia comprometer seriamente o futuro das carreiras desses futebolistas, pois, sem amparo legal, eles ficariam desprotegidos em situações de lesões graves e outras adversidades. Esses achados também – aspectos positivos e negativos –, além das dúvidas e incertezas do cenário futebolístico amador, são elementos que aparecem e devem ser considerados no contexto do futebol amador no Brasil (Leme, 2011; Nolasco, 2013; Souza; Andrade, 2022).

A outra questão abordada foi sobre a possibilidade de existência de outra renda fora do meio futebolístico, sendo que 11 (73%) dos atletas entrevistados afirmaram que suas únicas fontes de renda provinham do futebol profissional do CFC e do futebol amador na Bolívia. Enquanto que os demais entrevistados, 4 (27%), relataram que trabalhavam em profissões paralelas ao cenário futebolístico, devido ao calendário deficiente da modalidade em MS, realidade que acabava lhes obrigando a buscar outras alternativas financeiras para sua subsistência. Algumas ocupações relatadas pelos futebolistas foram: marceneiro, pintor, motorista de aplicativo e o setor de turismo. Isso se reflete nas transcrições de trechos, por exemplos, das entrevistas dos Atletas 7 e 11, descritas no APÊNDICE C, Quadro 5, item 4, destacadas aqui: “Sim. Eu fazia Uber, motorista de aplicativo [...]” (Atleta 7); “Sim. Trabalhava de pintura. [...] Na verdade, a gente tem que correr atrás de tudo, né? Então, a gente faz de tudo um pouco” (Atleta 11).

Além disso, um fato importante a ser considerado é que, entre os 15 entrevistados, 10 (67%) nos disseram que, no momento, exerciam o serviço público municipal como profissão. Diante disso, estavam credenciados para representar o município de Corumbá-MS na Copa Assomasul de Futebol de Campo, competição que acontece anualmente em MS com o apoio do Governo do Estado. Evento que já está na 20ª edição, realizado em 2024, contou com a presença de 60 municípios que iniciaram a competição, reunindo um total de 1.350 atletas, sendo permitida apenas a participação de funcionários públicos municipais. Além do mais, foi distribuído um total de 48 mil reais em premiações entre os quatro semifinalistas do campeonato, com a equipe campeã recebendo um prêmio de 18 mil reais e um veículo – Van – do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Assomasul, 2024).

A última questão abordou sobre quais as atitudes necessárias para continuar atuando profissionalmente; sendo que, do total de entrevistados, mais da metade (8 – 54%) dos atletas afirmaram que deveriam ter se dedicado mais ao esporte, bem como deveriam ter adotado uma postura mais profissional ao longo da carreira. Para ilustrar essa questão, trazemos a fala do Atleta 13: “Eu tinha que ter mais profissionalismo, porque faltou um pouco. [...] Então, responsabilidade, porque às vezes eu me juntava com alguns moleques. [...] Em termos de balada, entendeu?”.

Em contrapartida, somente 3 (20%) deles relataram que a falta de oportunidade foi um fator determinante para a continuidade de suas carreiras no futebol profissional. As lesões, a ausência de um empresário e o calendário inadequado do futebol em MS também foram mencionados como fatores fora de seu controle, elementos que contribuíram significativamente para abreviar suas respectivas carreiras futebolísticas.

É importante dizer que um dos entrevistados relatou ter jogado profissionalmente por aproximadamente 20 anos, passando por 25 clubes diferentes em vários estados, incluindo o Paraná, Santa Catarina, Goiás, São Paulo e Mato Grosso. Ele também mencionou que, em determinado período, deixou de atuar no futebol amador na Bolívia e no Brasil, dedicando-se exclusivamente ao futebol profissional.

5.3.3 O momento pandêmico na vida dos atletas do CFC na região fronteira Brasil-Bolívia

Ao objetivarmos compreender também os obstáculos enfrentados pelos futebolistas do CFC durante o período da pandemia de Covid-19, realizamos um questionamento: qual o impacto desse cenário pra você? Essa pergunta foi elaborada considerando que a fronteira Brasil-Bolívia esteve fechada por um grande período durante a última pandemia, que teve

início decretado em março de 2020, fato que causou uma interrupção no fluxo migratório na região, sendo algo que impôs uma nova realidade local aos atletas.

Diante dos fatos, Freitas (2020) destaca que o primeiro fechamento da fronteira Brasil-Bolívia, em MS, devido à pandemia, ocorreu em 19 de março de 2020, permitindo a entrada no país vizinho somente de bolivianos e residentes na Bolívia que se submetessem aos protocolos determinados pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em consequência, quase por unanimidade, 14 (93,3%) dos futebolistas entrevistados afirmaram que a interrupção do fluxo migratório, decorrente do fechamento da fronteira Brasil-Bolívia em MS, em virtude da Covid-19, impactou suas vidas de alguma forma.

Dentre os impactos mencionados, destacam-se: a) a paralisação dos campeonatos amadores na Bolívia; b) o abalo psicológico e emocional, gerando ansiedade e incertezas quanto ao futuro futebolístico; c) impacto financeiro com a perda de renda proveniente do futebol; d) déficit do condicionamento físico; e e) a repercussão na carreira futebolística devido ao comprometimento do calendário anual. Em contrapartida, apenas um atleta expôs que o fechamento da fronteira não impactou em nada sua vida futebolística, pois já havia encerrado a carreira profissional e também não estava mais jogando em equipes amadoras na Bolívia. Esses efeitos da pandemia são retratados no APÊNDICE C, Quadro 6, destacando as falas dos Atletas 2, 4, 9 e 14 respectivamente:

Sim, teve. Parou tudo, né? E, quando fecha a fronteira para eles [bolivianos], pra gente [brasileiros] também tudo dificulta mais, porque a gente precisa também do outro lado [Bolívia], também como eles precisam da gente. Ainda mais nessa pandemia que teve, afetou todo mundo, parou tudo, todos os campeonatos pararam. [...] No mundo inteiro parou, então afetou bastante. Quem vive da bola, afetou bastante (Atleta 2).

O impacto foi muito grande. [...] Porque já tinha começado o campeonato lá [Bolívia] e já tinha pego uma quantia para jogar e fechado um acordo. [...] É amador, mas a gente faz um acordo. [...] Aí, uma quantia em dinheiro que ia me ajudar muito na minha renda, entendeu? [...] Então, aquilo dali causou um prejuízo muito grande para mim (Atleta 4).

Atrapalhou muito. [...] Essa pandemia aí veio do nada, e às vezes a gente precisava de dinheiro. [...] Nem a gente podia sair na rua para comprar, e muito menos atravessar pro lado de lá [Bolívia] (Atleta 9).

Prejudicou bastante. Inclusive, tinha amigos meus, colegas meus que dependiam desse futebol amador da Bolívia. Aí, com a pandemia lá... principalmente na Bolívia. No meu caso, não porque eu estava trabalhando já (Atleta 14).

Nesse contexto pandêmico, Brasil (2021) observa que muitos desses futebolistas enfrentaram a redução salarial, déficits no condicionamento físico e distúrbios mentais, além de eventuais quebras de contrato, resultando em desemprego e gerando um impacto social

significativo na sua vida profissional. Além disso, Prota (2021) relata que as competições foram interrompidas na tentativa de reduzir a disseminação da doença, resultando em enormes prejuízos financeiros e também atléticos. Ao explorar esses aspectos, a pesquisa visa não apenas a captar os desafios práticos enfrentados pelos jogadores do CFC na região fronteiriça Brasil-Bolívia, mas também a compreender como a pandemia influenciou integralmente suas vidas.

6 PROPOSTA DE AÇÃO

Por se tratar de um projeto de pesquisa de pós-graduação profissionalizante, é necessário que o presente estudo indique ações futuras para o contexto social sobre a qual ela tematizou. Assim, a partir dos resultados obtidos, o nosso material propõe-se a viabilizar o emprego do conhecimento adquirido para modificar a região fronteiriça em estudo. Para tal, propomos algumas ações que possam auxiliar na melhoria do contexto pesquisado, possibilitando uma atenuação dos impactos sociais constatados junto aos envolvidos.

Entendemos que essas ações devem estar pautadas na detecção e, conseqüentemente, na orientação aos atletas de futebol profissional da região fronteiriça Brasil-Bolívia, sobretudo no sentido de oferecer mecanismos de apoio diante das dificuldades de manutenção de renda e subsistência, de certa forma impostas pelo calendário anual futebolístico ineficaz em MS. Portanto, propomos algumas ações considerando nosso estudo, conforme segue:

- a) criação de uma Lei Municipal – Política Pública –, por meio da proposição na discussão do Plano Municipal de Esportes e Lazer de Corumbá-MS e/ou articulação via iniciativa privada, com o intuito de assegurar que os atletas profissionais do CFC permaneçam em atividades remuneradas no contexto futebolístico durante sua carreira na região fronteiriça Brasil-Bolívia. Para atingir esse objetivo, recomendamos a realização de eventos de capacitação e aperfeiçoamento profissional, possibilitando que esses atletas se qualifiquem para atuar no esporte e lazer do município;
- b) implementação de programas de educação continuada e oportunidades de requalificação profissional para atletas e ex-atletas do CFC, visando à diversificação de suas fontes de renda. Entendemos que é fundamental estabelecer parcerias com instituições educacionais para oferecer cursos técnicos e universitários, tanto na modalidade à distância quanto presencial, bem como realizar um cadastro virtual no *site* da Fundação de Esportes de Corumbá (Funec), especificamente para desenvolver redes de contato para aprimorar o marketing pessoal desses profissionais. Essas iniciativas permitirão que esses futebolistas profissionais do CFC adquiram novas competências e se preparem para carreiras alternativas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como panorama central compreender a dinâmica dos movimentos migratórios sazonais entre os atletas de futebol profissional do CFC na região fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá-MS – Brasil. De forma específica, procuramos investigar os fatores que levaram esses sujeitos a buscarem alternativas de trabalho no futebol amador da Bolívia. Diante disso, constatamos que essa conexão entre o atleta profissional do CFC e a sazonalidade fronteira está se tornando cada vez mais evidente na atualidade para atletas da região do estudo, sobretudo em virtude das demandas e especificidades impostas pelo calendário futebolístico profissional ineficiente em MS.

Para atingir os objetivos propostos, apresentamos um breve contexto histórico do futebol no mundo, sua chegada à América do Sul, ainda no século XIX, pontualmente na Argentina, Uruguai e, simultaneamente, no Brasil, bem como a origem e formação dos jogadores no País. Além disso, descrevemos a disseminação do futebol por todo o território nacional brasileiro, com ênfase nos componentes históricos e documentais do CFC e sua representatividade no futebol de MS. Deste modo, abordamos o universo do atleta de futebol profissional no ambiente fronteiro, refletindo sobre como ocorre a migração por meio do futebol.

Na parte empírica, foram realizadas entrevistas com os atletas de futebol que atuaram profissionalmente pelo CFC entre 2010 e 2021, respeitando um período em que o clube obteve resultados significativos de conquistas e participações em competições regionais e nacionais, concentradamente naqueles sujeitos que tiveram a participação e o envolvimento futebolístico enquanto atletas profissionais do CFC e com equipes amadoras do país vizinho – Bolívia. Assim, buscamos evidenciar, ao considerar os relatos desses profissionais, as potencialidades e os vários percalços/desafios oriundos dessa migração sazonal fronteira futebolística na área da atuação futebolística.

Observamos que, logo nas primeiras análises sobre o perfil dos 15 entrevistados, a grande maioria dos futebolistas estava dentro de uma faixa etária com possibilidade de atuarem profissionalmente. No entanto, é importante salientar que apenas um dos atletas estava atuando desta forma. Dos 14 atletas restantes, todos estavam jogando no futebol amador, no Brasil ou na Bolívia. Isso nos mostra que o calendário futebolístico profissional em MS continuava sendo desafiador e um gerador de percalços significativos na vida profissional desses atletas. Outro dado relevante relacionado ao perfil dos atletas foi que a extensa maioria deles reside em Corumbá-MS, enfatizando a centralidade regional

desempenhada por Corumbá na região fronteira Brasil-Bolívia, demonstrando efetivamente o vínculo dos jogadores com a cidade.

Salientamos, ainda, que muitos desses atletas possuíam nível de escolaridade abaixo do esperado para suas idades. Além disso, todos eles eram exclusivamente brasileiros, ou seja, não tinham dupla nacionalidade. Sugerindo que esses jogadores não recorreram à oportunidade de atuar no país vizinho para buscar a cidadania boliviana, uma escolha que poderia impactar positivamente em suas carreiras profissionais no país vizinho – Bolívia.

Os resultados coletados na pesquisa de campo demonstraram também que os atletas entrevistados prestaram em média quatro anos e sete meses de serviço futebolístico no CFC, isso considerando a totalidade de sua vida profissional na região fronteira. Isso não apenas sublinha a fidelidade e o compromisso dos jogadores com o CFC, mas também evidencia o papel significativo da agremiação na manutenção e desenvolvimento dos possíveis talentos locais, sendo crucial para a trajetória profissional desses jogadores na região fronteira Brasil-Bolívia.

De forma geral, os dados apontaram que o preenchimento da lacuna no calendário deficiente do futebol profissional em MS, bem como a procura por oportunidades de renda, foram os principais componentes destacados para atuarem na Bolívia. Diante de tal fato, é importante ressaltar que todos os futebolistas entrevistados praticaram ativamente o futebol amador ao longo da vida, tanto na Bolívia quanto no Brasil, demonstrando a resiliência desses sujeitos em buscar alternativas para continuar jogando e garantindo sua subsistência, independentemente das dificuldades enfrentadas no calendário profissional. Isso reflete, em parte, a paixão e o comprometimento com o esporte, perseguindo os mesmos objetivos em ambos os países.

Outro ponto percebido nos relatos é a priorização do jogo mais físico no futebol amador vivido na Bolívia, tendo a força e a velocidade como aptidões físicas predominantes nas dinâmicas de jogo. Já no futebol brasileiro, a questão técnica sobressaiu-se, demonstrando um futebol mais técnico, com qualidade superior, seja na forma de jogar, seja na execução dos gestos dos atletas brasileiros. Diante disso, podemos deduzir que esse estilo de jogo na Bolívia, possivelmente, seria uma tentativa de compensar o nível técnico inferior dos jogadores de futebol amador na Bolívia. Igualmente, foram constatados discursos em direções diversas, sendo apontados alguns percalços como o calor excessivo devido aos horários dos jogos, as entradas bruscas e violentas por parte dos atletas bolivianos, estado ruim dos gramados em comparação ao futebol profissional no Brasil, além da altitude para desempenho das atividades na Bolívia. Sobre esse último ponto, alguns atletas relataram enfrentar esse

problema ao atuar em equipes nas cidades bolivianas de La Paz, Sucre e Cochabamba, localidades situadas bem acima do nível do mar.

Os dados coletados também demonstraram que a adaptação ao modelo de jogo e ao alinhamento cultural dos atletas do CFC para com o futebol boliviano foi um processo progressivo. Além das diferenças no estilo de jogo já mencionadas, a falta de comunicação foi um problema significativo, devido à dificuldade em entender a língua espanhola em alguns momentos, tanto com os técnicos quanto com os atletas bolivianos da própria equipe. Por outro lado, os atletas enfatizaram que o povo boliviano era extremamente acolhedor, facilitando o convívio dentro e fora de campo. Assim, com o passar do tempo, a convivência harmoniosa com os bolivianos e a imersão nos costumes locais contribuíram para facilitar a adaptação ao longo dos anos.

Os atletas profissionais destacaram ainda que a receita financeira, oriunda do futebol amador na Bolívia influenciava de forma significativa seus rendimentos mensais e anuais. Diante disso, percebemos pontos que merecem destaque quanto aos ganhos monetários desses futebolistas sazonais, tais como: a) que a remuneração mensal no futebol profissional do CFC é substancialmente maior durante o período em que o contrato destes atletas está em vigor; b) no futebol amador, embora os valores recebidos sejam inferiores, são pagos ao longo de um número maior de meses durante o ano, resultando um montante total superior quando comparado ao futebol profissional; e c) na Bolívia, algumas equipes fazem o pagamento em dólar, além de proporcionar um salário adicional, sendo que essa prática serve como uma forma de manter o calendário futebolístico ativo, uma vez que em MS enfrenta-se esse problema de forma significativa.

Já os principais achados relativos às análises das entrevistas dos atletas sobre sua atuação em equipes amadoras na Bolívia, assinalam, sucintamente, as seguintes temáticas: a expansão de sua rede de contato no mundo futebolístico; o conhecimento de outros jogadores treinadores e até empresários, algo que poderia abrir portas para futuras oportunidades em clubes maiores, na Bolívia ou em outros países; manter-se em atividade e em forma física e técnica durante todo o ano no futebol boliviano é crucial para sua carreira; atuar em equipes amadoras na Bolívia permitiu que se adaptassem com diversos estilos de jogo e táticas, tornando-os jogadores mais versáteis e preparados para um eventual retorno ao profissionalismo; enfrentar uma variedade de adversários no país vizinho – Bolívia – contribuiu para seu crescimento como jogador, melhorando seu entendimento de jogo e a capacidade de tomar decisões rápidas e eficazes.

É evidente que o movimento migratório sazonal no ambiente fronteiriço Brasil-Bolívia proporcionou um desenvolvimento mais amplo para os atletas do CFC, tanto no aspecto da construção do seu estilo de jogador, quanto na ação pessoal ligada à questão sociocultural. Deste modo, ficou manifestado que as experiências os credenciaram para os desafios e as oportunidades profissionais como futebolistas.

Também a narrativa desses jogadores indicou que a migração intencional na região, de forma sazonal para a Bolívia, tem aumentado anualmente. Nesse contexto, identificamos alguns motivos relevantes que corroboram essa tendência, tais como: a crescente frequência dos convites emitidos pelos dirigentes bolivianos das equipes amadoras a esses futebolistas; a clara possibilidade dos atletas do CFC ganharem uma renda adicional por meio do futebol amador boliviano; a atraente oportunidade de complementação do calendário anual futebolístico por intermédio do futebol amador na Bolívia; e, por fim, a perspectiva de que esses jogadores possam utilizar o futebol amador na Bolívia como um trampolim para ascender a um novo mercado no futebol profissional em outro país.

Percebemos, ainda, que, para a grande maioria dos atletas, suas únicas fontes de renda provinham do futebol profissional do CFC e do futebol amador na Bolívia. Porém, uma pequena parcela trabalhava em profissões paralelas ao mercado futebolístico, devido ao calendário deficiente da modalidade em MS, realidade que lhes obrigava a buscar alternativas financeiras para sua subsistência, consolidando-os cada vez mais como atletas amadores.

Já sobre o impacto da pandemia de Covid-19 em suas trajetórias profissionais na região fronteiriça Brasil-Bolívia, uma vez que este período integrou o recorte temporal de nosso estudo, abrangendo os anos de 2010 a 2021, ficou evidente que o referido período acarretou consequências significativas para os futebolistas entrevistados. Quase a totalidade afirmou que a interrupção do fluxo migratório, decorrente do fechamento da fronteira Brasil-Bolívia em MS, impactou suas vidas de alguma forma, sendo mais evidentes os seguintes dados: a) efeito psicológico e emocional, gerando ansiedade e incertezas quanto ao futuro futebolístico; b) perda de fonte de renda financeira proveniente do futebol boliviano; c) déficit do condicionamento físico; e e) repercussão na carreira futebolística devido ao comprometimento do calendário anual.

Por fim, observamos um viés social relevante que o movimento migratório sazonal dos atletas de futebol profissional na região fronteiriça Brasil-Bolívia desempenha na vida e carreira dos jogadores do CFC. Assim, os achados do estudo indicam a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre o tema, utilizando metodologias qualitativas inovadoras, que possam contribuir com sugestões para o aprimoramento do calendário anual do futebol

profissional na fronteira em MS e até em outras regiões do País. Se faz necessária, também, a implementação de políticas públicas e/ou iniciativas privadas que assegurem a permanência dos atletas do CFC em atividades remuneradas ao longo de suas carreiras profissionais, pois é imprescindível que as diretrizes propostas visem não apenas à manutenção, mas também à ampliação dessas oportunidades, garantindo um desenvolvimento sustentável e contínuo para esses sujeitos.

Somos conscientes das limitações do nosso estudo, sendo que nesse cenário há inúmeras questões que ainda necessitam ser discutidas e aprofundadas, que promoverão um avanço significativo na carreira profissional dos futebolistas na região estudada. Porém, acreditamos que os dados trazidos aqui indicam caminhos promissores e descortinam alguns horizontes para uma melhor compreensão da temática na localidade, pois, apesar de sua complexidade, o ambiente fronteiriço pode ser um gerador de possibilidades e oportunidades na carreira do atleta de futebol.

AQUINO, Matheus. Brasileirão de Norte a Sul: saiba qual região tem mais clubes nas séries A, B, C e D de 2023. **GE**, João Pessoa, 15 maio 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/pb/futebol/noticia/2023/05/17/brasileirao-norte-sul-saiba-regiao-clubes-series-a-b-c-d-2023.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ARAÚJO, Erica Elane Juvino de. **Do campo para a cidade**: sazonalidade do trabalho de Ilha Grande, município de Juazeirinho para João Pessoa-PB. 45f. Monografia (Bacharelado do Curso de Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza – CCEN – Departamento de Geociências – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2017.

ARAUJO, Hugo Sarat Oliveira; FRANCISCO, Marcos Vinicius; PIOVEZAN, Patricia Regina. Desigualdade social, dificuldades e expectativas de jogadores da categoria de base com o futebol profissional. **Esporte e Sociedade**, s.l., ano 14, n. 34, dez. 2021.

ARAÚJO, Reginaldo Alves. **Futebol, uma fantástica paixão – A história do futebol campo-grandense**. Tomo I. Campo Grande: Associação de Novos Escritores de MS, 1998.

ARRUDA, Lucas. Pela terceira vez, leilão da sede do Corumbaense não recebe lances. **O Pantaneiro**, Corumbá, 19 abr. 2022. Disponível em: <https://www.opantaneiro.com.br/esportes/pela-terceira-vez-leilao-da-sede-do-corumbaense-nao-recebe-lances/180800/>. Acesso em: 22 mar. 2023.

ASSOMASUL. Associação dos Municípios de Mato Grosso do Sul. **Copa Assomasul 2024**, Campo Grande, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://www.assomasul.org.br/category/copa-assomasul/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

ÁVILA, Adriano. Campo da Várzea onde em 1895 seria realizada a primeira partida de futebol no Brasil. **Futbox**, s.l., 14 abr. 2021. Disponível em: www.futbox.com/blog/futebol-outros/o-primeiro-jogo-de-futebol-no-brasil-faz-aniversario-hoje-mas-foi-mesmo-o-primeiro. Acesso em: 24 fev. 2023.

AZEVEDO, Guilherme. Futebol nas alturas: como a altitude impacta o rendimento de jogadores. **Placar**, s.l., 19 jun. 2023. Disponível em: <https://placar.com.br/copa-libertadores/futebol-nas-alturas-como-a-altitude-impacta-o-rendimento-de-jogadores/>. Acesso em: 10 maio 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 225. ISBN: 972-44-0898-1.

BARROS, Renata; FERNANDES, Adriano. Petrallás pede voto de confiança e promete gestão compartilhada na FFMS. **GEMS**, s.l., 29 maio 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ms/noticia/2024/05/29/petrallas-pede-voto-de-confianca-e-promete-gestao-compartilhada-na-ffms.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2024.

BAZANINI, Roberto; SANTOS, Renato Berton; RIBEIRO, Hewdy Lobo; BAZANINI, Homero Leoni. Empreendedorismo na sociedade do espetáculo: gestão do futebol no universo globalizado. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, s.l., v. 4, n. 1, pp. 135-160, 2014.

BOGO, Amanda. Corumbaense vence Novo por 2 a 1 e conquista Estadual após 33 anos. **Campo Grande News**, Campo Grande, 7 maio 2017. Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/esportes/corumbaense-vence-novo-por-2-a-1-e-conquista-estadual-apos-33-anos>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BOTTA, Emilio. Futebol de várzea vira fonte de renda para campeões da Libertadores. “A madeira canta”. **GE**, São Paulo, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2023/06/14/futebol-de-varzea-vira-fonte-de-renda-para-campeoes-do-mundial-e-da-libertadores-a-madeira-canta.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2024.

BRASIL, Ciro Americano do. **A exportação dos jogadores do futebol brasileiro**. 57f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/9766>. Acesso em: 16 fev. 2022.

BRASIL, Rafael Alexandre. **Impactos da pandemia de Covid-19 no campo esportivo do futebol**: percepções de atletas profissionais. 46f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/63586>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRINKMANN, Roger Luiz. **Estratégias de comunicação digital de produtos em entidades esportivas**: os casos Conmebol-Libertadores e Uefa-Champions League. 115f. Dissertação (Mestrado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-18052021-112137/es.php>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CABRAL, Leonardo. Mesmo pressionando, Corumbaense empata e fica fora da Copa do Brasil. **Diário Corumbaense**, Corumbá, 7 fev. 2019. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=108025>. Acesso em: 19 jan. 2023.

CABRAL, Leonardo. Corumbaense desiste das quartas de final do Estadual 2020 por problemas financeiros. **Diário Corumbaense**, Corumbá, 23 nov. 2020. Disponível em: https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=121138#google_vignette. Acesso em: 20 jan. 2023.

CABRITA, Sérgio Conceição; FERREIRA, Lucio Marques. **Este é o Corumbaense Futebol Clube 1914 – 1973**. Corumbá: editado pelo próprio clube, 1973.

CAJU, Paulo César Lima. **Dei a volta na vida**. 1ª ed. São Paulo: A Girafa, 2006.

CAMPESTRINI, Geraldo Ricardo Hruschka. **Responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol**: análise do processo de formação em clubes brasileiros. 297f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Desporto) – Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

CAYO, Israel Campos. Geografizando o futebol: do global ao local. **Holos**, s.l., v. 3, pp. 213-231, 2013. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2013.1333>.

CARRAVETTA, Elio. **Modernização da gestão no futebol brasileiro**. Porto Alegre: Editora AGE Ltda., 2006.

CARRAZZONI, Julianne Emanuelle Martins; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; VASQUES, Daniel Giordani. Os usos políticos da ciência em tempos de Covid-19: o caso do futebol brasileiro. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 35, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.123939>.

CARVALHO, Alexandre Irineu; NETTO, Francisco Luiz de Marchi. **Futebol**: história e bastidores de uma paixão nacional. Goiânia: Editora Vieira, 2006.

CASARIN, Rodrigo Vicenzi; STREIT, Igor. Modelo de formação em futebol: análise de clubes do estado do Rio Grande do Sul. **RBF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 3, n. 7, 2011.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; OLIVEIRA, Vinícius Machado de; SOUZA, Juliano de; CAPRARO, André Mendes. Nos bastidores do futebol: as relações entre atleta/empresário do ponto de vista da memória de jogadores profissionais. **Recorde – Revista de História do Esporte**, s.l., v. 15, n. 2, 2022.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato; CHELUCHINHAK, Aline Barato; CAPRARO, André Mendes; JUNIOR, Wanderley Marchi; MEZZADRI, Fernando Marinho. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, pp. 631-647, out./dez. 2011.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Confederação Brasileira de Futebol tem como principal objetivo liderar e promover a prática esportiva do futebol no Brasil**. S.l., 21 maio 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional/index/a-cbf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Sul-Americano 1919**: primeiro grande título da seleção completa 100 anos. S.l., 29 maio 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/sul-americano-1919-primeiro-titulo-da-selecao-completa-100-anos>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **No Maracanã, Seleção Brasileira conquistava a nona Copa América há 1 ano**. S.l., 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/copa/america-2019/e-campeao-ha-um-ano-a-selecao-brasileira-conquistava-a-copa-america>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Ranking Nacional de Clubes 2021 da CBF**. S.l., 1.º mar. 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/flamengo-e-o-lider-do-ranking-nacional-de-clubes-2021-dacbf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Entidade maior do futebol brasileiro define gestão para o quadriênio de 2022-2026**. S.l., 23 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/ednaldo-rodrigues-e-eleito-presidente-da-cbf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol. **Regulamento Específico da Competição (REC)**. S.l., 2023. Disponível em:

https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202212/20221225102625_585.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Sistema de Gerenciamento de dados da CBF**: Corumbaense Futebol Clube. S.l., 2024. Disponível em: <https://gestaoweb.cbf.com.br/site/home/page/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CHAPARRO, Jorceli de Barros; LAMBERTI, Eliana. O turismo em Corumbá/MS: a relação de sua dinâmica com o Sistur. **Ritur – Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 8, n. 2, pp. 174-194, 2018.

CIES FOOTBALL OBSERVATORY. Quão agressivo é o futebol? Da Bolívia ao Japão. **Weekly Post**, Neuchâtel, Suíça, n. 284, 24 fev. 2020. Disponível em: <https://football-observatory.com/IMG/sites/b5wp/2019/wp284/en/>. Acesso em: 25 maio 2024.

CIES FOOTBALL OBSERVATORY. *Global study of football expatriates (2017-2023)*. **Monthly Report**, Neuchâtel, Suíça, n. 85, maio 2023. Disponível em: <https://football-observatory.com/MonthlyReport85>. Acesso em: 18 jun. 2023.

COCETRONE, Gabriel. O que é a SAF, modelo que virou sensação no futebol brasileiro? **UOL, Lei em campo**, São Paulo, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2022/02/22/o-que-e-a-saf-a-nova-paixao-dos-clubes-brasileiros.htm>. Acesso em: 28 jul. 2024.

COELHO, Paulo Vinicius. **Bola fora**: a história do êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

COLEÇÃO PLACAR HISTÓRIA DO FUTEBOL. **Copa do mundo**: o sonho vira realidade. São Paulo: Abril Editora, n. 2, 1998, p. 4.

CONMEBOL. *Suspensión Temporal Conmebol Libertadores*. DCC n. 058, s.l., n.p., 2020.

CONCEIÇÃO, Matheus. Primeira partida após a implantação da profissionalização do futebol no Brasil em 1933. **Arqtricolor**, s.l., 12 mar. 2022. Disponível em: www.arqtricolor.com/memorial/sao-paulo-disputou-primeiro-jogo-profissional-do-futebol-nacional-5x1-no-santos-na-vila/. Acesso em: 20 fev. 2023.

CONTREIRAS, Gilson Francisco Diogo. A utilização das medidas de cumprimento da pandemia Covid-19 e sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social da província de Malanje. **Riesa – Revista Internacional de Educação, Saúde e Ambiente**, s.l., v. 3, n. 2, pp. 18-40, 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. O dia em que a bola parou. **Correio Braziliense**. Acervo. Brasília, 18 mar. 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/superesportes/2020/03/18/interna_superesportes_cb,834983/o-dia-em-que-a-bola-parou.shtml. Acesso em: 2 set. 2021.

CORUMBÁ. **Acordo de Cooperação Técnica**. Prefeitura Municipal de Corumbá, 001/2021, processo 6355/2021, Corumbá, 9 abr. 2021. Disponível em:

<https://do.corumba.ms.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/3994#/p:6/e:3994>. Acesso em: 20 de abr. 2023.

CORUMBÁ. **Campeonato Corumbá de Futebol Amador – Série A**. Prefeitura Municipal de Corumbá, 4 out. 2022. Disponível em:

<https://www.fundacaoesportecorumba.com/programas/2022/2022-amador-serie-a>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CORUMBÁ. **Futebol Amador**: Copa Integração, Série A e Master começam neste final de semana. Prefeitura Municipal de Corumbá, 15 maio 2024. Disponível em:

<https://corumba.ms.gov.br/noticias/futebol-amador-copa-integracao-serie-a-e-master-comecam-neste-final-de-semana>. Acesso em: 19 maio 2024.

CORUMBAENSE F. C. **Estatuto Social, 1982**. Corumbá: editado pelo próprio clube, 1982.

CORUMBAENSE F. C. **Ata de Fundação do Corumbaense Foot Ball Club**. Corumbá: editado pelo próprio clube, 2022.

COSTA, Edgar Aparecido da; DIAS, Ramona Trindade Ramos. Lugar e territorialidades dos bolivianos em Corumbá-MS. **Cadernos de Estudos Culturais**, Brasil/Paraguai/Bolívia, v. 7, n. 14, 2015. ISSN: 2763-888X.

CRESWELL, John. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre 5 abordagens. São Paulo: Penso Editora Ltda., 2014.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o Futebol Brasileiro. *In*: DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982, pp. 19-42.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, pp. 10-17, 1994. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17>.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editores/Anpocs, 2007.

DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. **Um século de futebol no Brasil**: do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1998.

DONKE, André. Fergus Suter: como o túmulo do primeiro jogador profissional da história foi resgatado. **ESPN**, s.l., 7 jan. 2022. Disponível em:

https://www.espn.com.br/blogs/andredonke/798273_fergus-suter-como-o-tumulo-do-primeiro-jogador-profissional-da-historia-foi-resgatado. Acesso em: 22 dez. 2023.

ELIAS, Norbert. **A gênese do desporto**: um problema sociológico. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992, pp. 187-221.

ESPÍNDOLA, Talita Gomes. **Panorama do futebol**: transformações, mercado, gestão e marketing. 61f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp –, Campinas, 2015.

ESPN. Conmebol suspende Libertadores e Sul-Americana pelo menos até 5 de maio. **ESPN**, s.l., 18 mar. 2020. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6778558/conmebol-suspende-libertadores-e-sul-americana-pelomenos-ate-5-de-maio. Acesso em: 10 nov. 2022.

FAGGIANI, Fernanda; LINDERN, Daniele; STREY, Artur Marques; LISBOA, Carolina. O fenômeno do expatriado no contexto esportivo. **Psicologia – Ciência e Profissão**, s.l., v. 36, n. 3, pp. 738-747, set. 2016. DOI: [10.1590/1982-3703001832016](https://doi.org/10.1590/1982-3703001832016). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308794131_O_Fenomeno_do_Expatriado_no_Contexto_Esportivo. Acesso em: 14 set. 2023.

FERNANDÉZ, Martin. Copa do Mundo de 1926 terá 12 grupos com quatro seleções cada e atingirá um total de 104 jogos. **Ge.com**, Kigali, Ruanda, 13 mar. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/03/14/copa-do-mundo-de-2026-tera-quatro-grupos-com-12-times-cada-e-atingira-total-de-104-jogos.ghtml>. Acesso em: 19 fev. 2023.

FERNANDO, Marmol Augusto. *Buenos Aires antiguo – Old Buenos Aires: fútbol 1900-1940*. Buenos Aires: Ediciones del Viajer, 2008.

FERREIRA, Elaise Juliana Santana. **Comparação do nível de escolaridade entre os jogadores profissionais de futebol e futsal do estado de Pernambuco**. 45f. Monografia (Licenciatura de Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2015.

FIFA –Federação Internacional de Futebol Associado. **Filme Oficial da Copa do Mundo Fifa de 1930**, s.l., s.d., Filme (13'). Disponível em: www.fifa.com/fifaplus/pt/watch/3XF3edWbspCLGbpdc1uVM. Acesso em: 20 fev. 2023.

FIGUEIREDO, Nilze Paula; COSTA, Edgar Aparecido; PAULA, Beatriz Lima. Os elementos do espaço turístico da fronteira Brasil-Bolívia. **Raega – O Espaço Geográfico em Análise**, s.l., n. 21, pp. 105-138, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v21i0.17360>.

FLORENTINO, Arlindo. Corumbaense Campeão Sul-Mato-Grossense 1984. A Boa Surpresa. **Revista Placar**, recorte de acervo pessoal do jogador Amaurício dos Santos “Negão”, s.l., 28 dez. 1984.

FLORENZANO, José Paulo. **Futebol e racismo: o mito da democracia racial em campo**. São Paulo: Futebol e Cultura – Instituto Goethe, 2012, pp. 1-4.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. 101f. Dissertação (Mestrado em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Futebol e imigração: os imigrantes e seus descendentes representados nas seleções nacionais europeias. **Travessia – Revista do Migrante**, s.l., n. 85, pp. 101-114, 2019. DOI: <https://doi.org/10.48213/travessia.i85.404>.

FREITAS, Ricardo. Bolívia anuncia fechamento da fronteira com o Brasil e outras medidas contra o coronavírus. **G1 MS**, Campo Grande, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/03/18/bolivia-anuncia-fechamento-da-fronteira-com-o-brasil-e-outras-medidas-contr-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2022.

GAERTNER, Livia Galharte. Corumbaense Futebol Clube bicampeão sul-mato-grossense 2017. **Revista Prisma**, Corumbá, jun. 2017. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/58648357/revista-prisma-junho-2017-web>. Acesso em: 12 mar. 2023.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 2ª ed. atual. Porto Alegre: LP&M, 2019.

GASPAR, Vinicius Nogueira. As implicações das abordagens pedagógicas na formação de jogadores de futebol. **RBFF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 3, n. 10, jan./dez. 2011.

GASTIN, Vinicius. CBF apresenta novo modelo de classificação para a Copa do Brasil. **A Voz da Serra**, Rio de Janeiro, 28 dez. 2022. Disponível em: <https://avozdaserra.com.br/noticias/cbf-apresenta-novo-modelo-de-classificacao-para-copa-do-brasil>. Acesso em: 23 abr. 2023

GE – GLOBO ESPORTE. Novo Mundial de Clubes da Fifa será remarcado para junho de 2022, diz jornal. **GloboEsporte.com**, Zurique, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/mundial-de-clubes/noticia/novo-mundial-de-clubes-da-fifa-sera-remarcado-para-junho-de-2022-diz-jornal.ghtml>. Acesso em: 21 fev. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Gilson. O drama do “futebol-arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 9, n. 25, pp. 100-109, jun. 1994.

GOLIN, Carlo Henrique. **Educação Física escolar na fronteira Brasil-Bolívia**: desafios e dilemas interculturais. 265f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

GOLIN, Carlo Henrique; RIZZO, Deyvid Tenner Souza; SCAGLIA, Alcides José. Identidade e predileção por times de futebol entre alunos de uma escola fronteiriça (Brasil-Bolívia). **Eccos–Revista Científica**, s.l., n. 61, p. e21748, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n61.21748>.

GUITARRARA, Paloma. Migração. **Brasil Escola**, s.l., s.d. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/geografia/tipos-migracao.htm>. Acesso em: 11 fev. 2024.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Campinas: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, pp. 147-165, 1999.

HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Corumbá**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama>. Acesso em: 2 set. 2023.

JACOBS, Claudia Silva; DUARTE, Fernando. **Futebol exportação**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

KLEIN, Marco Aurelio; AUDININO, Sergio Alfredo. **O almanaque do futebol brasileiro**. São Paulo: Escala, 1998.

LEAL, Júlio Cesar. **Futebol-arte e ofício**: histórico, sistemas, táticas, técnicas, planejamento. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2000.

LEME, Clodoaldo Gonçalves. **O futebol como estratégia de ascensão na sociedade de risco**: o atleta “sem clube” e sua identidade. 257f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

LEVINE, Robert. O caso do futebol brasileiro. *In*: WITTER, José Sebastião. (Org.). **Futebol e cultura**. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LIMA, Wesley. Clubes de Mato Grosso do Sul que já disputaram o Brasileirão. **Duna Press**, s.l., 4 mar. 2020. Disponível em: <https://dunapress.com/2020/03/04/clubes-do-mato-grosso-do-sul-que-ja-disputaram-o-brasileirao/>. Acesso em: 9 jun. 2023.

LOBO, Felipe. Quais brasileiros atuam em clubes dos vizinhos sul-americanos atualmente? **Trivela**, s.l., 28 fev. 2023. Disponível em: <https://trivela.com.br/america-do-sul/quais-brasileiros-atuam-em-clubes-dos-vizinhos-sul-americanos-atualmente-vale-conferir-o-video-do-sudaca-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. *In*: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre. (Orgs.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora Unicamp, 2004, pp. 121-163.

MACHADO, Lia Osorio. Limites, fronteiras, redes. *In*: STROHAECKER, Telmo Roberto; DAMIANI, Anelisa; SCHÄFFER, Neiva. (Orgs.). **Fronteiras e espaço global**. 1.^a ed., v. 1. Porto Alegre: AGB, 1998, pp. 41-49.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. O apito inicial: a institucionalização do futebol no Brasil e na Argentina. *In*: SCHITTINO, Renata; CORDEIRO, Janaína. (Orgs.). **Caminhos da**

História Política – Os 20 anos do NEC-UFF. 1ª ed. Niterói: PPGHistória-UFF, 2016, pp. 15-36.

MAGUIRE, Joseph. “Política” o “Ética”: *deporte, globalización, migración y políticas nacionales*. **Lecturas –Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 12, v. 111, ago. 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd111/deporte-globalizacion-migracion-y-politicas-nacionales.htm> - google_vignette. Acesso em: 14 fev. 2023.

MARTINEZ, Victor Matheus Lopes. Impactos da pandemia da Covid-19 em um clube da segunda divisão gaúcha de futebol. **Praxia – Revista On-line de Educação Física da UEG**, Goiânia, v. 3, pp. e2021004-e2021004, 2021.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

MASKE, Jéssica Borges; RAPOSO, Luís Guilherme Rangel; DIEHL, Carlos Alberto. Impacto da pandemia Covid-19 na eficiência econômica dos maiores clubes do futebol brasileiro. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS – ABC, 29, 2022, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Brasileira de Custos, 2022.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

MEDEIROS, Gesiane. Sub-19 do Corumbaense é classificado para a Copa São Paulo de Juniores. **Capital do Pantanal**, Corumbá, 24 jul. 2017. Disponível em: <https://www.capitaldopantanal.com.br/geral/sub-19-do-corumbaense-e-classificado-para-a-copa-sao-paulo-de-juniores/523648/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MELLO, Daniel Araújo Albuquerque e. **O futebol nordestino e as redes sociais**: uma análise de conteúdo do Clube Náutico Capibaribe sob a ótica do marketing esportivo. 38f. Monografia (Bacharel do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Comunicação Social Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

MELLO, Sérgio. **História do Futebol –Fotos Raras, de 1923**: Corumbaense Futebol Clube – Corumbá (MS). S.l., n.p., 27 abr. 2017. Disponível em: https://historiadofutebol.com/blog/?p=106060%20https://www.campeosdofutebol.com.br/mato_grosso_sul_historia.html. Acesso em: 15 fev. 2023.

MELO, Manoel Luis; NUNES, Tamires Fernanda Barbosa; RODRIGUES, Alejandro Martins. Importância das escolinhas de futebol na formação do jovem atleta em Campina Grande-PB. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, s.l., v. 2, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/4226>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?! *In*: CARRANO, Paulo César Rodrigues. (Org.). **Futebol**: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MILLS, John Robert. **Charles Miller com a equipe do São Paulo Athletic Club**. São Paulo, Museu do Futebol, Fotografia P&B, 1905. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/538245/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MINAKAWA, Jeruza dos Santos Santiago; VIEIRA, Hewerton Valdir Teodoro; MENDES, José Marcio Soares; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. Imigrantes nas universidades Brasil (Corumbá)/Bolívia (Puerto Quijarro): interação entre alunos brasileiros e bolivianos. *In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FRONTEIRIÇOS*, 5, 2015, Corumbá-MS. **Anais...** Campo Grande: Editora da UFMS, 2015, pp. 1-13.

MORAES, Ivan Furegato; BASTOS, Flávia da Cunha; CARVALHO, Maria José. Formação de jogadores de futebol: processo histórico e bases para a evolução no Brasil. **Podium Sport, Leisureand Tourism Review**, s.l., v. 5, n. 2, pp. 148-163, 2016.

MORATO, Silvana Fátima Boni. O futebol: história do esporte e presença na educação física escolar. **Revista Primeira Evolução**, São Paulo, v. 1, n. 19, pp. 75-79, 2021.

MOURA, Diogo Lino; DIAS, Ana; TORRES, Joana Pinheiro; CORDEIRO, Carlos Robalo. Pandemia Covid-19 e impacto no desporto. **Medicina Desportiva Informa**, Lisboa, v. 11, n. 3, pp. 26-33, 2020. DOI: https://doi.org/10.23911/pandemia_2020_05.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**. (Coleção para Entender). São Paulo: Saraiva, 2012.

NACIONES UNIDAS. **Migración internacional y desarrollo**. Nova York: Sección de Reproducción de las Naciones Unidas, 1997.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos; ASSAF, Roberto. **Seleção brasileira: 1914-2006**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2006.

NASCIMENTO, Antonio Rodrigues do. **Futebol e relação de consumo**. Barueri: Manole, 2013.

NASCIMENTO, Diego Ramos do; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Futebol e migração: a perspectiva dos treinadores brasileiros no exterior. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, 2019.

NASCIMENTO, Diego Ramos do; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos; PALMA, Alexandre; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Migração no futebol brasileiro: a experiência de jogadores cariocas. **Lecturas – Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 25, n. 271, dez. 2020. ISSN-e: 1514-3465. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/2378>. Acesso em: 21 ago. 2023.

NASCIMENTO, Joilson Nunes. **Futebol na década de 1980: a conquista do Campeonato Sul Mato-Grossense de Futebol pelo Corumbaense Futebol Clube – CFC**. 42f. Monografia (Licenciatura) – Curso de Educação Física – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Corumbá, 2015. Disponível em: <https://cpan.ufms.br/files/2017/04/JOILSON-NUNES.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

NERIS, Gabriel; FERNANDES, Adriano. Operário vence por 1 a 0 e põe fim a jejum de 20 anos sem título. **Campo Grande News**, Campo Grande, 8 abr. 2018. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/esportes/operario-vence-por-1-a-0-e-poe-fim-a-jejum-de-20-anos-sem-titulo>. Acesso em: 16 jan. 2023.

NETO, Thiago Oliveira; GARCIA, Tatiana de Souza Leite; SPINUSSI, Eduardo. Pandemia de Covid-19, as fronteiras pelo mundo e o transporte aéreo na Itália. **Confins**, Paris, v. 1, pp. 1-12, 2020.

NOGUEIRA, Cláudio José Gomes. **Educação Física na sala de aula**. 3ª ed. Campinas: Sprint Autores Associados, 1995.

NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini; BÓGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, pp. 44-57, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300006>.

NOLASCO, Carlos. **Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português**. 375f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

NUNES, Matheus. 26 dias para a Copa do Mundo: 26 anos é a idade ideal para brilhar e ser campeão do torneio? **90 Min**, São Paulo, 25 out. 2022. Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/26-dias-para-a-copa-do-mundo-26-anos-e-a-idade-ideal-para-brilhar-e-ser-campeao-do-torneio>. Acesso em: 14 abr. 2024

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. O ambiente fronteiroço: traços intangíveis e realidades sinuosas. **Revista GeoPantanal**, UFMS, Câmpus Pantanal, Corumbá, v. 11, n. 21, 2016.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de; LOIO, Joanna Amorim de Melo. Migração internacional pendular em fronteira: em busca de qualificações espaciais. **Revista Videre**, s.l., v. 11, n. 21, pp. 54-67, 2019. DOI: <https://doi.org/10.30612/videre.v11i21.9069>.

OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. O público e o privado na educação de Mato Grosso do Sul. In: SENNA, Ester. (Org.). **Política educacional de Mato Grosso do Sul na trajetória das Políticas Sociais: análise e diagnóstico (1980-1990)**. Campo Grande: UFMS, 2000.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Uma fronteira nas malhas da rebeldia e da criatividade. **Cadernos de Estudos Culturais**, Brasil/Paraguai/Bolívia, v. 7, n. 14, 2015. ISSN: 2763-888X.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2007.

PATEL, Neil. Quanto ganha um jogador de futebol: confira os salários. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 1.º nov. 2023. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/esportes/quanto-ganha-um-jogador-de-futebol/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

PAULA, Hyago de. Os desafios do futebol amador em Belo Horizonte. **Vavel Brazil**, Belo Horizonte, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://www.vavel.com/br/futebol/2016/11/30/726730-os-desafios-do-futebol-amador-em-belo-horizonte.html>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PLATAFORMA BETS. **Conheça a história da divisão do futebol profissional na Bolívia**. S.l., 4 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bets.com.br/artigos/conheca-a-historia-da-division-profesional-bolivia>. Acesso em: 28 dez. 2023.

POLI, Raffele; RAVENEL, Loïc; BESSON, Roger. *Global study of football expatriates (2017-2023)*. **Cies Football Observatory Monthly Report**. Neuchâtel, Suíça, maio 2023. Disponível em: <https://football-observatory.com/MonthlyReport85>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1998.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp – Instituto de Economia, v. 1, 2000, p. 272.

PROTA, Luiz. O peso da covid-19 em atletas de alto rendimento. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, jul. 2021. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/o-peso-da-covid-19-em-atletas-de-alto-rendimento/>. Acesso em: 15 nov.2022.

RAFAEL, Hélder. **Almanaque do futebol sul-mato-grossense**. Campo Grande: Edição do Autor, 2017.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMOS, Miguel Glaser. **SC Rio Grande – Centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: Editora da Furg, 2000.

REGIS, Ronald. Rival do Aquidauanense pode voltar aos gramados em 2022. **O Pantaneiro**, Aquidauana, 23 jul. 2022. Disponível em: <https://www.opantaneiro.com.br/esportes/grande-rival-do-aquidauanense-corumbaense-futebol-clube-pode-voltar/184369/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

REGIS, Ronald. Portuguesa conquista o título do sul-mato-grossense série B em 2023. **O Pantaneiro**, Aquidauana, 11 dez. 2023. Disponível em: <https://www.opantaneiro.com.br/esportes/portuguesa-conquista-o-titulo-do-sul-mato-grossense-da-serie-b-2023/209605/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

REIS, Rômulo Meira; NETO, Silvestre Cirilo dos Santos; LOSSO, Pedro Ramos; COSTA, Lamartine Pereira da; TELLES, Silvio de Cássio Costa. O uso dos estádios de futebol durante a pandemia da Covid-19. **Lecturas – Educación Física Y Deportes**, Buenos Aires, v. 26, n. 276, maio 2021. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/2511/1393>. Acesso em: 14 fev. 2023.

REZER, Ricardo; SAAD, Michel Angillo. **Futebol e Futsal – Possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas**. Chapecó: Editora Argos – Unochapecó, 2005.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; BARTHOLO, Tiago Lisboa; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz – Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, n. 2, pp. 252-263, abr./jun. 2011.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional**: (1997-2002). 200f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 345f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROSSI, Jones; JÚNIOR, Leonardo Mendes. **Guia politicamente incorreto do futebol**. Lisboa: Editora LeYa, 2014.

SANTOS, Altair Renato dos; EUGÊNIO, João Francisco; SOUZA, Ricardo Arruda; LIBERALI, Rafaela; ALMEIDA, Roberto de. A influência familiar em atletas de categoria de base no futebol. **RBFF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 3, n. 8, 11 fev. 2012. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/83>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SANTOS, Rodrigo dos. **Futebol e sua história**: possibilidade de efetivação da proposta crítico superadora. 11f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc –, Criciúma, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCAGLIA, Alcides José. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Motriz – Revista de Educação Física**, s.l., v. 2, n. 1, pp. 36-42, 1996. DOI: <https://doi.org/10.5016/6513>.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SILVA, Joanna Lessa Fontes. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. 138f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3.^a ed. rev. e atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Sidney Barbosa da. História do futebol sul-mato-grossense. **Campeões do Futebol**, s.l., 5 mar. 2021a. Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/mato_grosso_sul_historia.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

SILVA, Sidney Barbosa da. História do futebol boliviano. **Campeões do Futebol**, s.l., 23 jan. 2021b. Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/bolivia_historia.html. Acesso em: 25 out. 2023.

SILVA, Sidney Barbosa da. História do futebol boliviano. **Campeões do Futebol**, s.l., 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/bolivia.html>. Acesso em: 30 dez. 2023.

SILVA, Marco Antônio Gomes; COUTO, Thiago Terencio Meireles; LUZ, Amabylli Mikaelle Costa. Os impactos da Covid-19 em atletas de futebol: revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Health Review**, s.l., v. 6, n. 3, pp. 10.804-10.812, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n3-189>.

SOMOGGI, Amir. Pandemia afundou finanças dos clubes brasileiros, déficits em 2020 foram de R\$1,03 bilhão e dívidas passaram de R\$ 10 bilhões. **Sports Value Consultoria**, São Paulo, 3 maio 2021. Disponível em: <https://www.sportsvalue.com.br/pandemia-afundou-financas-dos-clubes-brasileiros-deficits-em-2020-foram-de-r-103-bilhao-e-dividas-de-r-10-bilhoes/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

SOUZA, Adriano Lopes de; PRIMO, César Pimentel Figueiredo; SANTOS, Rafaela Gomes dos; CONCEIÇÃO, Silvano da; SOUZA, Adrielle Lopes de. Análise do futebol no Brasil como um fenômeno sociocultural. **Lecturas – Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 16, v. 159, 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd159/futebol-como-um-fenomeno-sociocultural.htm>. Acesso em: 2 set. 2021.

SOUZA, Carlos Alberto Gil de. **A atividade de relações públicas no futebol brasileiro**. 109f. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, Gabrieli Muller de; SOUSA, Marcio Severo de; NASCIMENTO, Elan Diego Oliveira; PERES, Isabelly Ibiapino; SCHOTTEN, Paulo Cesar. **SAF como novo modelo de gestão do futebol**: estudo do investimento no futebol brasileiro. 21f. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Nova Andradina, 2022.

SOUZA, Guilherme Lopes de; VIRGÍNIA, Jéssica; KISTER, Silas; MENDES, André; FIDELIS, Mauricio; TAVARES, Sergio Ferreira. A indústria cultural na formação do jogador profissional de futebol brasileiro. **EFDeportes.com – Revista Digital**, Buenos Aires, ano 15, n. 152, jan. 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd152/formacao-do-jogador-profissional-de-futebol-brasileiro.htm>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SOUZA, Renan Ferreira de. **O futebol brasileiro**: da elite para cultura de massa – Reflexões sobre a formação da identidade nacional. 55f. Monografia (Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

SOUZA, Ronivon Carlos Santos de; ANDRADE, Juliana Alves Miranda. Lesões na prática do futebol amador. **Renef – Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, Edição Especial EAD Educação Física, s.l., v. 5, n. 5, pp. 192-201, 2022. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/5419>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SOUCHAUD, Sylvain; FUSCO, Wilson. **Documentação da pesquisa “Espaços migratórios e redes sociais da migração boliviana no Brasil: Corumbá e São Paulo”**. Brasília, 2007. (Manuel d'enquête).

SUDACA BRASIL. **Quem são os brasileiros que atuam na América do Sul**. Vídeo (11'02”), s.l., 25 fev. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UyHXkcKl_kY. Acesso em: 20 jul. 2023.

TAVARES, Elaine; PIMENTA, Roberto da Costa; BALASSIANO, Moisés. Carreira sem fronteiras: o exemplo da carreira no futebol. **Revista Adm. Made**, s.l., ano 10, v. 14, n. 2, pp. 57-74, maio/set. 2010.

TEOLDO, Israel; GARGANTA, Julio; GUILHERME, José. **Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2015.

TERTULIANO, Ivan Wallan; MACHADO, Afonso Antonio; DEUTSCH, Silvia; MONTIEL, José Maria; BARTHOLOMEU, Daniel. Motivos e intenções para expatriação de voleibolistas. **Revista de Administração Contemporânea**, s.l., v. 22, n. 4, pp. 531-551, jul./ago. 2018.

TOFANI, Isabelle. A estrutura piramidal de gestão do esporte. **Plataforma Sporti**, Belo Horizonte, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://plataforma.sporti.com.br/noticias/2019-7-a-estrutura-piramidal-no-esporte>. Acesso em: 17 jan. 2023.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)**. 432f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TONINI, Marcel Diego. “Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro”: reflexões sobre a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a partir de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio. **Esporte e Sociedade**, s.l., v. 8, n. 21, pp. 1-28, mar. 2013.

TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no sistema Fifa e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, pp. 609-632, 2019.

TREVISAN, Márcio. **A história do futebol para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2019.

UOL. Futebol brasileiro paralisado em meio à pandemia de coronavírus. **UOL Notícias**, s.l., 13 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/03/13/futebol-europeu-paralisado-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus.htm>. Acesso em: 20 out. 2021.

VARGAS, Lilia; MALDONADO, Gabriela. **Guia para apresentação de trabalhos científicos**. 3ª ed. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA/UFRGS, 2001.

VEROTTI, Angelo. Futebol: clubes de elite recuperam finanças após choque da pandemia. **Revista Isto É**, São Paulo, 7 maio 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/futebol-clubes-de-elite-recuperam-financas-apos-choque-da-pandemia/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

VIDMANTAS, Rogério. Corumbaense bate o ASA e enfrenta o Vitória-BA na Copa do Brasil. **Capital News**, Campo Grande, 8 fev. 2018. Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/esporte/corumbaense-bate-asa-e-enfrenta-o-vitoria-ba-na-copa-do-brasil/313793>. Acesso em: 18 jan. 2023.

VIDMANTAS, Rogério. TJD recusa pedido e mantém Corumbaense e Maracaju fora do Estadual. **Capital News**, Campo Grande, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/esporte/tjd-recusa-pedido-e-mantem-corumbaense-e-maracaju-fora-do-estadual/360076>. Acesso em: 20 fev. 2023.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, pp. 203-220, 2014.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. *In*: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. (Orgs.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, pp. 75-115.

WORLD FOOTBALL SUMMIT. *The African Football Industry and its Main Challenges*. **SPSG Consulting**, World Football Summit (WFS), s.l., nov. 2020. Disponível em: <https://worldfootballsummit.com/wp-content/uploads/2020/12/Report-Africa-20-16dic20-FINAL.pdf>. Acesso em: 3 out. 2021.

YOUNG, Robert James Craig. *Postcolonialism: an historical introduction*. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2016.

YUNES, Alle. Há 40 anos o Corumbaense FC iniciava no futebol profissional com o título estadual. **Correio de Corumbá**, Corumbá, 10 nov. 2022. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20221111013641/http://www.correiodecorumba.com.br/index.php?s=artigo&id=283>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ZAT, Ancilla Dall'Onder; TRICHES, Vinícius. Interfaces e dissensões na origem e desenvolvimento do Futebol na América do Sul: o esporte bretão em terras argentinas e brasileiras. **RBFF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 11, n. 46, pp. 587-596, 2019.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada: **“O MOVIMENTO MIGRATÓRIO SAZONAL DOS ATLETAS DE FUTEBOL PROFISSIONAL NA REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL-BOLÍVIA”**. O estudo está sob a responsabilidade do pesquisador **OSVALDO GONÇALVES JÚNIOR**, aluno do curso de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAN) e supervisão do pesquisador Carlo Henrique Golin (UFMS/CPAN).

A finalidade deste estudo é compreender a dinâmica dos movimentos migratórios sazonais entre os atletas profissionais de futebol do Corumbaense Futebol Clube (CFC) na região fronteiriça Brasil-Bolívia, bem como observar o momento pandêmico na vida profissional desses atletas. Considerando especialmente os sujeitos que moram no Brasil; investigar e analisar quais fatores levam os atletas de futebol profissional do CFC que atuaram na cidade de Corumbá-MS (Brasil) a buscarem alternativas de trabalho na Bolívia como uma complementação de renda e preenchimento do calendário anual em atividades futebolísticas, para em seguida desenvolver uma dissertação de mestrado.

O convite para sua participação se deve à sua ação enquanto atleta do CFC, fronteiriço que reside em Corumbá-MS, possui nacionalidade brasileira, maior de 18 anos, assim sendo, sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma.

Rubrica: Participante _____ *Pesquisador:* _____

A remuneração de sujeitos de pesquisa regulamentada pelas normas éticas que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos estabelecem que é proibido pagar as pessoas que são voluntárias de uma pesquisa.

No entanto, em caso de gastos decorrentes de sua participação na pesquisa, com alimentação e transporte, será ressarcido. Em caso de eventuais danos decorrentes de sua participação na pesquisa, você será indenizado.

Contudo, sua participação é muito importante para a execução da pesquisa. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Para a realização da entrevista iremos até residência do participante, ou onde melhor lhe convier, para o seu maior conforto, sendo que os entrevistados serão comunicados com antecedência do dia e o horário para realização da entrevista por meio de aviso no aplicativo de *Whatsapp* e confirmação telefônica. O tempo total da entrevista será de aproximadamente 15 minutos. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores do estudo. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos cinco anos, conforme Resolução CNS no 466/2012 e que terá acesso ao relatório final, contendo todos os seus resultados, como determina a Resolução 510/2016, visto que, os dados obtidos servirão exclusivamente a finalidade prevista ou conforme consentimento do participante.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é de auxiliar em futuros debates acerca do movimento migratório através do atleta de futebol, considerando aqueles que moram na Brasil, atuaram profissionalmente pelo CFC e apresentam características sazonais.

Rubrica: *Participante* _____ *Pesquisador:* _____

O participante tem direito de acessar resultados da pesquisa e também de obter possíveis benefícios descobertos ao longo da pesquisa. A divulgação da pesquisa finalizada poderá ser acessada na página do Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços – Câmpus Pantanal (portal de Repositório de Dissertações).

Durante a realização da pesquisa poderá ocorrer alguns riscos potenciais, entre eles, o risco da quebra de sigilo dos dados coletados, invasão de privacidade ou o risco de um eventual cansaço ou aborrecimento decorrente aos procedimentos das respostas da entrevista e/ou questionário, para minimizar os riscos garantiremos um local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; sigilo e confidencialidade das informações, a identidade dos participantes está isenta de obrigatoriedade; intervalo para descanso caso o participante se sinta cansado.

O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é redigido em duas vias, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador responsável.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Rubrica: *Participante* _____ *Pesquisador:* _____

Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços/Cpan

Rua Domingos Sahib, 99 – Bairro Cervejaria – CEP: 79300-730 – Corumbá-MS – Brasil.

E-mail: ppgef.ufms@gmail.com - <https://ppgefcpn.ufms.br/>

Caso aconteça algo errado, nos procure pelo telefone (6599976-5833) – ou e-mail: (osvagjr@hotmail.com). Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e na dissertação.

Contato:

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) -
Endereço: Cidade Universitária - Campo Grande - Bairro: Caixa Postal 549 - CEP: 79.070-110 - UF: MS - Município: Campo Grande - Telefone: (67)3345-7187 - E-mail: cepconeppropp@ufms.br

Nome do pesquisador responsável: **Oswaldo Gonçalves Júnior**

Endereço: **Rua Ceará, n.º 2702, Bairro Nova Corumbá, Corumbá (MS)**

Fone: **(67) 99976-5833**

E-mail: osvagjr@hotmail.com

() aceito a gravação da entrevista () não aceito a gravação da entrevista

Oswaldo Gonçalves Júnior (pesquisador)

Nome e assinatura (participante)

Corumbá-MS, ____ de _____ de 2024

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Codificação: _____

Bloco I – Perfil do Atleta Profissional

1. Idade:
 de 18 a 20 anos 40 a 49 anos
 de 21 a 29 anos 50 a 59 anos
 de 30 a 39 anos mais de 60 anos

2. Mora em qual cidade brasileira de MS na região fronteira Brasil-Bolívia?
 Corumbá Ladário

3. Qual sua escolaridade?
 Ensino Fundamental Ensino Médio Superior incompleto
 Superior completo Pós-Graduação incompleta
 Pós-Graduação completa

4. Tem dupla nacionalidade?
 Sim Não

Bloco II – Envolvimento do Atleta Profissional

1. Quantos anos você atuou profissionalmente pelo CFC?

2. Enquanto jogador do CFC, como você se tornou consciente da oportunidade de jogar futebol em equipes amadoras na Bolívia?

3. Quais são os principais motivos pelos quais você escolheu jogar futebol em equipes amadoras na Bolívia em vez de outras opções disponíveis?

4. Como você foi convidado a jogar em equipe amadora na Bolívia?

5. Qual fator foi relevante para que você aceitasse o convite de jogar na Bolívia?
6. Como você avalia a qualidade do futebol jogado no CFC em comparação com as equipes amadoras na Bolívia?
7. Quais foram os maiores desafios que você enfrentou ao jogar futebol em equipes amadoras na Bolívia?
8. Como você se adaptou ao estilo de jogo e cultura das equipes amadoras bolivianas enquanto jogava lá?

Bloco III – A carreira do atleta profissional e o contexto fronteiriço

1. Qual é o impacto do dinheiro adicional que você ganha jogando em equipes amadoras na Bolívia em sua vida e carreira no Brasil?
2. Qual dos países é mais rentável, no Brasil ou na Bolívia?
3. Porque você procurou complementar a renda em outro país?
4. Como você acredita que essa experiência jogando em equipes amadoras na Bolívia pode ajudá-lo a desenvolver sua carreira no futebol no futuro?
5. Você acredita que o movimento migratório de jogadores do CFC para equipes amadoras na Bolívia é uma tendência crescente? Por quê?
6. Enquanto atleta profissional do CFC poderia nos relatar quais pontos positivos e/ou negativos você vê nesse movimento migratório para atuar em equipes amadoras na Bolívia?
7. Além de jogar futebol profissionalmente existia outra fonte de renda fora do contexto futebolístico?

8. O que você acha que deveria fazer para continuar atuando profissionalmente?

9. No momento pandêmico da Covid-19, a fronteira Brasil Bolívia esteve fechada por um grande período, causando uma interrupção nesse fluxo migratório. Qual o impacto desse cenário pra você?

APÊNDICE C – QUADROS DE TRANSCRIÇÕES

Quadro 2 – O envolvimento dos jogadores profissionais de futebol do CFC na região
fronteira Brasil-Bolívia

Descrição	Respostas
Atleta 1	<p>“Foram 8 anos de clube [...] Eu jogava aqui [Brasil] o Estadual em MS e saia para jogar o segundo semestre fora da cidade.”</p> <p>“Através dos próprios dirigentes das equipes amadoras de lá [Bolívia] [...] Eles [bolivianos] divulgavam aqui [Brasil] [...]”</p> <p>“Um dos motivos é o recurso financeiro [...] Quero dizer, realmente fazia muita diferença na época [...] Além disso, muitos atletas acabavam arrumando emprego na Bolívia.”</p> <p>“Um colega meu que jogava lá [Bolívia] [...] Ele jogou profissionalmente comigo e me fez o convite quando eu estava de férias aqui [Brasil] [...] Eu aceitei, a gente pegava aquilo como uma oportunidade de ganhar um algo a mais para ajudar.”</p> <p>“A parte financeira foi a mais relevante pra que eu aceitasse o convite de jogar na Bolívia [...] No meu caso eu só recebia pelos jogos mesmo.”</p>
Atleta 2	<p style="text-align: center;">“Foram 6 anos de clube.”</p> <p>“Eles [bolivianos] donos das equipes de lá [Bolívia] sempre estavam por aqui [Brasil] e nos falavam dessa possibilidade [...]”</p> <p>“Tudo questão de calendário e a parte financeira também [...] A gente sair daqui de Corumbá, pra gente jogar lá [Bolívia], eles [bolivianos] sempre oferecem alguma coisa, alguns favores [...]. Muitos lá são empresários de algum ramo [...] Sempre ajudam a gente de alguma forma.”</p> <p>“É que eles [bolivianos] acompanham muito a gente aqui [Brasil / Corumbá-MS] [...] Como é cidade de fronteira, o fluxo é grande deles entrando aqui [...] A gente jogava no amador do Roseiral também, que é perto da Fronteira [...] Eles paravam o carro ali, ficavam assistindo, olhavam o jogador e depois vinha atrás [...]”</p> <p>“Financeiramente [...] Sem dívida a parte financeira é o principal motivo.”</p>

<p>Atleta 3</p>	<p>“4 anos de clube.”</p> <p>“A gente jogava aqui [Brasil], o pessoal [boliviano] falavam da oportunidade da gente ir para lá [Bolívia].”</p> <p>“[...] Querendo ou não, é outra porta que se abre [...] É outro país, outra visibilidade que poderia abrir mais portas e, nisso, a gente trabalhava para poder ver se conseguia abrir essas portas para lá [Bolívia].”</p> <p>“As pessoas iam assistir jogo aqui [Brasil] no sub-19 [...] Tinha um rapaz boliviano que tem um mini shopping lá [Bolívia] [...] Ele me chamou para conversar e ofereceu um dinheiro e gasolina pra ir lá [Bolívia] e jogar no time dele [...] Ele é o dono da equipe lá na Bolívia.”</p> <p>“O dinheiro, principalmente [...] Uma outra oportunidade que eu achei que poderia fluir lá [Bolívia].”</p>
<p>Atleta 4</p>	<p>“Cerca de 12 anos”</p> <p>“É que a gente tinha um time aqui na cidade [Corumbá-MS] com muitos jogadores que jogavam futebol profissional e amador lá [Bolívia] [...] Então eles nos falavam que lá era bom [...]”</p> <p>“O fator muito bom é o financeiro [...] Eles [bolivianos] pagam muito bem pra gente jogar futebol amador lá em Puerto Suárez.”</p> <p>“Houve o convite de um amigo meu que queria fazer um time lá [Bolívia] [...] E a gente era muito conhecido aqui na cidade [Corumbá-MS] [...] A gente joga com jogadores que jogaram na seleção boliviana que hoje são aposentados, mas ainda estão atuando no futebol.”</p> <p>“O dinheiro principalmente [...] É um campeonato bem amador [...] Posso dizer que eles [bolivianos] investem muito.”</p>

<p>Atleta 5</p>	<p>“2 anos [...] Porque o campeonato aqui em Mato Grosso do Sul não tem tanto calendário [...] Praticamente eram três, quatro cinco meses, depois a gente tinha que ir para outros clubes [...] No outro ano, retornava de novo [...] Devido a isso, foi tudo intercalado.”</p> <p>“Como é cidade fronteira, vem vários dirigentes do amador da Bolívia e falam por aqui [Brasil] [...]”</p> <p>“Foi mais a parte financeira, ajuda bastante [...] Você pega final de semana [...] Também era uma porta de entrada [...] Talvez para jogar o profissional lá [Bolívia] também.”</p> <p>“Foi de algumas pessoas que já tinham jogado e já tinham me indicado lá [Bolívia] [...] Daí as pessoas vieram e vêm sempre aqui em Corumbá ver os jogos, aí me conheceram melhor e fizeram o convite.”</p> <p>“Calendário ruim daqui [Brasil] Foi o movimento da cidade lá [Bolívia], [...] E financeiramente, foram esses dois lados aí.”</p>
<p>Atleta 6</p>	<p>“2 temporadas apenas”</p> <p>“Tem uns amigos lá, que é da Bolívia [...] Que joga no time da minha família, aqui em Corumbá e falam do campeonato de lá [...]”</p> <p>“Pela ajuda financeira também [...] Como se fosse um extra, um dinheirinho a mais.”</p> <p>“Na verdade meu tio já jogava lá na Bolívia [...] E ele tinha uns amigos lá e sempre os amigos dele perguntavam se tinha um jogador para levar lá para jogar esse campeonato.”</p> <p>“Ajuda financeira [...] É um dinheirinho a mais pra nós.”</p>

<p>Atleta 7</p>	<p>“1 ano”</p> <p>“Como Corumbá faz divisa com a Bolívia, diversos dirigentes bolivianos que têm time lá [Bolívia] vinham assistir jogos aqui na cidade [Corumbá-MS] [...] Acabava falando dos times amadores lá da Bolívia [...]”</p> <p>“Na minha concepção, lá na Bolívia, eles pagam um extra bom [...] No meu ponto de vista, eles pagavam melhor que aqui na cidade de Corumbá.”</p> <p>“Dirigente de clube, de clube armadores lá da Bolívia mesmo [...] Eles [dirigentes] acabavam vindo para cá [Corumbá-MS] e chamavam os jogadores para jogar os campeonatos para eles, lá [Bolívia].”</p> <p>“Porque eu queria também ver outra situação de jogos pra carreira [...] E também tem o fato financeiro [...]”</p>
<p>Atleta 8</p>	<p>“Foram 8 anos”</p> <p>“Foi mais através deles [bolivianos] Alguns dirigentes que falavam pra nós, dos campeonatos amadores de lá [Bolívia] [...]”</p> <p>“É por causa que lá [Bolívia] os caras [bolivianos] pagam mesmo. Aqui [Corumbá], você fica naquela: se você vai receber, você joga três meses, recebe um, um e meio... Às vezes nem recebe. Lá [Bolívia], você jogou já tá na sua mão [dinheiro] até antes; e, na hora que você liga, os caras estão prontos para te atender também, te ajudar financeiramente, no que você precisa... Então eu preferi não correr risco de sair de casa para ficar passando... Como diz: passando raiva lá [outras equipes no Brasil] Aqui [Bolívia] a gente recebe na hora.”</p> <p>“Tive esse convite através do dono do time lá [Bolívia], que era um padrinho meu.”</p> <p>“Financeiro.”</p>
<p>Atleta 9</p>	<p>“3 anos”</p> <p>“Foi através de um jogador mesmo, que jogou na Bolívia, que é boliviano [...] Morava na minha cidade, lá em Ladário, aí acabou me assistindo aqui [Brasil] e acabou me falando de lá [Bolívia] [...]”</p> <p>“Aqui [Brasil] é um calendário [...] Pouco. Não é muito o ano inteiro [...] Foi por causa mesmo de negócio financeiro [...]”</p> <p>“Foi através de um jogador mesmo, que jogou na Bolívia, que é boliviano.”</p> <p>“A carreira mesmo, de futebol [...] Desde pequeno querendo ser jogador de futebol, fui lá [Bolívia] tentar.”</p>

Atleta 10	<p>“Uma temporada só.”</p> <p>“Foi através de um parceiro que eu já joguei num amador, aqui em Corumbá, e me falou dessa oportunidade de jogar na Bolívia [...]”</p> <p>“Porque foi a única oportunidade que eu tive de jogar, assim, na Bolívia e foi uma experiência muito boa para mim.”</p> <p>“Foi um jogador que já jogou profissionalmente, na Bolívia, e que é meu amigo [...] Me chamou para jogar lá.”</p> <p>“Porque eu tinha acabado de sair do Corumbaense e apareceu essa oportunidade de aproveitar o calendário e eu acabei indo para a Bolívia.”</p>
Atleta 11	<p>“Foram uns 7 anos”</p> <p>“Dirigente boliviano que falava por aqui [Brasil] [...] Sobre a possibilidade de jogar lá [Bolívia].”</p> <p>“Me ofereceram dinheiro semanal, aí eu resolvi jogar lá [Bolívia] [...] Eu resolvia jogar final de semana lá para ter um dinheiro extra [...]”</p> <p>“Foi o próprio dono da equipe, lá da Bolívia.”</p> <p>“Porque os caras [bolivianos] dão mais atenção lá [Bolívia] [...] Devido também ao dinheiro, esse que foi o fator de eu poder ir para lá.”</p>
Atleta 12	<p>“2 anos. Entrou a pandemia, então foi uns dois anos e meio [...]”</p> <p>“Antes mesmo de eu me profissionalizar no Corumbaense, eu já sabia dessa possibilidade de jogar lá na Bolívia, porque, jogando pelos amadores aqui, um amigo meu falou comigo “Tem um jogo lá na Bolívia, vamos lá [...]” Aí eu fui com ele pra ver [...]”</p> <p>“Num primeiro, eu vi que o futebol de lá [...] era totalmente diferente que o daqui [Brasil] [...] Por vontade de ficar por lá.”</p> <p>“Através de um amigo. No começo, foi porque eu tinha uma namorada na Bolívia [...] E o padrinho dela uma vez perguntou pra mim se eu queria jogar [...] Joguei, já tem cinco anos [...]”</p> <p>“Eu acho que ali [Bolívia] ajuda nosso calendário daqui [Brasil] Além disso é um povo apegado no futebol [...] Então, quando eu ia pro campo, via aquele monte de gente e daí eu falava ‘São apaixonados’ [...]”</p>

Atleta 13	<p>“Eu acredito em uns quatro anos.”</p> <p>“Através de um dirigente [boliviano] que estava sempre nos nossos jogos aqui [Brasil]. Aí nós fomos lá [Bolívia]”</p> <p>“Foi por curiosidade para ver como que era o futebol deles lá [Bolívia] [...]”</p> <p>“Desse empresário que tinha na cidade [Bolívia] [...] Junto com outro colega meu que jogava na equipe do Corumbaense [...]”</p> <p>“Questão financeira [...] Foi um fator extra que ele ficou de dar pra gente, esse empresário [...]”</p>
Atleta 14	<p>“Em média 5 anos.”</p> <p>“Através dirigente do ramo do futebol amador lá da Bolívia [...]”</p> <p>“Um dos principais foi financeiro [...] A gente jogava um campeonato que é muito curto; e poucas opções aqui [Brasil] [...]”</p> <p>“Foi um amigo meu que jogou comigo uns anos atrás no Corumbaense, aí ele tinha parado antes de mim e começou a jogar amador lá. Foi através dele[...]”</p> <p>“Financeiro e também oportunidade [...] Eu joguei no amador lá na Bolívia e lá, você jogando, dependendo do clube que você jogava lá no amador, você podia até seguir mais pra frente no futebol boliviano [...]”</p>
Atleta 15	<p>“Pelo Corumbaense Futebol Clube, 6 anos.”</p> <p>“Através mesmo do futebol, aqui [Brasil], do estadual [MS]. Os bolivianos de lá divulgavam pra nós [...]”</p> <p>“Benefício [...] Todo jogo dava a quantia para nós extra. Aí é melhor ficar jogando na Bolívia do que esperar o Corumbaense de seis em seis meses [...]”</p> <p>“Eles [bolivianos] dirigentes iam assistir ao campeonato no estádio [Corumbá], aí, depois do jogo, chamava nós para jogar na Bolívia [...]”</p> <p>“Fator principal mesmo foi financeiro [...]”</p>

Fonte: informações coletadas na pesquisa de campo.

Quadro 3 –O desempenho dos futebolistas profissionais do CFC na região fronteira Brasil-Bolívia

Descrição	Respostas
-----------	-----------

<p>Atleta 1</p>	<p>“No profissional, realmente era totalmente diferente [...] O futebol do Corumbaense é profissional e na Bolívia é um amador puro, então dificilmente tem alguma comparação [...]”</p> <p>“O fator de você tá jogando lá [Bolívia] era as entradas bruscas, as divididas, que eram totalmente diferentes do profissional. O amador não tem limite [...] Os próprios árbitros que apitavam lá, muito fraco [...] Então deixava a pancadaria comer solta. Esse realmente era uma situação muito complicada quando eu jogava lá [...]”</p> <p>“Devido a minha característica [...] Jogava de marcador também na época, aí você acaba se igualando com o estilo dos caras [bolivianos] [...] Não tem como você colocar o seu estilo, se você é sozinho no meio de vinte jogadores [...] Então você acaba tentando se igualar, até mesmo para você não perder para eles [bolivianos].”</p>
<p>Atleta 2</p>	<p>“Pela postura deles [bolivianos] dentro de campo [...] Lá [Bolívia] eles usam muito velocidade, transição rápida [...]. Aqui [Brasil] a gente é mais conduzido à técnica, ao toque de bola, com mais calma, com mais tranquilidade [...] Lá usa mais a força, mais a vontade.”</p> <p>“Lá [Bolívia] primeiro era o campo [...] Tipo assim, às vezes aqui [Brasil] a gente pegava uns campos em condições boas até, e lá [Bolívia] já não pega tanto em condições [...] Campo irregular, cheio de buraco, muita terra [...]”</p> <p>“A gente procurava posicionar da melhor maneira possível, de lado, para receber a bola [...] Sabendo já o que vou fazer antes de receber a bola, pensar à frente do adversário, porque senão o contato vinha mesmo [...]”</p>
<p>Atleta 3</p>	<p>“É completamente diferente. É outra realidade, lá [Bolívia] [...]. Até porque eles [bolivianos] procuram jogadores aqui [Brasil], porque lá eles não têm a mesma qualidade que aqui. É questão técnica [...] Eles têm muita raça e técnica, não.”</p> <p>“É que o futebol deles [bolivianos] é completamente diferente, aí acaba que interfere, pelo fato deles não saberem muita regra, deixar o jogo ficar mais truncado e acaba que o jogo fica meio complicado.”</p> <p>“A gente vai se adaptando, conforme o tempo vai passando. E as equipes também [...] Eles [bolivianos] procuram brasileiro, procura pessoal de outras cidades e de outros países também, como Paraguai, ali [Bolívia], que o pessoal sempre chama para o campeonato ficar mais competitivo [...]”</p>

Atleta 4	<p>“Aqui [Brasil] a torcida é muito fanática [...] E aqui é uma sensação única [...] É diferente; a torcida, ela abraça o time. O campeonato deles [bolivianos] não é igual o nosso [...]. No campeonato deles, eles querem um super time, apenas para aquele momento e mais nada [...].”</p> <p>“O maior desafio, que eu passei ali na Bolívia, foi jogar em Cochabamba [...] Me senti muito mal para chegar e jogar lá.”</p> <p>“Foi um período um pouco difícil para adaptar para jogar ali [Bolívia] [...] É um estilo de jogo mais forte. As entradas são mais fortes, entendeu? O jogo é mais solto, não dá qualquer tipo de falta, então, assim, é um jogo muito pegado. A arbitragem, lá [Bolívia], deixa o jogo solto [...] Então os atletas chegam muito firme; é muito pegado, o jogo.”</p>
Atleta 5	<p>“É totalmente diferente aqui [Brasil]. Lá na Bolívia é mais vulnerável, o futebol. Até por isso que, brasileiros que vão lá para jogar o amador [...] Sempre sobressai, porque lá o futebol amador é bem vulnerável, de baixo rendimento [...].”</p> <p>“É o horário [...] Geralmente lá o jogo é meio-dia [...] Acho que foi mais os horários de jogos mesmo.”</p> <p>“Aqui [Corumbá] é uma cidade, praticamente, que é dentro da Bolívia [...] Então, a adaptação foi rápida e tem alguns jogadores lá [Bolívia] também que já jogaram aqui no Brasil [...].”</p>
Atleta 6	<p>“A qualidade na Bolívia é um pouco mais fraca [...] Aqui [Brasil] já é mais exigente.”</p> <p>“Dificuldade zero [...]. A maioria deles [bolivianos] joga no Brasil também [...] Os bolivianos jogam os campeonatos de amadores no Brasil, então, dificuldade não teve, não.”</p> <p>“Tranquilamente. Me adaptei bem.”</p>
Atleta 7	<p>“Eu acho que é muito inferior, o futebol da Bolívia, em comparação a, não só de Corumbá, mas, no Brasil todo. Falo de questão técnica mesmo [...].”</p> <p>“Em Puerto Quijarro foi mais, em questão de organização, em questão técnica [...] O futebol aqui [Brasil] é muito mais técnico [...] Na verdade, o brasileiro nasce com aquele dom de jogar futebol [...] E em La Paz e em Sucre, a dificuldade minha foi a altitude.”</p> <p>“Os primeiros jogos foram difíceis [...] Mas, com o tempo fui me adaptando [...]. O estilo de jogo é totalmente diferente, mas, com o tempo, você vai se adaptando com a equipe [...].”</p>

Atleta 8	<p>“É diferente [...] Porque o futebol lá [Bolívia] não é muito bonito de se ver [...] Como eu vou dizer... taticamente, tecnicamente [...]. Lá é mais correria [...] Os brasileiros fazem sempre a diferença. Teve jogo que eu já fiz seis gols numa partida sem correr, sem nada. Mas, já o futebol do Corumbaense, tem a parte tática, as pessoas que estudam [...]. Estudam para fazer a comissão técnica [...] Agora, na Bolívia, eles sempre buscaram levar os melhores brasileiros para cada time, porque ali faz a diferença contra os outros bolivianos [...].”</p> <p>“O principal desafio lá [Bolívia] é o horário [...] Uma e meia da tarde. E, outra, eles [bolivianos] não tomam água gelada [...] Só tomam água quente, não tem água gelada lá. E a gente que é corumbaense, que é brasileiro, sofre com isso.”</p> <p>“É mais fácil pra gente que é da fronteira [...] A gente já tem um conhecimento, conhece alguns [bolivianos] que moram lá [Bolívia]. Então a gente conhecia eles, porque a gente fazia sempre um feedback, conversava bastante; eles vinham jogar numas equipes amadoras aqui [Brasil] [...].”</p>
Atleta 9	<p>“Não é muito diferente [...] É do jeito que aqui [Brasil]. É um pouco também mais pegado lá [Bolívia], sobre força física [...] Essas coisas né?”</p> <p>“Adaptação de clima [...].”</p> <p>“Me adaptava melhor aqui [Brasil] [...] Característica principal é pra cima dos caras [brasileiros / bolivianos].”</p>
Atleta 10	<p>“Acho que, aqui no Corumbaense, foi um pouquinho mais pegado [...] Mas, na Bolívia, o futebol lá é um pouquinho mais rápido, mais truncado também. Então tem algumas diferenças, sim. Lá, deixa correr mais o jogo [...].”</p> <p>“Lá [Bolívia] é o calor mesmo [...].”</p> <p>“É um pouco difícil [...] Porque eu era o único brasileiro que tinha lá [Bolívia], o resto era tudo espalhado, praticamente, da América do Sul inteira [...] Praticamente eu era o único brasileiro que tinha.”</p>
Atleta 11	<p>“A qualidade da Bolívia não é tão competitiva como aqui no Brasil [...] Mas eu preferi jogar lá por conta da idade mesmo.”</p> <p>“Mais desafiador foi uma final que eu tive lá [Bolívia], o cara ofereceu um dinheiro a mais para mim [...]. Aí eu peguei, dei minha vida praticamente para poder ganhar aquele dinheiro a mais, ser campeão [...].”</p> <p>“Teve uma boa adaptação, porque o povo lá [Bolívia] é mais acolhedor [...] Bem mais acolhedor que o povo brasileiro [...].”</p>

Atleta 12	<p>“O futebol do Corumbaense é totalmente diferente de lá da Bolívia [...] Aqui [Brasil] o futebol um pouco mais técnico, lá mais pegado [...].”</p> <p>“Então, tipo assim, foi desafiador no começo, mas depois já fui me acostumando com a pegada de lá [...].”</p> <p>“Me adaptei. Fiquei tranquilo.”</p>
Atleta 13	<p>“O nosso futebol aqui [Brasil] é muito mais relevante, a qualidade é muito melhor que a deles [bolivianos] [...] A deles é muito abaixo da média.”</p> <p>“A dificuldade era o horário dos jogos, porque geralmente, lá [Bolívia], o campeonato começa a uma hora da tarde, então isso aí foi uma dificuldade.”</p> <p>“A gente se adaptou bem, porque já tinha vários brasileiros que jogavam lá [Bolívia] [...] Assim facilitava um pouco dentro de campo [...].”</p>
Atleta 14	<p>“O futebol no Corumbaense, já era, assim, vamos dizer, mais profissional [...] Na Bolívia era mais Amadorismo [...] É mais por amor mesmo. Os torcedores de lá [Bolívia] são muito fanáticos.”</p> <p>“Horário. Lá fazem o primeiro, segundo e terceiro horário. No caso, começa um jogo.”</p> <p>“No começo foi meio estranho [...] Porque aqui [Brasil] eu jogava numa posição e lá [Bolívia] até o nome se fala diferente. Mas, depois, eu consegui me adaptar [...].”</p>
Atleta 15	<p>“O futebol mais vistoso era aqui no Corumbaense [...]”</p> <p>“Nenhum desafio [...] Apenas a possibilidade de jogar no profissional da Bolívia [...].”</p> <p>“Foi Tranquilo [...] Lá [Bolívia] eu jogava na mesma posição que aqui [Brasil].”</p>

Fonte: informações coletadas na pesquisa de campo.

Quadro 4 – O complemento de renda dos futebolistas do CFC na fronteira Brasil-Bolívia

Descrição	Respostas
------------------	------------------

Atleta 1	<p>“A parte financeira realmente ajudava [...] Não tinha nada de algo extravagante, mas, ajudava [...] Era um dinheiro que já te salvava ali durante dois, três dias apenas, mas nada de relevante, nada mais do que isso aí.”</p> <p>“Eu, quando joguei amador na Bolívia, achava que o futebol amador era mais rentável. O futebol profissional era três meses, quatro meses, no máximo, aqui na cidade [Corumbá], e o amador você tinha ali [Bolívia], seis, sete meses, então você acabava ganhando muito mais no amador do que no profissional.”</p> <p>“Devido ao Estadual ter acabado e você não tinha a oportunidade de dar sequência na sua carreira [...] Optava pelo amador para não ficar parado.”</p>
Atleta 2	<p>“Ajuda, né? [...] Tipo assim, um pouquinho a mais sempre é bom, sempre ajuda, ainda mais nesse momento que a gente tá vivendo [...] Vai falar que: “Ah, vai ficar rico”... Não vai, mas ajuda bastante [...]”</p> <p>“No Brasil é a garantia de que você vai receber [...] Você tendo um contrato você profissional, você vai receber. Agora, na Bolívia, tem o boliviano e as vezes no dólar também [...].”</p> <p>“Por ser perto. Numa cidade, num país [Bolívia], não muito longe do nosso [Brasil], por ser fronteira. Bem perto, então acho que facilita essa transição de a gente ir, jogar lá [Bolívia] e voltar [...].”</p>
Atleta 3	<p>“Dá bastante diferença [...] Porque o campeonato deles [bolivianos], é muito corrido [...]. É de semana em semana, é difícil você folgar. Às vezes é sábado, às vezes é domingo e, querendo ou não, ajuda, né? Toda semana dando um dinheiro, dando gasolina [...] E eles [bolivianos] não têm essa... Como que eu posso dizer? Eles não seguram o dinheiro. Se for para ajudar o time deles, como eu falei, eles não medem esforços para poder ajudar também.”</p> <p>“No Brasil”</p> <p>“É um dinheiro extra que entra e, querendo ou não, ajuda muito [...] Então, sempre que tive oportunidade de ir, eu lá [Bolívia].”</p>

<p>Atleta 4</p>	<p>“Ajudou muito. Um dinheiro que veio a agregar muito. Falando, assim, do futebol amador, aqui no Brasil, ele não chega a ser igual na Bolívia [...] Na Bolívia, o futebol amador é questão financeira [...] Eles [bolivianos] levam muito a sério. Eles pagam tudo certinho [...] O futebol aqui no Brasil, o amador, ele não tem muito incentivo financeiro. Aqui a gente monta um time, é mais coisa familiar, por amizade [...]”</p> <p>“No Brasil [...] Agora, quando jogava profissionalmente no Brasil. Mas, se fosse hoje, profissionalmente, eu escolheria jogar na Bolívia.”</p> <p>“É porque, assim, o nosso estado [MS] Aqui onde a gente mora, o campeonato profissional, a competição é muito pouca [...] O calendário é muito curto. Então a gente tem que complementar o restante do ano indo jogar na fronteira; jogar na Bolívia; jogar no Paraguai. E eu também jogo futsal. Eu também Joguei futsal no Paraguai, joguei em outros lugares [...]”</p>
<p>Atleta 5</p>	<p>“Não teve muita diferença, não, porque, lógico, aqui no Brasil você faz um contrato melhor [...] Um contrato de profissional e tal, mas era um dinheiro extra que também era bom, que ajudava o final de semana. Era um dinheiro extra bom que vinha. Lá [Bolívia], como o campeonato é o ano inteiro, ajudava, porque, geralmente, todo final de semana lá tem jogos [...] Então, acaba um campeonato em junho, em agosto já começa outro. Praticamente o ano inteiro você ganhando alguma coisa final de semana [...]”</p> <p>“No Brasil, sem dúvidas [...]”</p> <p>“Oportunidade, né? Eu acho que foi a oportunidade que eles me ofereceram e quem não quer uma renda extra?”</p>
<p>Atleta 6</p>	<p>“Não mudou muita coisa, não, mas era um dinheirinho a mais ali, que ajudava a comprar algumas coisas pra minha casa, né?”</p> <p>“No Brasil.”</p> <p>“Porque aqui nós temos um gasto um pouquinho a mais, né? E lá achei uma maneira extra de ganhar um dinheiro.”</p>

Atleta 7	<p>“Me ajudou bastante. Foi muito bom. Em Porto Quijarro, como é divisa aqui [Bolívia], eles [bolivianos] pagam em real. Mas, lá em Sucre, por exemplo e La Paz, eles pagam em dólar, que é alto e é um valor muito bom. Isso impactou bastante para mim e me ajudou bastante.”</p> <p>“Em questão financeira, eu acho que, na Bolívia, né? E também questão de futebol; eu acho que lá tem mais oportunidade, tem mais visibilidade do que aqui em Corumbá, que tem pouca visibilidade, porque você acaba o campeonato estadual e não tem mais onde jogar além do amador.”</p> <p>“Como todo jovem tem, eu tinha um sonho de ser jogador, então buscava outras alternativas; e, para mim, jogando em outro país [Bolívia], talvez eu conseguiria realizar meu sonho.”</p>
Atleta 8	<p>“Eu falo mais assim em questão financeira, de bens, essas coisas, não [...] Mas, assim, o dono do time que me levava, ele ajudou muito meus pais [...]. No alugue, tinha época que a gente ficava sete, oito meses sem pagar aluguel, na época de campeonato, que ele bancava tudo [...]”</p> <p>“Pra falar a verdade, aqui em questão de fronteira, era muito melhor na Bolívia [...]. Muito melhor na Bolívia.”</p> <p>“A parte de você tá com o dinheiro em mãos mesmo [...]”</p>
Atleta 9	<p>“Me ajudou um pouco, porque eu estava precisando também [...]”</p> <p>“No Brasil.”</p> <p>“Pela experiência, pelo dinheiro também [...]”</p>
Atleta 10	<p>“A questão financeira, porque lá em Santa Cruz [Bolívia] Era um salário em dólar [...]”</p> <p>“Para mim foi na Bolívia [...] Na Bolívia foi melhor”</p> <p>“Foi uma oportunidade que eu tive [...] Porque eu tinha acabado de sair do Corumbaense e apareceu essa oportunidade de poder jogar lá [Bolívia] Uma experiência nova também.”</p>
Atleta 11	<p>“Ajuda bastante, porque é um dinheirinho extra que é bom [...] Não é aquele para você ficar rico, mas é um dinheiro extra que vai suprir as suas necessidades.”</p> <p>“Foi aqui em Corumbá.”</p> <p>“Porque aqui no Brasil é difícil [...] Tem muito jogador que é valorizado aqui. Lá na Bolívia, o povo valoriza mais ainda, então, recebi esse convite para ir para lá [...]”</p>

Atleta 12	<p>“Na Bolívia, os amadores que eu ia jogar sempre me pagavam. Em Roboré mesmo, eles me ligavam [...] Vou te mandar um dinheiro aí, para colocar gasolina, e aqui [Bolívia] a gente vai pagar você por jogo [...] Em média, eles me pagavam duzentos, duzentos e cinquenta reais cada jogo [...]”</p> <p>“Eu acho que, para mim, no meu caso, acho que foi lá na Bolívia, porque lá o período é maior.”</p> <p>“Depois que o meu ciclo já se encerrou com o futebol daqui do Corumbaense, eu tava desempregado e tudo, daí eu comecei a ir para lá [...] Então esse dinheiro ia me ajudando. Questão financeira.”</p>
Atleta 13	<p>“Ajudou, ajudou, mas não ajudou assim, né?[...] Para comprar algumas coisinhas dentro de casa, que sempre faltava na época; nós não tínhamos uma profissão, assim,né? Porque, acabava o estadual, nós ficávamos desempregados e eu não tinha uma outra fonte de renda [...] Lá [Bolívia] era por jogo, dava cento e cinquenta reais.”</p> <p>“O Corumbaense, né? Tinha um salário, mas não também não era aquele salário, assim... Porque, a gente da casa sempre foi um pouco desvalorizado, em termos de salário, entendeu? [...]”</p> <p>“Porque não tinha uma fonte segura aqui [Brasil] Eu tinha que estar aí, ajudando minha família, então eu tinha que correr pro outro país [Bolívia] [...]”</p>
Atleta 14	<p>“Me ajudou muito [...] Eu consegui, assim aproveitar [...] Vou falar uma coisa: tinha equipe amadora que eu cheguei a ganhar até mais valor do que no profissional. Foi bastante positivo.”</p> <p>“Para mim, foi na Bolívia.”</p> <p>“Foi em decorrência do campeonato aqui [Brasil] no estado ser muito curto [...] Calendário. Você jogava três meses e ficava oito meses parado, aí você tinha que fazer sua correria.”</p>
Atleta 15	<p>“Foi muito bom, né? Ajudou bastante. Através de cada jogo você recebia uma quantidade boa [...]”</p> <p>“Era aqui no Corumbaense [...]”</p> <p>“Fui jogar lá [Bolívia] mesmo pelo financeiro que eles [bolivianos] davam [...] Calendário aqui do nosso estado, de Mato Grosso do Sul, infelizmente é péssimo, né? Tem que viver de três em três meses. Aí não dá [...]”</p>

Fonte: informações coletadas na pesquisa de campo

Quadro 5 – A carreira dos futebolistas do CFC e a sazonalidade na fronteira Brasil-Bolívia

Descrição	Respostas
<p>Atleta 1</p>	<p>“Porque você não ficava parado, né? Você tava em atividade o ano todo, aí quando você voltava pro profissional, você tava com ritmo, você tava jogando, de uma maneira ou outra, acaba te ajudando [...] Até mesmo porque você ficava parado seis meses [...] E, nesses seis meses, você ficava lá na Bolívia em atividade e, querendo ou não [...] Em vez de você ficar parado na sua cidade, você tava jogando o amador, ganhando um extra e em atividade.”</p> <p>“Creio que hoje não tem mais essa abundância de atletas do Corumbaense jogando na fronteira [...] Principalmente no profissional, já que o clube [CFC] contrata muitos jogadores de fora [...] Então os moleques da casa, dificilmente eles estão jogando no futebol boliviano.”</p> <p>“O bom é certamente o lado financeiro, que ajuda bastante. E o ruim é a maneira de jogo [...] Você sempre tá arriscado a se machucar. Você vai para ganhar o seu dinheiro, mas com a preocupação de você sair de lá inteiro, porque realmente o futebol é mais força do que técnica [...] Então a preocupação maior é você não se machucar.”</p> <p>“Com certeza [...] Depois que você acaba o contrato no profissional, que era três, quatro meses, você não podia viver só do futebol amador na Bolívia, então durante a semana você tinha outros afazeres [...] No meu caso, eu tinha um curso de marceneiro. Eu conseguia trabalhar em marcenaria, então conseguia me virar de outras formas [...] Você não dependia exclusivamente só do futebol profissional [...].”</p> <p>“No meu caso, eu fiz foi ter ido embora [...] Praticamente foram vinte anos de futebol profissional, jogando no futebol paranaense, futebol catarinense, goiano, mato-grossense, mineiro, paulista [...] Então, a minha realidade, depois foi outra [...] O amadorismo acabou, praticamente eu fui um profissional na minha carreira. Foram vinte anos, vinte e cinco clubes diferentes.”</p>

<p>Atleta 2</p>	<p>“Tem o risco [...] Você jogando amador, você corre o risco [...]. Você ser um atleta profissional e jogar um amador e se lesionar... Infelizmente você vai arcar com prejuízo pra sua carreira. Tem o valor monetário que agregam no que você recebe, mas, pensando em carreira profissional, é um risco [...]”</p> <p>“Sim. Pelo valor da moeda hoje em dia [...] Tipo assim, o dólar, o boliviano e o real estão equiparando... O real com o boliviano... Então às vezes o valor tá sendo tentador, cada vez mais. É o valor subir, dos atletas irem para lá [Bolívia].”</p> <p>“Positivo é uma forma Complementar calendário e estar em atividade [...]. E a parte do prejuízo do atleta, de se lesionar. Aí aparece alguma equipe, já não pode poder ir, porque está lesionado, então isso acho que tem o lado bom e o lado ruim [...] Dessa parte de estar jogando lá, de estar jogando para manter a atividade e depois, aqui, como que fica? Aí tem uma lesão lá [Bolívia].”</p> <p>“Somente o futebol mesmo [...]”</p> <p>“Já, faz uns dois anos que eu parei. Tentei voltar no passado, mas tive uma lesão na panturrilha, não consegui dar retorno a minha atividade profissional. E tentei voltar, mas, infelizmente não consegui, aí tive que parar e encerrar a carreira agora.”</p>
<p>Atleta 3</p>	<p>“No começo, eu achei que sim, pelo fato de estar em outro país, e como tem... Os times lá [Bolívia] não são tão bons [...] Eu achava que lá era uma porta que podia se abrir, que eu poderia fazer diferença lá e continuar minha carreira por lá [...] Só que não foi como eu esperava e acabou que não deu certo.”</p> <p>“Eu acho que tende a crescer sim [...] Pelo fato de, conforme vai passando, o pessoal [bolivianos] vem assistir mais [...] Tem o corumbaense, que está jogando a série A, como já jogou a Copa do Brasil, a Copa Verde... E, como aqui [Corumbá] é mais perto para eles [bolivianos], eles vêm assistir e, conforme vai passando, eles vão convidando mais o pessoal para ir lá [Bolívia].”</p> <p>“Acho que foi um ponto negativo, pelo fato de o campeonato lá [Bolívia] ser ruim, ser muito competitivo, com medo de machucar [...]. Isso foi um ponto negativo [...] O ponto positivo, para nós, eu acho que foi a renda extra.”</p> <p>“Sou funcionário público.”</p> <p>“Acho que treinar mais, focar mais. Ter isso como objetivo, profissionalmente. Sonhar mais e não desacreditar do sonho. Agora, agora, eu ainda tenho objetivo, não deixo de acreditar, mas ainda tá bem distante, porém acredito ainda que nunca é tarde [...]”</p>

<p>Atleta 4</p>	<p>“Me ajudou muito [...] Eu aprendi muito com isso daí lá [Bolívia]. Certo que a gente teve uns erros e uns deslizes, mas a gente tirou muitas coisas boas do amador pro profissional [...]”</p> <p>“Sim. Tá crescendo muito [...] Eu vejo muitos meninos que moram na cidade e estão jogando já ali [Bolívia] na fronteira, entendeu? Eu vejo que estão ali, já, começando a participar mais dos campeonatos... Então, assim, a tendência é crescer muito mais.”</p> <p>“O ponto positivo é financeiro [...] Você chegar lá [Bolívia] para ter uma renda boa, porque é um investimento muito alto. Você é amador, mas é investimento alto. O negativo é que a gente não tem muito o respaldo que tem no Brasil [...]. Não tem aquele seguro, entendeu? Por ser amador, eles [bolivianos] pagam bem, só que você não tem uma coisa que vai te amparar depois. Uma lesão, alguma coisa, entendeu? [...]”</p> <p>“Quando eu jogava profissionalmente eu só vivia do futebol [...]”</p> <p>“Faltou um pouco mais de responsabilidade em mim, um pouco mais de comprometimento da minha parte como profissional.”</p>
<p>Atleta 5</p>	<p>“Ajudou, porque lá [Bolívia], o futebol é vulnerável, mas também tem equipes boas [...] Então, tinha competitividade legal lá, onde a gente conseguia manter pelo menos em forma pros jogos [...]”</p> <p>“Eu acho que tá crescendo [...] Porque vários atletas que já jogaram no profissional no Corumbaense estão indo para lá a Bolívia [...] E também pelo mesmo intuito; ou uns vão para galgar alguma coisa melhor, um time profissional, ou também para pegar um dinheiro no final de semana [...]”</p> <p>“Ponto positivo é Financeiramente [...]. É um dinheiro extra que você ganha, uma oportunidade de você pegar um clube da Bolívia [...] Já teve jogadores que já foram para clube da Bolívia jogar o amador, que se profissionalizaram. Acho que, de forma negativa, acho que não teve nenhuma [...] Teve só coisas boas lá [Bolívia]. Acho que foram mais coisas boas do que negativas.”</p> <p>“Sim. Devido o nosso calendário ser curto [...] Então a gente aqui [Brasil], praticamente, a gente não consegue viver de futebol. Então, a gente trabalha um período.”</p> <p>“Eu acho que aqui, em Mato Grosso do Sul, é devido a calendário, então a gente não tem como se estruturar a ficar permanente, viver de futebol [...] Então o tempo nosso de profissional é muito curto. Infelizmente, aqui em Mato Grosso do Sul, viver de futebol não tem condições [...]”</p>

<p>Atleta 6</p>	<p>“Não. Hoje não pretendo mais atuar profissionalmente [...]”</p> <p>“É, sim. Tem muitos brasileiros que jogam lá [Bolívia] [...] Acaba que o campeonato daqui [Brasil] do corumbaense, o profissional... A maioria lá tem tudo amigo, também, e os caras [bolivianos] fazem o convite e a maioria... Todos vão.”</p> <p>“Acho ponto positivo, o dinheiro [...] Negativo, não vejo.”</p> <p>“Na época que eu estava no profissional, não. Hoje sou funcionário público [...]”</p> <p>“Eu acho que faltou um pouco de oportunidade [...] Se tivesse um pouco mais de oportunidade do clube [CFC], eu creio que eu ainda estaria jogando profissionalmente. [...]”</p>
<p>Atleta 7</p>	<p>“Fica um negócio de aprendizado e também questão de currículo [...] A experiência que você teve, não só aqui no Brasil, como também na Bolívia [...]”</p> <p>“Sim. Eu tenho diversos amigos que vão jogar campeonatos amadores lá [Bolívia], que, no entanto, jogaram aqui [Brasil] profissionalmente, tanto no ano passado e no ano retrasado, e que se destacaram aqui também e foram jogar lá na Bolívia campeonatos amadores.”</p> <p>“Positivo, questão financeira mesmo [...]”</p> <p>“Sim. Eu fazia Uber, motorista de aplicativo [...]”</p> <p>“Eu era muito soberba [...] Acabei me descuidando e tal. Como todo jovem tem o sonho de ser profissional, então tem que agir como profissional [...] Se cuidar, porque o corpo depende da gente. Não consegui responder à altura de uma pessoa profissional para realizar meu sonho [...]”</p>

<p>Atleta 8</p>	<p>“Me ajudou bastante [...] Porque, cheguei de ir pra Bolívia mesmo através disso [...]. Fui pro Aurora, da Bolívia, através de estar jogando na fronteira e de ter um cara que me viu jogando o amador e me levou para lá [...] O Aurora de Cochabamba . É a primeira divisão na Bolívia.”</p> <p>“A questão dos jogadores do Corumbaense é óbvia. É óbvia. Todo mundo vai para a Bolívia. Hoje em dia, todo mundo vai para a Bolívia. Eu acho que agora com mais frequência do que antes.”</p> <p>“Positivo, que eu vejo, é que os meninos podem aparecer [...] Podem ir para um clube profissional; porque eu vejo que aqui [Brasil], a maioria dos meninos da base não tem oportunidade [...] Muitos também por coisa pessoal, por erro pessoal também [...] É fácil você só julgar a comissão ou o clube. Muitos erros nossos [...] Eu me incluo nisso também, de não estar ajudando, não estar participando, Mas é que os meninos também, numa forma de, seguinte: aqui vai ser dois, três meses, depois o clube nem liga... Você fica o ano inteiro sem calendário [...].”</p> <p>“Não. Era futebol apenas.”</p> <p>“Disciplina, que eu digo, dentro de campo, assim; de achar que só tecnicamente você vai sobressair aos outros.”</p>
<p>Atleta 9</p>	<p>“O mercado boliviano [...] Quando você jogava aqui [Bolívia] Se via a possibilidade de ir para outro país, entrando por aqui [...].”</p> <p>“Ah, sim, cara. Tá crescendo [...] Isso ajuda para quem quer ser jogador profissional [...].”</p> <p>“Uma coisa positiva é que os caras [bolivianos] te incentivam, falam para você não parar de jogar, continuar e seguir [...].”</p> <p>“Não, sempre futebol.”</p> <p>“Se dedicar ao máximo nos treinamentos, psicologicamente, fisicamente [...] Hoje estou ainda em atividade no Corumbaense [...].”</p>

<p>Atleta 10</p>	<p>“Acho que não, porque eu não continuei, não dei continuidade. Eu voltei já para trabalhar nem no futebol continuei; apenas no amador, só.”</p> <p>“Pode ser crescente [...] Tem muito mais brasileiro que joga aí [Bolívia] em Quijarro, Puerto Suárez [...].”</p> <p>“É uma coisa positiva [...] Você fica, também, um pouco conhecido e o pessoal [boliviano] gosta do povo brasileiro, gosta de ver futebol. É uma coisa positiva, sim [...] Parte negativa, não tem.”</p> <p>“Hoje eu faço, sou funcionário público [...] Antes, não. Antes eu não fazia. Depois que eu saí do CFC e depois fui pra Bolívia, aí sim eu comecei a trabalhar [...].”</p> <p>“O que faltou mesmo foi um pouquinho mais de oportunidades, né? Fora isso, só oportunidades, que foram poucas, né? Já tive, mas foram poucas.”</p>
<p>Atleta 11</p>	<p>“Sim. Talvez poderia ir mais pra frente, ir mais pro fundo na Bolívia [...].”</p> <p>“Com certeza [...] Porque é uma oportunidade.”</p> <p>“É um ponto positivo, porque abre as portas [...] De você poder ir e vir [...].”</p> <p>“Sim. Trabalhava de pintura [...] Na verdade, a gente tem que correr atrás de tudo, né? Então, a gente faz de tudo um pouco.”</p> <p>“Focar mais um pouco [...] Acho que, se tivesse um pouquinho mais de foco, estava num time grande hoje [...].”</p>
<p>Atleta 12</p>	<p>“Sim, porque, quando eu fui pra Santa Cruz [Bolívia], fiquei duas, três semanas quase, lá, em adaptação. Por problema familiar, tive que voltar [Brasil] [...].”</p> <p>“Sim. A tendência é crescer [...].”</p> <p>“Acho que o ponto mais positivo mesmo ali [Bolívia] é de a gente estar ali, fazer o que gosta [...] também a ajuda que eles dão pra gente e também pela amizade que a gente construiu lá. Ponto Negativo, acho que não tem [...].”</p> <p>“Não. Depois que eu saí do Corumbaense, eu fiquei desempregado, né? Aí foi tanto com esses amadores lá na Bolívia quanto aqui em Corumbá, que eu fui me mantendo.”</p> <p>“Eu estive um período com eles [CFC] em 2023 na volta à Série B, treinando [...] Aí por ocasião do treinador que chegou, já fez a lista e eu não fiquei. Mas pode ser que me faltou um pouco de empenho também [...].”</p>

<p>Atleta 13</p>	<p>“Acho que não. Pra mim, não ajudou em nada.”</p> <p>“Hoje em dia eles [atletas] estão buscando bastante. Tendência crescente.”</p> <p>“Eu acho, assim, de positivo é que pode ajudar a renda um pouco, mas o negativo é que você pode ter uma contusão e você ficar estourado, se arrebentar e nunca mais poder atuar no futebol.”</p> <p>“Não tinha nada [...] Só vivia do futebol.”</p> <p>“Eu tinha que ter mais profissionalismo, porque faltou um pouco [...]. Então, responsabilidade, porque às vezes eu me juntava com alguns moleques [...] Em termos de balada, entendeu? Aí acabou atrapalhando muito. Logo em seguida, eu tive a lesão no joelho, o que me complicou mais ainda e me atrapalhou bastante.”</p>
<p>Atleta 14</p>	<p>“Poderia, sim. Com certeza [...] Lá [Bolívia] a gente jogava o amador, mas também com o intuito de talvez ser chamado pra uma equipe profissional na Bolívia. Enquanto você tava no Corumbaense, você via mais o lado brasileiro [...] E, enquanto você tava na Bolívia, você via a possibilidade também de ascender para umas equipes profissionais.”</p> <p>“Aumentou, porque eu tenho muitos amigos que estão jogando lá ainda. De uns 3 anos para cá. Tá aumentando o amadorismo lá na Bolívia [...] Tende a crescer.”</p> <p>“Na Bolívia é Financeiro [...]. Você ia só pensando no intuito de ganhar dinheiro mesmo. Só positivo. Então tem que agradecer muito agradecer aos nossos irmãos bolivianos?”</p> <p>“Existia, sim. Tanto que, nos dois anos que eu joguei no Corumbaense, quando acabou a temporada nos três meses, o presidente do Corumbaense era empresário aqui na cidade e ele me contratava. Ele tinha uma loja pra mexer com ramo de turismo e a gente ficava lá até começar outro campeonato. Era eu e mais um [atleta].”</p> <p>“Tá aí uma pergunta que até eu faço [...] Assim, vontade não faltou. Talvez oportunidade, porque futebol, aqui na nossa cidade, principalmente no nosso estado, ele não é muito visto. É que hoje as mídias sociais ajudam [...] Naquela época, não tinha tantos empresários como tem hoje também [...] Porque hoje você tem um empresário que te ajuda pra caramba.”</p>

Atleta 15	<p>“Penso que não. Pra mim, não ajudou muito.”</p> <p>“Tende a aumentar [...] Porque o Calendário aqui do nosso estado, de Mato Grosso do Sul, infelizmente é péssimo, né? Tem que viver de três em três meses. Aí não dá, né?”</p> <p>“Ponto positivo é que sempre davam uma renda extra para nós e completam nosso calendário [...] Terminava o campeonato aqui [Brasil], ia pra Bolívia terminar o resto do ano [...].”</p> <p>“Era só o futebol mesmo”</p> <p>“Acho que naquela época faltou um empresário pra mim. Oportunidade para jogar fora”</p>
------------------	---

Fonte: informações coletadas na pesquisa de campo

Quadro 6 – A pandemia da Covid-19 e os desafios do atleta profissional do CFC no contexto fronteiriço

Descrição	Respostas
Atleta 1	“No meu caso, não atrapalhou tanto, porque já tinha encerrado a carreira como atleta profissional e também já não vivia mais do futebol amador na Bolívia. Então, para mim, particularmente, não me atrapalhou em nada.”
Atleta 2	“Sim, teve. Parou tudo, né? E, quando fecha a fronteira para eles [bolivianos], pra gente [brasileiros] também tudo dificulta mais, porque a gente precisa também do outro lado [Bolívia], também como eles precisam da gente. Ainda mais nessa pandemia que teve, afetou todo mundo, parou tudo, todos os campeonatos pararam [...] No mundo inteiro parou, então afetou bastante. Quem vive da bola, afetou bastante.”
Atleta 3	“Então, ficou fechada [fronteira] lá [Bolívia] e deu essa queda da renda [...] Que querendo ou não, era uma renda extra e ajudava muito. Então eu acredito que a gente ficou uns quatro ou cinco meses sem poder ir, porque, mesmo liberando o futebol, eles [bolivianos] não deixavam o pessoal brasileiro atravessar para lá.”
Atleta 4	“O impacto foi muito grande [...] Porque já tinha começado o campeonato lá [Bolívia] e já tinha pego uma quantia para jogar e fechado um acordo [...] É amador, mas a gente faz um acordo [...] Aí, uma quantia em dinheiro que ia me ajudar muito na minha renda, entendeu? [...] Então, aquilo dali causou um prejuízo muito grande para mim.”
Atleta 5	“Eu acho que nessa época da pandemia, acho que foi relevante para todos [...] Acho que os dois lados [Brasil-Bolívia] ficaram... Ficou difícil, né? Tanto financeiramente, quanto... Não podia praticar o esporte, né? Acho que os dois lados sentiram um impacto grande, com certeza.”

Atleta 6	“Ah, teve um impacto financeiro, né? Porque, na época, eu ia direto lá [Bolívia] ganhar um extra, como eu disse né? Então, acho que a fronteira ficou fechada uns seis meses.”
Atleta 7	“Sim, com certeza. No momento da pandemia, eu tive que buscar outra alternativa, né? Porque eu não podia depender daquilo ali, porque ia ficar muito tempo fechada a fronteira, não tava tendo pelada, não tava tendo futebol, então tive que buscar outra alternativa e trabalhar no mercado.”
Atleta 8	“Foi total. Foi aí que eu parei de jogar. Foram os dois anos que eu parei de jogar, e que eu decidi parar também, né? E ficamos dois anos sem nada na Bolívia... E você, naquele desespero, porque você também não podia trabalhar, também não podia jogar profissionalmente, não tinha como você conseguir na Bolívia receber alguma coisa de ajuda. E a gente tentava manter, no entanto... Pra você ver o impacto que fez a pandemia... Esse, o padrinho nosso aqui, que sempre levava nós, fechou uma loja que ele tinha lá [Bolívia], da Pirelli, do pneu. Ele teve que ir embora pro Paraguai. Aí foi um caos total. Terrível. E afetou todo mundo[...].”
Atleta 9	“Atrapalhou muito [...]. Essa pandemia aí veio do nada, e às vezes a gente precisava de dinheiro [...] Nem a gente podia sair na rua para comprar , e muito menos atravessar pro lado de lá [Bolívia].”
Atleta 10	“Foi ruim. O que impactou foi porque eu tava jogando no Corumbaense, nessa época, né? Em 2020, teve a pandemia, parou. Eu estava jogando o sul-mato-grossense. Aí, depois de um tempo, eu fui pra Santa Cruz - nessa época do Covid. Teve todos os exames, um hospital que cobria lá, em Santa Cruz [...] Aí foi nesse momento que eu fui para Santa Cruz, nessa época da pandemia. Eu joguei lá, até o final de 2020 [...].”
Atleta 11	“Ficou meio difícil, né? Porque era um dinheirinho extra de lá [Bolívia], uma renda extra. Aí meio que travou tudo [...] A gente teve que correr atrás mais de serviço por aqui mesmo, pelo Brasil.”
Atleta 12	“Impactou bastante, porque foi complicado também [...] Porque a ajuda financeira que eu tinha era dali [Bolívia] [...]”
Atleta 13	“Pode ser que sim, mas bem mais bem pouco [...] Eu creio que cada um procurou uma outra fonte de renda, em termos de fazer serviço por fora. Sempre tem alguma outra profissão.”
Atleta 14	“Prejudicou bastante. Inclusive, tinha amigos meus, colegas meus que dependiam desse futebol amador da Bolívia. Aí, com a pandemia lá... Principalmente na Bolívia. No meu caso, não porque eu estava trabalhando já.”
Atleta 15	“Teve um pouco de impacto em função do fechamento da Bolívia. No meu caso não, na época da pandemia, eu já tinha parado [...] Não estava atuando.”

Fonte: informações coletadas na pesquisa de campo

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

12/05/2023, 08:45

SEIUFMS - 4055148 - Carta



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Apresentamos o acadêmico Osvaldo Gonçalves Júnior, RGA nº 202200119, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos Fronteiriços, do Câmpus do Pantanal, da Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O referido mestrando, em razão das atividades acadêmicas, necessita realizar uma pesquisa com atletas de futebol profissional que atuaram no Corumbaense Futebol Clube (CFC) e buscam alternativas de trabalho na Bolívia através de atividades futebolísticas. O sr. Osvaldo Gonçalves Júnior está realizando a pesquisa intitulada de: "O movimento migratório sazonal dos atletas de futebol profissional na região fronteira Brasil-Bolívia", sob a orientação do professor Doutor Carlo Henrique Golin.

Para a elaboração de sua dissertação o acadêmico necessita coletar informações sobre atletas profissionais do CFC que realizam o movimento migratório sazonal na região fronteira Brasil-Bolívia, quais sejam:

1. Conhecer quais os fatores que levam os atletas a buscarem alternativas de trabalho na Bolívia como uma complementação de renda e preenchimento do calendário anual em atividades futebolísticas;
2. Conhecer os efeitos da pandemia da Covid-19 no processo dos movimentos migratórios sazonais desses atletas na fronteira Brasil-Bolívia;
3. Entrevistar os atletas envolvidos na pesquisa para a coleta de dados;
4. Realizar a aplicação de questionário semiestruturado com os atletas do CFC de forma presencial ou remota.

Nesse sentido, solicitamos a devida autorização e apoio para a realização desse trabalho.

Atenciosamente,

Edgar Aparecido da Costa
Coordenador do Curso
CPOS/EFR/CPAN/UFMS

Corumbá, 10 de maio de 2023

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DO CFC**ANEXO D - Declaração de anuência do Corumbaense Futebol (CFC)**

Corumbá-MS, 12 de Junho de 2023.

Declaração de anuência

O Corumbaense Futebol Clube (CFC) declara para devidos fins que, Osvaldo Gonçalves Junior aluno do curso Mestrado de Estudos Fronteiriços, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Câmpus do Pantanal (CPAN), está autorizado realizar atividades de pesquisa nas dependências do clube, no decorrer do ano de 2023/2024. O referido Projeto é intitulado: “O movimento migratório sazonal dos atletas de futebol profissional na região fronteiriça Brasil-Bolívia”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Fronteiriços (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

João Luiz Ribeiro
Vice-Presidente do Corumbaense Futebol Clube

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



Continuação do Parecer: 6.216.848

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2133190.pdf	18/07/2023 16:55:52		Aceito
Outros	Questionario.pdf	18/07/2023 16:50:58	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEP_UFMS_2023.pdf	18/07/2023 16:48:46	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEP_Digitalizada.pdf	18/07/2023 16:42:18	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Outros	Projeto_de_Mestrado_MEF_UFMS_2023.pdf	18/07/2023 16:38:11	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Metodologia_Modificada_Plataforma_Brasil_CEP.pdf	18/07/2023 16:35:39	OSVALDO GONCALVES JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	18/07/2023 16:30:21	OSVALDO GONCALVES JUNIOR	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_EXECUCAO.pdf	02/07/2023 22:35:44	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Outros	Declaracao_Anuencia_CFC.pdf	01/07/2023 11:26:09	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	16/05/2023 16:56:44	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Outros	Carta_de_Apresentacao.pdf	16/05/2023 15:43:09	OSVALDO GONCALVES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	16/05/2023 15:40:00	OSVALDO GONCALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 03 de Agosto de 2023

Assinado por:
Juliana Dias Reis Pessalacia
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ∩ Prédio das Pró-Reitorias ∩ Hércules Maymone ∩ 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br